



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

*ELEMENTOS DE FONOLOGIA, MORFOSSINTAXE E SINTAXE
DA LÍNGUA AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS*

Brasília
2015

ARIEL PHEULA DO COUTO E SILVA

**ELEMENTOS FONOLOGIA, MORFOSSINTAXE E SINTAXE
DA LÍNGUA AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.
Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**Brasília
2015**

ARIEL PHEULA DO COUTO E SILVA

**ELEMENTOS DE FONOLOGIA, MORFOSSINTAXE E SINTAXE
DA LÍNGUA AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS**

Brasília, 02 de março de 2015.

Professora e orientadora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Dra. (Presidente)
Universidade de Brasília

Prof. Tabita Fernandes da Silva, Dra. (Membro externo)
Universidade Federal do Pará

Prof. Rozana Reigota Naves, Dra. (Membro interno)
Universidade de Brasília

Prof. Eliete de Jesus Bararuá Solano, Dr. (Suplente)
Universidade Estadual do Pará.

Dedico esta dissertação a todos os envolvidos direta ou indiretamente nesta pesquisa; aos Avá-Canoeiro do Tocantins, Mat̄fa, Nakwat̄fa, Iawi, Tuia, Trumak, Niwatima e Pât̄fio (e Mar̄ino); e ao professor Aryon Rodrigues, *in absentia*.

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Brasília e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB) pela oportunidade de realização deste Mestrado.

Ao CNPq pela bolsa de pesquisa concedida, uma vez que, sem esta, as pesquisas de campo, compra de equipamentos e de materiais de estudo não teriam sido possíveis.

Ao PPGL pelo apoio a participação em evento nacional em 2014, e ao Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPP/UnB) e FINATEC pelo apoio concedido no mesmo ano para participação em evento internacional.

Ao Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/IL/UnB) pela recepção há 6 anos atrás e por toda trajetória percorrida.

Agradeço em especial à professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, primeiramente pelo convite para fazer parte do LALLI quando eu ainda estava no 1º semestre da graduação em Letras - francês, em 2008; por toda a amizade e orientação despendida ao longo de três iniciações científicas (2009-2012) bem como, principalmente, no âmbito desta dissertação; e pelo incentivo e convite a participação em publicações ao longo destes últimos anos, que muito refletem o desenvolvimento de minha compreensão acerca das línguas indígenas da família Tupí-Guaraní. Agradeço também pela ajuda pessoal que gentilmente despendeu, colaborando na minha participação a ida em eventos nacionais e internacionais e em idas a campo.

Agradeço ao professor Aryon Dall’Igna Rodrigues, *in absentia*, primeiramente pela iniciativa de criação do LALLI enquanto um Laboratório ímpar no Brasil e no mundo, e, também, pelos ensinamentos despendidos ao longo dos seus últimos anos, tanto de forma direta, por meio de falas, conferências e aulas, como de forma indireta, por meio de suas publicações, que refletem suas sete décadas de atenção especial às línguas e povos indígenas do Brasil.

Às professoras Tabita Silva (UFPA), Rozana Naves (UnB) e Eliete Solano (UEPA) por terem gentilmente aceitado fazer parte da Banca Examinadora desta dissertação, e pela sugestão de melhorias.

À Suseile por toda amizade, paciência e parceria em pesquisas sobre línguas Tupí, desde minha entrada no Laboratório.

Ao Jorge Domingues pela amizade no Laboratório e contribuições quanto ao aprimoramento dos meus conhecimentos informáticos, o que muito colaborou para a formatação final desta dissertação.

À amizade dos amigos e colegas lallenses que já terminaram sua formação, Sanderson, Fernando, Chandra, Maxwell, Lidiane, Tiscianne, Mauro Ñandeva Tembeopé, Anita Tikuna, Aisanain Paltu Kamaiurá, Joaquim Maná Kaxinawá, Kaman Kalapalo, Makaw Mehinaku; bem como dos que continuam sua formação, Warý Awetí Kamaiurá, Namblá Laklãnõ Xokléng, Rodrigo, Fábio, Lucivaldo, Ana Aguilar e Áustria; e dos graduandos lallenses Gabriel, Felícia, Gabriela e Chayenne.

Aos pesquisadores profs. Cristian Teófilo e Lorraine Silva pelas conversas esclarecedoras acerca dos Avá-Canoeiro e à Patrícia Rodrigues pela disponibilização de trabalhos.

À Fundação Nacional do Índio (FUNAI), principalmente ao Egipson Correia, coordenador da CTL de Minaçú, pelo imenso apoio ao longo de todas as idas à campo e amizade desde 2012; e à Ester pelas conversas acerca dos Avá-Canoeiro. Agradeço também à Clarisse Jabor, Carlos Travassos e Leila Sotto-Maior, bem como aos demais servidores da Coordenação de Índios Isolados e de Recente Contato (CGIIRC/FUNAI) e da Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas (AAEP/FUNAI) por todo apoio prestado.

À enfermeira da SESAI junto aos Avá-Canoeiro, Maria Antônia e aos motoristas da SESAI que a acompanham, pelo apoio prestado em campo.

Aos Avá-Canoeiro, um agradecimento especial por toda a história compartilhada desde 2012 e pelos aprendizados não somente sobre o funcionamento de sua língua – objeto desta dissertação – como também sobre um pouco de sua resiliência, hábitos e costumes, e, sobretudo, sobre sua felicidade mesmo diante de tantos percalços vividos. Agradeço ao Iawi por todos os momentos de aprendizado que me proporcionou, tanto na TI Avá-Canoeiro quanto em Minaçú, Brasília e Goiânia. À Matjã, Nakwatjã e Tuia, por toda amizade e aprendizado durante meu tempo na aldeia. À Niwatima e Trumak por toda amizade ao longo desta pesquisa e pelos aprendizados e experiências compartilhadas. Ao Marinho (Parazinho), marido de Niwatima, por toda colaboração durante esta pesquisa. Ao pequeno Pãtjô, por sua dinâmica e criatividade, por ter desencadeado a reflexão junto aos seus pais, Trumak e à mim, acerca de um espaço de aula que conseguisse servir a todos.

Aos meus amigos de longa data, dentro e fora da UnB, à minha companheira Camila e à minha família por toda paciência e apoio incondicional durante todos os percursos da

pesquisa, compreendendo inclusive eventuais ausências por conta de viagens ou dias e noites de trabalho constante.

À todos que de alguma forma possam ter contribuído direta ou indiretamente para que esta pesquisa pudesse se encaminhar e chegasse ao seu estado final.

RESUMO

A presente dissertação descreve aspectos da fonologia, morfossintaxe e sintaxe da língua Avá-Canoeiro, a qual pertence à família Tupí-Guaraní, tronco Tupí. Neste estudo, tratamos exclusivamente do Avá-Canoeiro do Tocantins, variedade diatópica do Avá-Canoeiro falada ao norte de Goiás. No capítulo 1 aprofundamos a descrição da fonologia desta língua à luz de dados da variedade mais conservadora, isto é, de dados dos falantes remanescentes do contato. No capítulo 2 tratamos de aspectos da morfossintaxe do Avá-Canoeiro do Tocantins, como as diferenças entre nomes e verbos, argumentos e predicados. Descrevemos também a morfologia dos modos verbais indicativo I, indicativo II, Imperativo e Gerúndio, bem como a morfologia flexional – flexão pessoal, casual e relacional. No capítulo 3 tratamos de aspectos da sintaxe do Avá-Canoeiro do Tocantins, enfocando a diferenciação entre argumentos sintáticos e argumentos marcados no núcleo do predicado, buscando descrever como esta língua expressa as categorias de pivô semântico, tópico e foco.

Palavras-chave: Avá-Canoeiro; Avá-Canoeiro do Tocantins; Tupí-Guaraní; Fonologia; Morfossintaxe; Sintaxe.

ABSTRACT

The present dissertation describes aspects of the fonology, morphosyntax and syntax of Avá-Canoeiro, a language which belongs to the Tupí-Guaraní family, Tupi stock. We have focused exclusively on the variety Avá-Canoeiro do Tocantins, which is spoken in the north of Goiás state. In chapter 1, we present the description of the most conservative phonology of Avá-Canoeiro do Tocantins. In chapter 2, we focus on the Avá-Canoeiro do Tocantins morphosyntax, showing the differences between nouns and verbs, arguments and predicates, as well as the main morphological features differentiating indicative I, indicative II, imperative and gerund moods. We also describe personal, casual and relational inflection . In chapter 3 we describe certain aspects of the syntax of the Avá-Canoeiro do Tocantins, highlighting the difference between syntactic arguments, and arguments marked on the predicate core, seeking to describe how this language expresses semantic pivot, topic and focus categories.

Keywords: Avá-Canoeiro; Avá-Canoeiro do Tocantins; Tupí-Guaraní; Fonology; Morphosyntax; Syntax.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	12
LISTA DE SIGLAS	13
LISTA DE ABREVIATURAS	14
0. INTRODUÇÃO	16
0.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
0.2. AVÁ-CANOEIRO: O POVO E A LÍNGUA.....	17
0.2.1. A história a partir da chegada dos colonizadores e exploradores	18
0.2.2. A língua Avá-Canoeiro.....	23
0.3. METODOLOGIA.....	24
0.3.1. Fundamentação teórica	24
0.3.1.1. Referenciais teóricos.....	24
0.3.1.2. A bibliografia disponível sobre os Avá-Canoeiro	25
0.3.1.3. Metodologia de análise sociolinguística	26
0.3.2. A pesquisa linguística de campo junto aos Avá-Canoeiro	27
0.3.3. Dados linguísticos	29
0.3.4. Organização dos capítulos	30
1. ELEMENTOS DE FONOLOGIA E MORFOFONOLOGIA	32
1.1. FONOLOGIA SEGMENTAL DO AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS	32
1.1.1. Fonemas consonantais e seus alofones.....	37
1.1.1.1. Oclusivos e africada surda	38
1.1.1.1.1. /p/ oclusivo bilabial surdo.....	38
1.1.1.1.2. /t/ oclusivo alveolar surdo	38
1.1.1.1.3. /k/ oclusivo alveolar surdo.....	39
1.1.1.1.4. /k ^w / oclusivo velar labializado surdo.....	40
1.1.1.1.5. /tʃ/ africada alveopalatal surda	41
1.1.1.2. Consoantes nasais	42
1.1.1.2.1. /m/ consoante bilabial nasal	42
1.1.1.2.2. /n/ consoante alveolar nasal	42
1.1.1.2.3. /ŋ/ consoante velar nasal	43
1.1.1.3. Consoante fricativa	43
1.1.1.3.1. /ʁ/ fricativa uvular sonora	43
1.1.1.4. Consoante lateral	44
1.1.1.4.1. /l/ consoante lateral alveolar sonora.....	44
1.1.1.5. Aproximantes.....	45
1.1.1.5.1. /w/ consoante aproximante bilabial	45
1.1.1.5.2. /j/ consoante aproximante palatal.....	46
1.1.2. Fonemas vocálicos e seus alofones	49
1.1.2.1. Vogais orais anteriores.....	49
1.1.2.1.1. /i/ vogal anterior alta não arredondada.....	49
1.1.2.1.2. /e/ vogal anterior média não arredondada	51
1.1.2.1.3. /a/ vogal anterior baixa não arredondada	52
1.1.2.2. Vogal oral central	54
1.1.2.2.1. /i/ vogal central alta não arredondada	54
1.1.2.3. Vogais orais posteriores.....	56
1.1.2.3.1. /u/ vogal posterior alta arredondada.....	56
1.1.2.3.2. /o/ vogal posterior média arredondada.....	57
1.1.2.4. Vogais nasais anteriores.....	59

1.1.2.4.1. /ĩ/ vogal anterior alta não arredondada nasal	59
1.1.2.4.2. /ẽ/ vogal anterior média não arredondada nasal.....	59
1.1.2.4.3. /ã/ vogal anterior baixa não arredondada nasal.....	59
1.1.2.5. Vogal nasal central	60
1.1.2.5.1. /ĩ/ vogal central alta não arredondada nasal.....	60
1.1.2.6. Vogais nasais posteriores.....	61
1.1.2.6.1. /ũ/ vogal posterior alta arredondada nasal.....	61
1.1.2.6.2. /õ/ vogal posterior média arredondada nasal.....	61
1.2. PROCESSOS FONOLÓGICOS E MORFOFONOLÓGICOS.....	62
1.2.1. Palatalização de /t/.....	62
1.2.2. Aspiração e faringalização de consoantes	63
1.2.3. Enfraquecimento, vocalização e elipse de consoantes	63
1.2.4. Nasalização de aproximantes.....	66
1.2.5. Consonantização de /i/ e /u/.....	67
1.2.6. Nasalização vocálica.....	67
1.2.7. Alongamento vocálico.....	67
1.2.8. Fusão e elipse de vogais	68
1.2.9. Inserção vocálica	69
1.2.10. Nasalização de consoantes.....	71
1.3. SÍLABA E ACENTO.....	72
1.4. MUDANÇAS EM CURSO.....	73
2. ELEMENTOS DE MORFOSSINTAXE.....	75
2.1. NOME E VERBO, ARGUMENTO E PREDICADO EM AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS.....	75
2.1.1.1. A Categoria Nome em Avá-Canoeiro do Tocantins	77
2.1.1.2. A Categoria Verbo em Avá-Canoeiro do Tocantins	82
2.1.1.3. Argumento e predicado em Avá-Canoeiro do Tocantins.....	84
2.2. MODOS VERBAIS	89
2.2.1. Indicativo I.....	90
2.2.2. Indicativo II	91
2.2.3. Imperativo.....	93
2.2.4. Gerúndio	95
2.3. MARCAS PESSOAIS	99
2.3.1. Série I - Prefixos pessoais do modo indicativo I, (1)(2)(3) age sobre 3	102
2.3.2. Série II - Pronomes dependentes	103
2.3.3. Série III - Pronomes independentes.....	106
2.3.4. Série IV - Prefixos pessoais usados no modo indicativo I quando 1(2(3)) age sobre 2(3).....	108
2.3.5. Série V - Prefixos pessoais usados no modo imperativo	108
2.4. FLEXÃO CASUAL	109
2.4.1. Caso argumentativo	110
2.4.2. Casos de natureza adverbial	121
2.4.2.1. Sufixo de caso locativo pontual.....	122
2.4.2.2. Sufixo de caso locativo difuso.....	124
2.4.2.3. Sufixo de caso locativo situacional	125
2.4.2.4. Sufixo de caso translativo.....	125
2.5. FLEXÃO RELACIONAL	126
2.5.1. Flexão relacional na família Tupí-Guaraní.....	126
2.5.2. Flexão relacional em Avá-Canoeiro do Tocantins	130
2.5.2.1. Os prefixos relacionais e seus alomorfes.....	132
2.5.2.1.1. Classe Ia.....	133
2.5.2.1.2. Classe Ib.....	135
2.5.2.1.3. Classe IIa.....	136
2.5.2.1.4. Classe IIb	137
2.5.2.1.5. Classe IIc.....	138
2.5.2.1.6. Classe IId	139

2.5.2.2. Funções dos prefixos relacionais	140
2.5.2.2.1. Determinante de nomes relativos	140
2.5.2.2.2. Determinante de predicados de base nominal	141
2.5.2.2.3. Objetos de verbos transitivos	141
2.5.2.2.4. S/O no modo indicativo II	141
2.5.2.2.5. Objeto de posposições	142
3. ELEMENTOS DE SINTAXE	143
3.1. ORDEM DE CONSTITUINTES EM AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS	143
3.2. A EXPRESSÃO DE PIVÔ SEMÂNTICO (SMP) EM AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS	163
3.3. TÓPICO EM AVÁ CANOEIRO DO TOCANTINS	168
3.4. FOCO EM AVÁ CANOEIRO DO TOCANTINS E A PARTÍCULA <i>tõ</i>	171
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	184
6. ANEXOS	192
6.1. ANEXO A – MAPAS	192
Mapa 1 - Localização dos Av.C-T e Av.C-A	192
Mapa 2 - Localização da Terra Indígena Avá-Canoeiro (Av.C-T)	193
Mapa 3 - Localização da Terra Indígena Taego Āwa (AV.C-A)	193
6.2. ANEXO B – FOTOS	194
6.2.1. 1ª <i>Ida a campo</i>	194
6.2.2. 2ª <i>Ida a campo</i>	194
6.2.3. 3ª <i>Ida a campo</i>	200
6.2.4. 4ª <i>Ida a campo</i>	202
6.2.5. 5ª <i>Ida a campo</i>	206
6.2.6. 6ª <i>Ida a campo</i>	207
6.2.7. 7ª <i>Ida a campo</i>	208

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Divisão sociolinguística de falantes Ava-Canoeiro do Tocantins.....	26
Quadro 2 - Fones consonantais do Av.C (TORAL, 1984/5, p.7).....	33
Quadro 3 - Fones vocálicos do Av.C-T (TORAL, 1984/5, p.6).....	34
Quadro 4 - Fones consonantais do Av.C-T (BORGES, 2006, p.95).....	34
Quadro 5 - Fones vocálicos do Av.C-T (BORGES, 2006, p. 95)	35
Quadro 6 - Alofones dos fonemas vocálicos do Av.C (BORGES, 2006, p.71).....	35
Quadro 7 - Alofones dos fonemas consonantais do Av.C (BORGES, 2006, p.50)	36
Quadro 8 - Fones consonantais do Av.C-T	36
Quadro 9 - Fones vocálicos do Av.C-T	37
Quadro 10 - Fonemas consonantais do Av.C-T	37
Quadro 11 - Fonemas vocálicos e seus alofones	49
Quadro 12 - Distribuição dos segmentos do Av.C na sílaba (BORGES, 2006, p.100)	72
Quadro 13 - Marcas pessoais em Av.C-T (BORGES, 2006, p. 145 e 156)	99
Quadro 14 - Pronomes pessoais em Av-C-T (BORGES, 2006, p.189).....	101
Quadro 15 - Marcas pessoais em Av.C-T	101
Quadro 16 - Flexão casual em Tupinambá (RODRIGUES, 2001a).....	109
Quadro 17 - Palavras do Av.C com lexicalização do morfema {-a}.....	112
Quadro 18 - Prefixos relacionais em Tupinambá (RODRIGUES, 2010 [1981],p.17-18).....	126
Quadro 19 - Prefixos Relacionais em PTG (CABRAL, 2000).....	128
Quadro 20 - Prefixos relacionais e seus alomorfes (BORGES, 2006, p.116).....	130
Quadro 21 - Flexão relacional no Av.C-T	132
Quadro 22 - Ordens de palavras em Av.C-T	159

LISTA DE SIGLAS

CGIIRC	Cordenadoria Geral de Índios Isolados e de Recente Contato
CTL	Coordenadoria Técnica Local
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
HC	Hospital das Clínicas
LALLI	Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
MEC	Ministério da Educação
TI	Terra Indígena
UFG	Universidade Federal de Goiânia
UnB	Universidade de Brasília

LISTA DE ABREVIATURAS

Mb	Guaraní Mbyá
Tb	Tupinambá
Av.C	Avá-Canoeiro
Av.C-T	Avá-Canoeiro do Tocantins
Av.C-A	Avá-Canoeiro do Araguaia
As-T	Asuriní do Trocará ou Asuriní do Tocantins
Pk	Parakanã
Tp	Tapirapé
Tm	Tembé
Gj	Guajajára
As-X	Asuiriní do Xingú
At	Araweté
Kb	Kayabí
Pn	Parintintin
Wy	Wayampí
Kp	Urubú Ka'apor
Em	Emerillón
Zo	Zo'é
1	Primeira pessoa do singular
1CORR	Primeira pessoa do singular correferente
2	Segunda pessoa do singular
2CORR	Segunda pessoa do singular correferente
3	Terceira pessoa do singular ou plural
3CORR	Terceira pessoa do singular ou plural correferente
12(3)	Primeira pessoa do plural inclusiva
12(3)CORR	Primeira pessoa do plural inclusiva correferente
13	Primeira pessoa do plural exclusiva
13CORR	Primeira pessoa do plural exclusiva correferente
23	Segunda pessoa do plural
23CORR	Segunda pessoa do plural correferente
ABLAT	Partícula ablativa
ARG	Caso argumentativo
ASP	Marca aspectual
ATEN	Atenuativo
CAUS	Causativo
COMPL	Completivo
C.C.	Causativo-comitativo
DAT	Dativo
DÊIT	Dêítico
DESID	Desiderativo
FOC	Foco

FRUST	Frustrativo
GEN	Genuíno
GER	Modo gerúndio
IND.II	Modo indicativo II
INSTRUM	Instrumentivo
INTENC	Intencional
LOC	Caso locativo
LUSIV	Lusivo
NEG	Negativo
PERLAT	Perlativo
PROIB	Proibitivo
PROJ	Projetivo
PROP	Propositivo
RECIP	Recíproco
REDUP	Reduplicação
REFL	Reflexivo
REL	Relativo
R ¹	Prefixo relacional 1
R ²	Prefixo relacional 2
R ³	Prefixo relacional 3
R ⁴	Prefixo relacional 4
TRANSL	Caso translativo

0. INTRODUÇÃO

0.1. Considerações iniciais

As línguas indígenas brasileiras estão desaparecendo em ritmo acelerado. As populações indígenas estão se extinguindo: ou desaparecem biologicamente – os indivíduos se exterminam por fatores de diversas naturezas – ou desaparecem como comunidades distintas da grande comunidade brasileira de cultura e língua basicamente europeias. (...) A investigação destas línguas é uma das tarefas primeiras para quem se quer dedicar à linguística desinteressada no Brasil. (...) Tem se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil. Se é lícito falar em responsabilidade de uma comunidade com respeito à investigação científica na região em que vive essa comunidade, então os linguistas brasileiros tem aí uma responsabilidade enorme, que é não deixar que se percam para sempre cento e tantos documentos sobre a linguagem humana. (RODRIGUES, 1966, p.5)

Início esta dissertação com a citação de Rodrigues (1966), considerando a sua atualidade. Estudar a língua Avá-Canoeiro do Tocantins, e aprofundar a descrição de aspectos linguísticos em um viés etno-linguístico, levando-se em conta variantes sociolinguísticas, é uma tarefa de extrema urgência e de grande responsabilidade, principalmente por conta do reduzido número de pessoas que falam esta língua e do risco de não mais ser falada ao longo das próximas duas gerações (*vide* próxima seção **0.2 Avá-Canoeiro: o povo e a língua**).

Nesta dissertação de cunho etno-linguístico, consideramos a língua como inseparável da cultura, vista como dinâmica e representante de um modo especial de ver, sentir, se expressar e criadora do sujeito no mundo (cf. BENVENISTE, 1976, p.258-266). Neste sentido, a língua aqui é vista como uma ferramenta cultural (cf. SAPIR, 1949; JOURDAN & TUIITE, 2006; EVERETT, 2008 e 2012), cuja principal função é a comunicação.

Buscamos, com esta dissertação, aprofundar aspectos de fonologia, morfologia e sintaxe da língua Avá-Canoeiro do Tocantins, tecendo algumas considerações acerca de mudanças intergeracionais na estrutura fonética da língua, e colaborando com a experiência de campo no debate acerca de aspectos metodológicos de pesquisa linguística de campo junto a povos de recente contato ou semi-isolados, monolíngues, e que possuíram de-população drástica devido a massacres ainda muito vivos na memória de seus remanescentes. Por outro lado, buscamos ampliar o conhecimento acerca de línguas da família Tupí-Guaraní que se encontram no centro do Brasil, fruto de migrações recentes na história desta família (*vide* **0.2.2 A língua Avá-Canoeiro**).

Esta dissertação se insere no âmbito de um projeto maior, *Assessoria linguística junto aos Avá-Canoeiro*, iniciado em 2012 a pedido da Coordenação Técnica Local (CTL) de Minaçú/GO, FUNAI. Este Projeto tem buscado realizar junto aos Avá-Canoeiro do Tocantins um estudo linguístico e documentação de sua língua nativa, bem como uma análise sociolinguística do uso que esses índios fazem da língua portuguesa (cf. SILVA, 2014a *ms*), objetivando a elaboração de um programa de ensino do Português como segunda língua para este grupo¹; assessoria à educação formal em nível básico ofertada pelo município de Minaçú; a criação de materiais monolíngues em Avá-canoeiro e bilíngues em Português e em Avá-Canoeiro, respeitando a especificidade e diferença do grupo, os quais servirão tanto para os Avá-Canoeiro, dentro da proposta de letramento e estudo destas línguas, quanto o estudo do Avá-Canoeiro para instituições que operam dentro da comunidade, como é o caso da própria FUNAI².

O referido convite da FUNAI já possibilitou o estreitamento das relações entre o pesquisador e os Avá-Canoeiro do Tocantins, através de 7 idas a campo na Terra Indígena (TI) Avá-Canoeiro, próximo a Minaçú, entre 2012 e 2014; da ida a Brasília dos indígenas Trumak Avá-Canoeiro, em maio de 2013, e de seu pai, Iawi Avá-Canoeiro, em setembro do mesmo ano; e também através do acompanhamento realizado junto a Iawi no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiânia, em Goiânia/GO, em fevereiro de 2014 (cf. SILVA, 2014b *ms*).

0.2. Avá-Canoeiro: o povo e a língua

A língua Avá-Canoeiro³ é atualmente falada por aproximadamente 20 indivíduos (SILVA, 2014a *ms*; RODRIGUES, 2012 e 2013), divididos geograficamente em dois grupos, no interflúvio Tocantins-Araguaia. Os Avá-Canoeiro do Tocantins se localizam na TI-Avá-Canoeiro ao norte do estado de Goiás, próximo aos municípios de Minaçú e Colinas do Sul; e os Avá-Canoeiro do Araguaia, se localizam em duas aldeias ao sul do estado de Tocantins, na Ilha do Bananal, na TI-Javaé⁴.

¹ Este programa foi iniciado na segunda metade de 2014 com a elaboração de um Projeto fruto de convênio UFG/FUNAI, que se debruça sobre a execução das ações de Etnomapeamento, Educação e Memória, no âmbito do PAAC/2013-2017.

² Etapa ainda em andamento.

³ Faremos referência, ao longo desta dissertação, aos Avá-Canoeiro como Av.C, aos Avá-Canoeiro do Tocantins como Av.C-T, e aos Avá-Canoeiro do Araguaia como Av.C-A.

⁴ Veja **Mapa 1**, **Mapa 2** e **Mapa 3** de localização dos Av.C-T e Av.C-T, em **6.2 ANEXO B – Fotos**.

O primeiro contato noticiado dos Avá-Canoeiro com não-índios se deu em 1973 e 1974, de forma forçada. Esse grupo é constituído na atualidade de aproximadamente 15 pessoas⁵, que vivem desde 1976 na aldeia Canoanã, localizada na Terra Indígena Inãwébohona/Ilha do Bananal, sul do estado de Tocantins⁶, juntamente com os indígenas Javaé, seus inimigos históricos. O segundo grupo, os Avá-Canoeiro do Tocantins, é composto por sete indivíduos, sendo quatro os remanescentes do contato feito com regionais em 1983, após aproximadamente duas décadas de fugas e deslocamentos, mudanças de papéis sociais (cf. SILVA, 2005, p.39-44), de padrões alimentares e habitacionais, motivadas pela chacina de sua última aldeia – estipulada em 200 indivíduos – em meados de 1963, conhecida como Massacre da Mata-do-Café.

Os Av.C são classificados na categoria de índios de *recém-contato*, de acordo com os critérios classificatórios da Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recente Contato (CGIIRC- FUNAI), tanto por conta do contato não ter mais do que quatro décadas quanto pela atual situação de fragilidade dos Av.C. Ambos os grupos possuem um histórico traumático desde o século XVIII, quando da chegada do colonizador ao Centro-Oeste brasileiro, o que se traduziu, para os Av.C em diversos massacres de aldeias inteiras, encurralamentos, perseguições, assassinatos individuais, fugas e deslocamentos constantes em busca de um “local de abrigo estável, da prática da agricultura, que complementava a alimentação, do direito de dormir à noite, do direito de enterrar os mortos e da segurança mínima de uma vida sem a ameaça constante e radical da morte” (RODRIGUES, 2013, p.86-87).

0.2.1. A história a partir da chegada dos colonizadores e exploradores

Segundo Pedroso (1994, p.53)⁷, as primeiras notícias que se têm dos Avá-Canoeiro – chamados até 1970 apenas por Canoeiros (cf. TORAL, 1984/5) – datam do final da primeira metade do século XVIII. Esta foi a época das primeiras instalações agropastoris nos territórios tradicionais dos Avá-Canoeiro, à época, segundo a autora (*op. cit.*, p.54), “o sertão Amaro Leite,

⁵ Estimativa sem levar em consideração casamentos inter-étnicos com indígenas Javaé, Karajá e não-índigenas.

⁶ No ano de 2011 foi criado um Grupo Técnico da FUNAI para identificar e delimitar uma terra indígena exclusiva para os Av.C-A – Terra Indígena Taego ãwa, que atualmente passa por um processo de demarcação e homologação. Nessa nova localidade encontra-se a Mata Azul, último refúgio do grupo e onde ocorreu a “captura” em 1973 (RODRIGUES, 2012, p.9). Vale ressaltar que, no centro-norte da Ilha do Bananal, encontra-se a Mata do Mamão, local semelhante à Mata Azul, onde vivem aproximadamente 10 Avá-Canoeiro não contatados, considerados como *isolados* pela CGIIRC/FUNAI (*op. cit.*, p.126).

⁷ Veja Pedroso (1994, p.87-91) quanto aos mapas de localização de grupos Avá-Canoeiro em Goiás, nos anos 1760-1798; 1807-1824; 1825-1839; 1840-1859; 1860-1889.

ilhas do Tocantins e terras da margem direita do rio Maranhão/Tocantins, pertencentes aos julgados de São Félix, Traíras e São João da Palma”. Desde as primeiras invasões houve conflitos entre os colonos e os Avá-Canoeiro, o que acarretou em mortes de ambos os lados. Nas duas últimas décadas do século XVIII, como comenta a autora (*op. cit.*, p.54-55), os governadores locais se articularam com Portugal para assegurar a navegabilidade do rio Tocantins. Com isso, um dos primeiros massacres que ocorreu foi a uma aldeia Avá-Canoeiro na ilha do Tropeço, o que é considerado como um dos fatores iniciais que geraram uma série de represálias dos Avá-Canoeiro ao colonizador.

Ao longo do século XIX o conflito se intensificou, uma vez que a expansão agropastoril chegava a territórios ainda não explorados. Na primeira metade desse século, os governadores ofereciam incentivos fiscais “com vistas ao incremento da navegação pelos rios Tocantins e Araguaia”, tendo a Carta Régia de 07/01/1806 concedido vantagens a quem se dispusesse a povoar a região mais central. Juntamente com esse dispositivo jurídico, iniciou-se a “construção de presídios militares ao longo dos rios Araguaia e Tocantins” (*op. cit.*, p.54-55), com vistas a “fazer guerra ofensiva contra os indígenas que se opusessem à navegação e à fixação de estabelecimentos rurais, permitindo, ainda, escraviza-los”. Essa guerra durou até meados de 1860, segundo a autora (*op. cit.*, p.55), quando a população indígena já havia sofrido forte depopulação. Após 1870, segundo Pedroso (*op. cit.*, p.61), os Avá-Canoeiro, sem “meios de sustentar uma guerra”, eram noticiados “assutando fazendeiros e viajantes”.

A partir de 1879, os “aldeamentos oficiais foram extintos (...), por seus habitantes terem-se dispersado ou miscigenado com a população, passando a constituírem-se núcleos populacionais” (*op. cit.*). Com isso, o Estado brasileiro não mais se preocupa com a ameaça que representavam os indígenas, e os relatórios oficiais não mais se referem a conflitos, mas a missões religiosas que tinham por fim atenderem-se a educação de crianças indígenas. O interesse do Estado brasileiro somente retorna, segundo a autora (*op. cit.*), quando do contato dos Avá-Canoeiro do Araguaia, na década de 1970.

Durante o século XX, segundo Pedroso et al. (1990, p.13), houve, por parte de fazendeiros e governos locais, a continuação do processo de dizimação dos Avá-canoeiro. Segundo os autores (*op. cit.*), um massacre foi feito a uma aldeia Avá-Canoeiro próximo a Uruaçu e Formoso de Goiás, entre os anos de 1927 e 1930. Temendo confrontos, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) montou uma Frente de Atração em 1946, mas não obteve sucesso em realizar o contato, sendo esta desativada nove anos depois (*op. cit.*). E até o fim da primeira

metade do século XX parte do território tradicional dos Avá-Canoeiro ainda não havia sido invadido, permitindo que “vivessem em pequenas aldeias, plantando suas roças”.

Entre 1957 e 1960, uma aldeia foi massacrada próxima ao Rio Praia Grande, em Campinaçú (*op. cit.*, p.14). No mesmo município, entre 1961 e 1963, segundo os autores (*op. cit.*), “houve o massacre de uma aldeia da Mata do Café, localizada próximo às terras que margeiam o Rio Carneiro”. Nesta época, haveriam “mais duas aldeias naquela região, uma no Rio Boa Nova e outra no Córrego Três Ranchos”. Após o massacre na Mata do Café, os índios destas outras aldeias teriam atravessado o Rio Maranhão. Segundo os autores (*op. cit.*, p.14), a partir de então, a FUNAI montou duas frentes de atração buscando o contato com os Avá-Canoeiro, uma na Bacia do Araguaia e outra no Tocantins.

Quanto aos Avá-Canoeiro do Araguaia, Patrícia Rodrigues (2012, p.91) comenta que, após a destruição de aldeias inteiras, estes haveriam escolhido “a inóspita Mata Azul (...) como o último refúgio dos sobreviventes do grupo”. Segundo a autora:

As antigas casas de palha, que abrigavam famílias inteiras com relativo conforto, protegendo do sol, da chuva e dos mosquitos, e onde se penduravam redes de buriti, foram substituídas por rústicas e minúsculas armações de madeira cobertas com folhas ou palha, sem paredes, que protegiam minimamente as pessoas dos temporais de inverno. As refeições se davam preferencialmente à noite, mas às vezes as caminhadas noturnas impediam que as pessoas se alimentassem. Os Avá-Canoeiro evitavam andar e acender fogo de dia, para que não fossem vistos e para que a fumaça não denunciasse o seu esconderijo. Uma alternativa era acender o fogo com uma técnica especial que não produzia fumaça. Por outro lado, a fumaça servia também para amenizar o desconforto provocado pelas nuvens de mosquitos que, conforme o lugar e a época, especialmente no inverno, eram absolutamente insuportáveis. Também por essa razão, as noites eram dedicadas à caça e às caminhadas.

Rodrigues (*op. cit.*) aprofunda também a descrição de alguns detalhes acerca do contato perpetrado pela FUNAI em 1973 e 1974 com os Avá-Canoeiro do Araguaia. Segundo a autora (*op. cit.*, p.102), a interpretação dos regionais acerca do contato precisa que “os índios foram caçados, capturados, amarrados e aprisionados em uma espécie de jaula a céu aberto pelos agentes públicos, os quais foram confundidos pelos espectadores presentes com domadores de animais de circo ou de um zoológico”. Após o contato, a Guarda Rural Indígena (GRIN) formada por indígenas Javaé “vigiu ostensivamente os Avá-Canoeiro como policiais vigiam criminosos, em uma situação de submissão dos Avá-Canoeiro aos seus antigos inimigos fomentada pelo próprio Estado”.

Ainda segundo Rodrigues (*op. cit.*, p.104), em 1974 buscou-se localizar os Avá-Canoeiro que teriam fugido logo após o contato de 1973, bem como capturar outros Avá-Canoeiro que se localizavam ainda na Mata Azul. Conforme comenta a autora (*op. cit.*), o

contato de 1974, guiado por Tutawa Avá-Canoeiro teria sido entendido por este como uma forma de, após o contato, “os Avá-Canoeiro [terem] direito ao seu território e a viver em paz na Mata Azul, o que nunca ocorreu”. Desde então os Avá-Canoeiro vivem em aldeias Javaé, em situação de espólio de guerra, tendo sofrido ao longo de quatro décadas, aproximadamente, diversos tipos de abusos. Somente a partir de 2010 que se buscou propiciar um território exclusivo para os Avá-Canoeiro do Araguaia. Em 2012 foi delimitado o que poderá vir a ser a Terra Indígena Taego ãwa (cf. RODRIGUES, 2012; 2013).

Alguns anos mais tarde, um grupo de quatro Avá-Canoeiro, um homem e três mulheres, estabeleceu contato “de forma espontânea com um morador da região” da Serra da Mesa, em junho de 1983 (cf. GRANADO, 2005, p.57). Estes, conforme comenta Granado (*op. cit.*), são alguns dos sobreviventes do massacre ocorrido na Mata do Café. Segundo relato de Matja, “fugiram junto com ela, do massacre de que foram vítimas, outros seis índios, sua mãe, um irmão, além de Nakwátja sua irmã, o homem que viria ser o pai de sua filha, além de Iawi e sua mãe” (*op. cit.*). Do início da década de 1960, quando provavelmente ocorreu o referido massacre, até o contato em 1983, os Avá-Canoeiro do Tocantins modificaram seus hábitos sociais, alimentares entre outros, por conta de estarem reduzidos “a versões atomizadas” (cf. SILVA, 2005, p.39). Durante esse período, viveram em *itakwaka* ‘cavernas’, como forma de refúgio (cf. *op. cit.*, p.361), tendo modificado hábitos alimentares bem como relações de parentesco. Segundo Silva (*op. cit.*, p.39), as relações de parentesco se modificaram tendo em vista a sua forte depopulação. Para o autor (*op. cit.*, p.45), no entanto, essas modificações dizem respeito “as respostas criativas dadas [pelos Avá-Canoeiro] a um contexto colonial”, como o ocorrido com os Avá-Canoeiro desde o século XVIII, uma vez que “para todos os membros de uma cultura, a tradição é o suporte da invenção, e esta é a marca inalienável da autonomia criadora dos indivíduos de uma sociedade, mesmo que destruída”.

Após o contato, os Avá-Canoeiro do Tocantins foram sujeitados ao que Silva chama de “poder tutelar”, na Terra Indígena Avá-Canoeiro, interpretada como “instituição total” (cf. SILVA, p.120-121 e p.133-134). A tutela seria visível em todos os âmbitos sociais, sendo “vivenciados enquanto formas elementares da vida cotidiana”. No entanto, segundo Silva (*op. cit.*, p.175-176), se a estrutura física da tutela na TI-Avá-Canoeiro possibilita “uma arquitetura panóptica para disciplinar os Avá-Canoeiro pelo fato destes serem poucos e seu território imenso”, os Avá-Canoeiro, por outro lado, ao observarem os seus tutores, os cativam com “cumprimentos, jocosidades e pedidos (entendidos (...) como “pedidos de autorização e “pedidos de presentes””. Segundo o autor (*op. cit.*, p.176), “o exercício deste jogo somente se

faz possível por intermédio de trocas: os tutores criam atividades para os Avá-Canoeiro e estes fazem seus tutores acreditar que são queridos (...) para que o fluxo de bens, mercadorias e relacionamentos (...) não seja interrompido”.

Após ocorrido o contato com os Avá-Canoeiro do Araguaia (1973 e 1974) e Tocantins (1983), a FUNAI montou frentes de atração em locais próximos aos em que se tivera indícios de índios isolados (SILVA, 2005, p.72-82). Uma destas frentes de atração, montada em 1985 na região de Unaí, coordenada por André Toral, com a presença de Iawi (Av.C-T) e Agadimin (Av.C-A), consegue ver rastros de outros índios, como restos de sementes de jatobá e pegadas, além de ser uma região de caça abundante (*op. cit.*, p.74). Não tendo ocorrido o contato nos anos seguintes, “a FUNAI entrou em um período de inatividade com relação às frentes de atração em função das tensas negociações com Furnas com relação aos termos do Convênio para a administração dos avá-canoeiro e seu território” (SILVA, 2005, p.76).

No ano de 2007, a pesquisadora antropóloga Elisa Vieira, a pedido da CGIIRC/FUNAI, se deslocou a Cavalcante motivada pelos relatos de regionais acerca da possível presença de isolados na região. Por conta de evidências afirmativas de isolados com vistas a obter mais informações acerca de um possível grupo de Avá-Canoeiro isolado no nordeste goiano, Vieira comenta em seu Relatório que a equipe formada deveria continuar a sua atuação pelo período de mais um ano nas regiões de Cavalcante, Colinas do Sul e Monte Alegre. No entanto, as pesquisas não foram continuadas.

Para finalizar, é interessante notar que, após aproximadamente três séculos de colonização do Centro-Oeste brasileiro, bem como durante o tempo de sujeição no pós-contato, os Avá-Canoeiro se mostram não somente resistentes, mas extremamente resilientes. Conforme comentado por Patrícia Rodrigues (2012, p.118),

“o conceito de “resiliência” (Ramos, 2010), mais dinâmico e complexo do que o de “resistência”, que tem um caráter estático de mera oposição a uma situação imposta, fornece uma terceira via mais fiel à realidade, uma vez que se baseia em uma mediação permanente e criativa entre o passado pré-contato e o presente, entre a tradição herdada e a situação de dominação, entre as categorias culturais nativas e as novas relações de poder incontestáveis (ver Albert & Ramos, 2000). O modo como os Avá-Canoeiro lidam com a situação de opressão a que foram e ainda estão submetidos – uma das mais graves do Brasil – é indissociável do aparato cultural que os guiou o orientou até hoje. Nessa mediação entre tradição e dominação, tem-se uma contínua recriação da identidade, que não permanece estática (pois os atuais Avá-Canoeiro não são mais idênticos aos seus antepassados) nem se transforma tanto a ponto de deixar de existir (pois os Avá-Canoeiro não deixaram de continuar sendo o povo *Áwa*, apesar do novo contexto)”.

0.2.2. A língua Avá-Canoeiro

A língua Avá-Canoeiro do Tocantins pertence ao subramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, tronco Tupí, juntamente com o Tapirapé, Asuriní do Tocantins, Suruí do Tocantins, Parakanã, Tembé, Guajajára e Turiwára (cf. RODRIGUES, 1984/5; RODRIGUES & CABRAL, 2002)⁸.

O Proto-Tupí, com profundidade aproximada de 5.000 anos, teria, segundo Rodrigues (2012 [1964], p.103; 2007), o seu ponto de diversificação e migrações na região entre os rios Aripuanã e Guaporé (cf. RODRIGUES & CABRAL, 2013; MILLER, 2009). Para Rodrigues e Cabral (2013) dentre as dez famílias do tronco Tupí, as migrações tomadas pela família Tupí-Guaraní foram as mais amplas e diversificadas. Segundo os autores (*op. cit.*), os membros dos subramos do Tupinambá (subramo III), Guarayo (subramo II) e Guaraní (subramo I) teriam seguido para o alto rio Tapajós e Juruena. Alguns grupos teriam seguido a leste da bacia do rio Madeira ao Tapajós, e outros atravessaram a bacia do rio Xingú chegando ao rio Tocantins e posteriormente ao Brasil central. Essa teria sido a rota tomada por alguns grupos indígenas até chegarem ao centro-oeste brasileiro, como os Tapirapé (Mato Grosso) e os Avá-Canoeiro (Goiás e Tocantins), uma zona eminentemente Jê. No entanto, não se sabe ao certo há quanto tempo os Avá-Canoeiro estão pelo Centro-Oeste brasileiro.

Em relação às duas variedades diatópicas encontradas sincronicamente, os Avá-Canoeiro do Tocantins e os Avá-Canoeiro do Araguaia, Patrícia Rodrigues (2012, p.58-64 e p.78) comenta que muito provavelmente sua distância histórica seja de pelo menos 180 anos, sendo essa a data possível da subida de parte dos Avá-Canoeiro que estavam no alto rio Tocantins em direção ao rio Araguaia e Ilha do Bananal⁹. Essa distância se traduz na construção da história dos dois grupos de forma distinta desde o início do século XIX até os dias de hoje¹⁰. Patrícia Rodrigues (2013, p.111) comenta que os dois grupos não reconhecem “vínculos de qualquer natureza entre si”. A partir de entrevistas, a autora (*op. cit.*) pontua que os Av.C-A não se consideram como tendo uma origem histórica comum com os Av.C-T. Para estes (cf. RODRIGUES, *op. cit.*, p.28), “a sua sociedade “começou” a partir da mistura mítico-histórica

⁸ Acerca da hipótese anterior de que os Avá-Canoeiro seriam filiados aos Guaraní Carijó, hipótese defendida por Cunha Mattos (1875, p.19 *apud* RODRIGUES, 2012, p.24), Couto de Magalhães (1902 [1863]), Nimuendaju (1914), Rivet (1924) e Toral (1984/5), veja as contribuições de Neiva (1971 *apud* RODRIGUES, 2012, p.25), Rodrigues (2011 [1985]), Pedroso (1990, p.35-50), Rodrigues (2012, p.24-28). Acerca dos conceitos de família Tupí-Guaraní implicados na filiação do Av.C, veja Rodrigues (2011 [1955]; 1958) e Cabral et al. (2015).

⁹ *Vide* os mapas 10 e 11 de Patrícia Rodrigues (2012, p. xxix e xxx) quanto à migração a partir de 1830 dos Avá-Canoeiro ao rio Araguaia.

¹⁰ Sobre um caso semelhante de línguas Tupí-Guarani que se distanciaram em aproximadamente 200 anos e o debate sobre serem línguas ou dialeto devido a questões identitária e linguísticas, *vide* Rodrigues & Cabral (2009).

entre três grupos diferentes: os Avá-Canoeiro (Ãwa), os “outros índios” (Bairàpagawai) e os “negros” (Tapanha)”¹¹.

Por conta da subida ao rio Araguaia, não somente os Av.C-A tiveram um contato mais profundo com os Javaé, sobretudo por conta dos conflitos pré e pós-contato, como a língua Av.C-A possivelmente já apresente algumas mudanças linguísticas e culturais decorrente desse contato (cf. BORGES, p.19 e p.83). Linguisticamente o Av.C-T e o Av.C-A se diferenciam por questões fonéticas, como a pós-oralização de consoantes nasais em Av.C-A (cf. BORGES, 2006, p.83-84); e por questões sintático-discursivas, como a presença da partícula de foco *tõ* em Av.C-T (cf. BORGES, *op. cit.*, p.204-206). Em Av.C-T, a palavra para referir-se a “Branco” é *maila*, enquanto os Av.C-A fariam uso de *torí*, um empréstimo Javaé (cf. SILVA, 2005, p.16-17). Faltaria, no entanto, verificar de forma mais profunda e sistemática, no âmbito da semântica lexical e empréstimos, a existência de outros fatores de diferenciação linguística do Av.C-T e Av.C-A.

Passamos agora à metodologia empregada nesta pesquisa, sobretudo no que diz respeito aos referenciais teóricos, metodologia de análise e coleta de dados, bem como do tipo de pesquisa linguística de campo realizada.

0.3. Metodologia

0.3.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

0.3.1.1. Referenciais teóricos

Na análise da língua Avá-Canoeiro tomamos como referência para os estudos fonéticos e fonológicos os trabalhos de Pike (1943 e 1947), Goldsmith (1995), Jakobson (2008), Ladefoged & Maddieson (1995, 2001, 2003), Trubetzkoy (1969), Blevins (1995), Broselow (1995) e Clemen e Hume (1995), bem como trabalhos descritivos sobre a fonética e fonologia de línguas Tupí-Guaraní, como os de Cabral et al (2012), Silva (2010), Solano (2009) e Borges (2006) acerca do Avá-Canoeiro. Para a pesquisa e análise da morfossintaxe tomamos como referência os trabalhos de Tesnière (1959), Coseriu (1972), Benveniste (1974, 1976), Comrie (1976, 1985, 1989), Campbell (1979, 1997a, 1997b, 1998, 2001, 2006, 2007, 2008), e, principalmente, os estudos que tratam das línguas ameríndias e da família Tupí-Guaraní, como

¹¹ Acerca do mito de origem dos Avá-Canoeiro do Araguaia, *vide* Rodrigues (2012, p.135-150).

os de Rodrigues (1951, 1953, 1985, 1996, entre outros), Rodrigues e Cabral (2001, 2006 e 2012), Cabral e Rodrigues (2005), Aikhenvald & Dixon (1999) e Storto & Demolin (2012).

Foram utilizados também para a realização da pesquisa de campo os trabalhos de Sakel & Everett (2012) e Cabral et al. (2008), bem como trabalhos de campo em antropologia (EVANS-PRITCHARD, 2004; MALINOWSKY, 2003 [1984]; EVERETT, 2009 e 2012). Levamos em consideração também a bibliografia acerca dos povos indígenas sobreviventes de massacres e que sofreram depopulação drástica, como os Xetá (cf. SILVA, 2003), os Kanoê (MINDLIN, 1995), os Piripkura (CHRIST, 2009), os Akuntsu (ARAGON, 2008; MENDES & SANTOS, 2005) e os próprios Avá-Canoeiro (cf. PEDROSO, 1990, 1992 e 1994; TOSTA, 1997; SILVA, 2005; RODRIGUES 2012, 2013). Para a realização da pesquisa de campo, vimos como necessária a leitura de trabalhos no âmbito da etno-psiquiatria e etno-psicologia, como os de Nathan (1999), de Laplantine (1993), o trabalho “Psicologia e povos indígenas” (CRP, 2010), entre outros, que muito colaboraram na compreensão de memórias traumáticas que vinham à superfície no dia-a-dia da aldeia.

0.3.1.2. A bibliografia disponível sobre os Avá-Canoeiro

Até o presente, a bibliografia sobre este povo é consideravelmente restrita, e buscamos ter acesso à maior desse material. As primeiras referências históricas aos Avá-Canoeiro datam de 1850 (cf. RODRIGUES, 2012, p.58-64) e à sua língua datam do final do século XIX e começo do século XX (cf. Cunha Mattos 1875; Coudreau 1897; Couto de Magalhães 1902; Rivet 1924). Logo após o contato com os Avá-Canoeiro do Araguaia em 1973, surgem os primeiros apontamentos de aspectos gramaticais e uma breve lista vocabular (cf. Harrison 1974). Logo após o contato dos Avá-Canoeiro do Tocantins em 1983, Toral (1984/5) descreve aspectos fonéticos da língua, bem como breves apontamentos de ordem morfológica, e produz uma lista contrastiva de termos lexicais entre o Avá-Canoeiro do Tocantins e do Araguaia, por campos semânticos. Em 1996 foi realizado o primeiro estudo fonológico da língua Avá-Canoeiro do Araguaia por Paiva (1996), e posteriormente Borges (2002, 2003a, 2003b, 2006) descreveu aspectos da fonologia, morfossintaxe e léxico do Avá-Canoeiro em ambas variedades diatópicas, estabelecendo relações com mudanças históricas vindas do Proto-Tupí-Guaraní.

Foram produzidos mais trabalhos, no entanto, no campo da antropologia (cf. PEDROSO et alii 1990; PEDROSO 1992 e 1994; TOSTA 1997; GRANADO 2002; LEITÃO

2002a, 2002b; BORGES & LEITÃO 2003; SILVA 2005; RODRIGUES 2012 e 2013) e da geografia (cf. SILVA 2010a e 2010b), produzidos a partir da década de 90 do século passado.

0.3.1.3. Metodologia de análise sociolinguística

Dentro da pesquisa etno-linguística, abrimos mão do uso das variantes sociais pré e pós-contato e diageracionalidade para o estabelecimento de quatro faixas de falantes do Av.C-T, sendo que somente três foram relevantes para a análise gramatical. Essa divisão foi realizada buscando possíveis modificações estruturais na língua Avá-Caoeiro, tanto no que se refere à mudança ocorrida na comunidade de fala por conta da depopulação drástica que este grupo sofreu e que fez com que passasse a existir uma sociedade em “versão atomizada” (cf. SILVA, 2005, p.39); quanto por conta dos falantes pós-contato terem nascido já em Terra Indígena, em um contexto diferente do tempo das aldeias (como Mat̃ʃa, Nakwat̃ʃa e Iawi) e das cavernas (como Tuia). Esse fato fez com que os mais jovens, diferentemente dos remanescentes do contato, sejam bilíngues em português e Avá-Canoeiro. Iawi, por conta de ter se tornado o único homem do grupo, passou a ser o mais proficiente em português dentre os falantes pré-contato, falando uma variedade pidgin do português brasileiro, com fortes influências fonéticas, morfológicas e sintáticas da língua Avá-Canoeiro do Tocantins.

Devido ao tempo de pesquisa do mestrado ser somente de dois anos, somente pudemos observar essas variantes sociais no âmbito fonético, diferenciando alofones de fonemas. É interessante notar que as mudanças ocorridas na fala dos mais jovens se devem, muito provavelmente, à presença do português – como a substituição de consoantes uvulares por velares, de consoantes fricativas e africadas laterais por consoantes laterais, a realização de /i/ como [u] ou [i], entre outros (*vide* 1.4 Mudanças em curso).

Estabelecemos, com isso, quatro faixas geracionais, separando os falantes pré e pós-contato, conforme explicitado no seguinte quadro.

Quadro 1 - Divisão sociolinguística de falantes Ava-Canoeiro do Tocantins

Origem	Diageracionalidade		Falantes
Pré-contato	Faixa I	(60 a 80 anos)	Mat̃ʃa ¹² (♀) e Nakwat̃ʃa ¹³ (♀);
	Faixa II	(40 a 60 anos)	Iawi ¹⁴ (♂) e Tuia ¹⁵ (♀);

¹² Segundo sua certidão de nascimento, Mat̃ʃa nasceu aproximadamente em 1939, possuindo atualmente 66 anos.

¹³ Segundo sua certidão de nascimento, Nakwat̃ʃa nasceu aproximadamente em 1944, possuindo hoje 71 anos.

¹⁴ Segundo sua certidão de nascimento, Iawi teria nascido aproximadamente em 1961, possuindo hoje 54 anos.

¹⁵ Segundo sua certidão de nascimento, Tuia nasceu aproximadamente em 1970, possuindo atualmente 45 anos.

Pós-contato	Faixa III ¹⁶ ;	(20 a 30 anos)	Niwatjima ¹⁷ (♀) e Jatulika ¹⁸ (♂)
	Faixa IV	(0 a 5 anos)	Patjio (♂) ¹⁹

0.3.2. A PESQUISA LINGUÍSTICA DE CAMPO JUNTO AOS AVÁ-CANOEIRO

A pesquisa linguística de campo se iniciou no âmbito do projeto *Assessoria linguística junto aos Avá-Canoeiro*, em abril de 2012 (cf. SILVA, 2014a). Ao todo foram realizadas sete idas a campo no âmbito deste Projeto ou a convite da FUNAI: (1ª) de 30 de abril a 01 de maio de 2012; (2ª) de 13 a 20 de outubro de 2012; (3ª) de 29 de março a 04 de abril de 2013; (4ª) de 02 a 10 de agosto de 2013; (5ª) de 25 a 30 de outubro de 2013; (6ª) de 21 a 26 de maio de 2014; (7ª) de 07 a 21 de julho de 2014. Além destas idas a campo, o pesquisador acompanhou o indígena Iawi Avá-Canoeiro entre os dias 04 e 17 de fevereiro de 2014, quando do seu internamento no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiânia – HC/UFG (ITE nº25/DPT/FUNAI); acompanhou Iawi no período de 12 a 18 de setembro de 2013 em Brasília, na ocasião de sua visita à cidade e entre dois exames que realizaria no HC/UFG em Goiânia (cf. SILVA, 2014b); e acompanhou o filho de Iawi, Trumak Avá-Canoeiro, em Brasília, no período de 29 a 31 de maio.

As idas a campo junto aos Av.C-T buscaram ser sempre breves, de aproximadamente cinco a quinze dias, buscando-se sempre respeitar o dia-a-dia dos Avá-Canoeiro bem como sua privacidade. Como aponta Cabral et al. (2008, p.7), com relação à pesquisa de campo junto aos Zo'ê, esses fatos fazem com que reste “ao pesquisador redimensionar a cada momento seus planos de trabalho de pesquisa, retardando-os e/ou reformulando-os em função das oportunidades surgidas durante sua permanência na área”.

A permanência em curtos períodos de tempo foi pensada por conta do fato dos Avá-Canoeiro do Tocantins serem somente uma família, e da presença do pesquisador ter sempre de ser sondada junto aos Avá para o caso de haver qualquer percepção de incômodo. Diferentemente da pesquisa de campo junto aos Zo'ê, em que o pesquisador poderia se dirigir

¹⁶ Segundo Silva (2006, p.42, grifos do autor), “os jovens *Trumak* e *Putdjawa* (nome da mãe de *Iawi*) receberam novos nomes em dezembro de 2003 passando a ser chamados de *Jatulika* e *Niwatima*, que foram, respectivamente, nomes de um irmão e uma irmã de *Matja*”. No entanto, Trumak tem preferência por seu primeiro nome, sendo *Jatulika* atualmente utilizado para *Matja*, *Nakwatja*, *Tuia* e por vezes *Iawi* como referência.

¹⁷ Niwatima, tendo nascido em 1989, possui hoje aproximadamente 25 anos.

¹⁸ Trumak, tendo nascido em 1986, possui hoje aproximadamente 28 anos.

¹⁹ Pãtxiô nasceu em 28 de janeiro de 2012, possuindo atualmente 3 anos de idade..

a outra aldeia no caso dos Zo' é terem se deslocado para outro lugar (cf. CABRAL et al., 2008, p.9-10), é a presença constante o pesquisador junto aos Avá-Canoeiro que pode, com o tempo ou a depender das atitudes deste, gerar incômodos. As idas foram pensadas também no sentido de estabelecerem certa progressão na presença do pesquisador, de forma com que este pudesse, ao longo das interações cotidianas, criar elos de confiança junto ao grupo Avá-Canoeiro. Com isto, o aprendizado da língua se estabeleceu também de forma progressiva, e, ao longo do contato com os Avá-Canoeiro, o pesquisador pode ter mais conhecimento acerca do diferencial que sua presença e seu trabalho pode trazer aos Avá-Canoeiro (cf. SILVA, 2014a).

Ao longo das idas a campo a identidade do pesquisador transitou entre diversas categorias. Primeiramente, por se estabelecer na antiga casa do auxiliar de serviços gerais, fora referido como um novo ajudante. Ao longo das três primeiras idas a campo, por ter sido levado ora pelo coordenador de CTL de Minaçú ora pela enfermeira, fora referido ora como pertencente à FUNAI (cf. SILVA, 2005, p.92), ora como pertencente à SESAI. Ao visitar Brasília, Trumak e posteriormente Iawi passaram a conhecer a Universidade de Brasília e a utilizá-la como forma de referência à identidade do pesquisador. A partir do acompanhamento que realizou no HC/UFG em Goiânia junto ao Iawi, este passou a referir-se ao pesquisador apenas como um amigo.

Para a pesquisa de campo fez-se uso da metodologia antropológica observador-participante para poder, nas atividades do dia-a-dia, realizar a pesquisa linguística. O pesquisador buscou estar atento à dinâmica do dia-a-dia dos Avá-Canoeiro do Tocantins, utilizando-se das atividades diárias como um momento profícuo para a realização da pesquisa linguística. Este fato evitou a elaboração de um espaço artificial de trabalho com a língua Avá-Canoeiro por meio de elicitación – o que resumiria a pesquisa aos falantes mais jovens por saberem o português –, e trouxe dados referentes a atividades do dia-a-dia, tanto no que se refere à coleta, preparação e manufaturação de bens, como também a atividades lúdicas dos Avá-Canoeiro. A partir da metade da pesquisa, Iawi Avá-Canoeiro criou um método de ensino baseado na leitura semiótica de ilustrações contidas em materiais didáticos que constavam na TI-Avá-canoeiro, como meio de, ao explicar o que ocorria nas imagens, ensinar palavras e frases em sua língua para o pesquisador²⁰.

²⁰ Veja fotos contidas em 6.2 ANEXO B – Fotos, que ilustram algumas das atividades do dia-a-dia dos Avá-Canoeiro; os momentos de ensino propiciados por Iawi; bem como algumas aulas de alfabetização em Avá-Canoeiro do Tocantins que ocorreram no âmbito da 7ª ida a campo, e que teve seu espaço de aula redimensionado pelos Av.C-T visando a uma melhor adaptação ao seu contexto de etno-aprendizagem (Foto 29 e Foto 30).

Por este modelo de pesquisa se pautar em falas espontâneas advindas do convívio com os Avá-Canoeiro, por diversas vezes aconteceram frustrações no que se refere ao trabalho com paradigmas e regularidades estruturais da língua. Por exemplo, não houve a possibilidade de se trabalhar de forma mais profunda as 12(3), 13 e 23 pessoas do discurso, bem como determinados tipos de enunciados como os que ocorrem nos modos indicativo II, gerúndio e subjuntivo. Estas frustrações também são comentadas por Borges (2006, p.36) em relação à sua pesquisa de campo:

É difícil descrever e analisar de modo satisfatório uma língua ameaçada de extinção num período tão curto de tempo (...). Quem nunca trabalhou com uma língua ameaçada de extinção dificilmente compreende como ocorre esse processo de estudo [sobre esta língua], e, muitas vezes, a demora na coleta de dados é tomada como limitação ou inabilidade (quando não incompetência!) do pesquisador (...). Um sentimento que freqüentemente tive foi o de frustração: por não obter respostas às minhas elicitaciones, por não conseguir chegar a paradigmas gramaticais completos e por não conseguir fazer testes sintáticos e trabalhar sempre com lacunas e dados que precisariam de outros para comparações e testes. Outros estudiosos já haviam vivenciado esse sentimento, como Crystal (2000, p.147), que explica como pode ser emocionalmente estressante e desgastante trabalhar com línguas ameaçadas de extinção, por causa do contexto sócio-político em que estão inseridas.

0.3.3. DADOS LINGÜÍSTICOS

Os dados trabalhados em campo, conforme comentado na seção anterior, constituem-se de dados em situação real de uso, referindo-se tanto a elementos lexicais, como enunciados e pequenos diálogos e relatos. Até o presente foram trabalhadas de forma preliminar algumas narrativas mas que não puderam ser analisadas de forma mais profunda para esta dissertação.

Os dados de áudio foram gravados por meio dos gravadores digitais Zoom H4n ou Zoom H1, em formato .wav (*waveform*) e frequência de áudio de 44.16 kHz. Estes dados foram posteriormente organizados em um formato de banco de dados, de forma que o acesso bem como a descrição e análise posteriores fossem facilitadas. Além dos dados de áudio, alguns exemplos constam somente em cadernetas de campo, pela impossibilidade de gravação – quando há muito ruído ou quando a atenção do pesquisador é demandada, como ao andar em locais de risco na mata. Estes dados escritos foram posteriormente digitalizados em planilhas do *Excel*, de forma a facilitar o acesso.

Os arquivos de dados foram organizados em pastas segundo idas a campo, e renomeados utilizando-se o seguinte padrão de referenciação: (i) a língua – por meio da sigla internacional para o Avá-Canoeiro, *avv* (cf. ISO 639-3) –; (ii) a variedade da língua Avá-

Canoeiro, (t) para Av.C-T e (a) para Av.C-A; (iii) o ano, mês e dia a que o arquivo se refere; (iv) se diz respeito a um arquivo de áudio (a) ou texto (t); (v) separado das informações anteriores por underline (_), quem foi o pesquisador que trabalhou os dados contidos no arquivo, sendo (as) para Ariel Silva e (ac) para Ana Suelly Cabral; (vi) o número do arquivo trabalhado dentro do intervalo de um dia; e (vii), por fim, as horas, minutos e segundos, no caso de arquivos de áudio, em que a sentença se encontra. Para *avv(t)20121030a_as (2)*, por exemplo, temos um arquivo de áudio de número 02, do Av.C-T, trabalhado por Ariel Silva em 30 de outubro de 2012.

Os arquivos de áudio foram posteriormente organizados em uma base de dados no programa *ELAN – Linguistic Annotator*²¹, de forma que, uma vez inseridos puderam ser comparados e analisados. Esta metodologia de organização dos dados supriu parcialmente o fato de, ao longo da pesquisa de campo, terem sido realizadas pouquíssimas comparações sistemáticas de dados, possibilitando também a elaboração de outros paradigmas. Foi possível também, por meio desta ferramenta com o auxílio do diário de campo, resgatar os contextos de fala de cada enunciado, e obter contrastes nos diversos níveis gramaticais da língua Av.C-T, bem como os contrastes no nível fonético entre as gerações de falantes.

Levando em conta que essa Base de Dados é de pleno acesso sobretudo aos Avá-Canoeiro, optamos por referenciar cada exemplo desta dissertação com o seu arquivo de origem. Os exemplos que não possuem esta forma de referenciação dizem respeito em sua maioria aos exemplos de trabalhos de outros autores. Nestes casos, a referenciação diz respeito ao trabalho de origem, os quais buscamos também manter a numeração original do(s) autor(es).

Esse banco de dados do Avá-Canoeiro do Tocantins, assim como os materiais linguísticos já coletados, compõe parte do Banco de Dados das Línguas Indígenas Brasileiras do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI/UnB). Nesta dissertação, além dos dados trabalhados em campo utilizamos também dados de trabalhos linguísticos já publicados sobre o Avá-Canoeiros do Tocantins, como é o caso dos trabalhos de Toral (1984/5) de Borges (2006).

0.3.4. ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Esta dissertação se divide em cinco capítulos. O capítulo 0 consiste na introdução deste trabalho, bem como comenta alguns aspectos acerca da historiografia dos Avá-Canoeiro

²¹ Sobre o programa *ELAN* e o projeto “The Language Archive” do qual foi fruto, vide < <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>>, última visualização em fev./2015.

e Avá-Canoeiro do Tocantins; referenciais teóricos, metodologia de coleta, organização, análise e descrição dos dados.

O capítulo 1 versa sobre a fonologia segmental da língua Av.C-T. É uma descrição dos fonemas da língua levando-se em conta mudanças diageracionais entre as faixas I e I, e III de falantes; bem como no que se refere a processos fonológicos e morfofonológicos do Av.C-T.

O Capítulo 2 descreve alguns aspectos da morfologia e morfossintaxe da língua, como a distinção entre nome e verbo, argumento e predicado; os modos verbais indicativo I, indicativo II, imperativo e gerúndio; as marcas pessoais; a flexão casual; e a flexão relacional.

O capítulo 3 trata de alguns aspectos da sintaxe da língua Av.C-T, sobretudo quanto à um aprofundamento da descrição das ordens de constituintes encontradas e quanto à diferenciação (a) dos argumentos marcados no núcleo do predicado; (b) dos argumentos sintáticos, que possuem ordem e expressão condicionadas por fatores pragmáticos; (c) do conceito de pivô semântico (SmP); (d) tópico; e (e) foco.

O capítulo 4 consiste nas conclusões deste estudo, bem como resume as contribuições que esta dissertação traz à linha de pesquisa Teoria e Análise Linguística de Línguas Indígenas, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB), e algumas perspectivas de continuidade deste trabalho.

1. ELEMENTOS DE FONOLOGIA E MORFOFONOLOGIA

Neste capítulo, aprofundamos a descrição da fonologia do Av.C-T, bem como a descrição de elementos da fonética e morfofonêmica da língua. Levamos em consideração as variantes sociais pré e pós-contato e diageracionalidade, partindo de dados de falantes das faixas I, II e III (*vide* **0.3.1.3 Metodologia de análise sociolinguística**). Para a descrição da fonologia da língua, levamos em consideração os estudos fonéticos feitos por Toral (1984/5) e os estudos de âmbito fonético e fonológico feitos por Borges (2006) para a variedade do Av.C-T.

1.1. Fonologia segmental do Avá-Canoeiro do Tocantins

Toral (1984/5), foi o primeiro linguista a descrever aspectos da fonética do Avá-Canoeiro do Tocantins. Realizou sua pesquisa entre nov./1984 a nov./1985, tendo se passado pouco menos de dois anos do contato ocorrido em jun./1983 (cf. GRANADO, 2005, p.59). Toral (*op. cit.*, p.2) trabalhou “principalmente com Tuie (15) em situação de pesquisa formal, no Posto, e com Iawí (20) em situações informais”, sendo que “Matfã colaborava sempre que estava presente”. Segundo as certidões de nascimento feitas posteriormente, Tuia e Iawi teriam, à época, 23/24 e 14/15 anos, respectivamente. Apresento abaixo os quadros fonéticos elaborados pelo autor²². É importante notar, no entanto, que os sons [s], [ʃ], [ᵐb], [mb], [ᵐd] e [nd] são considerados como exclusivamente pertencentes ao Avá-Canoeiro do Araguaia, dialeto que “apresentaria, então, um quadro de consoantes e vogais maior que o do Tocantins”.

²² Adaptamos os símbolos utilizados pelo autor para a versão mais atual do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), de forma a facilitar a compreensão do leitor.

Quadro 2 - Fones consonantais do Av.C (TORAL, 1984/5, p.7)

Ponto de articulação		Labiais		Apicais			Frontais		Dorsais			
Modo de articulação		b i l a b i a i s	l á b i o - d e n t a i s	i n t e r - d e n t a i s	p ó s - d e n t a i s	a l v e o l a r e s	r e t r o f l e x a	p r é - p a l l a t a i s	m é d i o - p a l l a t a i s	r e t r o f l e x a s	m é d i o - v e l a r e s	p ó s - v e l a r e s
Oclusivas	su	p p ^h				t t ^h					k	k ^w ḳ
	so					d ^(ˀ)						g ^w
Nasais	su											
	so	m m ^w				n		ɲ				ŋ
Fricativas	pl	su	w ^w								ɣ ^w	
		so									ɣ̣ ɣ̣l ɣ̣	
	co	su			s		ʃ					
		so					ʒ	ʒ̣			ɟ	
Laterais	su											
	so								tl ḷ			
Vibrantes	su											
	so						ɽ					
Africadas	su					tʃ ʃ						
	so					dʒ z						
Oclusivas pré-nasalizadas		^m b mb				ⁿ d nd						

Quadro 3 - Fones vocálicos do Av.C-T (TORAL, 1984/5, p.6)

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		não-arr.	arred.	não-arr.	arred.	não-arr.	arred.
Altas	fechadas	i i: j̥		i i: j̥		u	u u ʊ
	abertas						
Médias	fechadas	e e: ɛ̥					o o: ɔ̥
	abertas	ɛ		ə ɛ̃ ə a: ɔ̃			ɔ
Baixas	fechadas			ə ɛ̃ ə a: ɔ̃			
	abertas			ə ɛ̃ ə a:			

Borges (2006) foi a segunda pesquisadora a trabalhar aspectos fonéticos e a primeira a descrever a fonologia do Av.C-T, como uma variedade diageracional do Av.C. A autora (*op. cit.*, p.31) realizou sua pesquisa de campo entre os anos 2001 e 2003, tendo trabalhado com todos os falantes, mas “foram ouvidos na maior parte do tempo Jatulika e, principalmente, Nywatjima, que sempre gostou muito de ensinar (...) novas palavras, e revelou-se uma excelente professora da língua, dedicada e, sobretudo, paciente”. Jatulika e Niwatima, nascidos após o contato, tinham na época da pesquisa 15/17 e 12/14 anos, respectivamente. Para sua análise da fonologia do Av.C-T, a autora apresenta os seguintes quadros fonéticos da língua:

Quadro 4 - Fones consonantais do Av.C-T (BORGES, 2006, p.95)

Ponto de articulação	Bilabiais	Alveolares	Álveo-palatais	Velares	Uvulares
Modo de articulação					
Oclusivas simples	p b	t d		k g	q ɢ
Oclusivas aspiradas	p ^h	t ^h		k ^h	
Oclusivas não-explodidas	p ^ʔ	t ^ʔ		k ^ʔ	
Oclusivas labializadas				k ^w	ɢ ^w
Fricativas	β		ʃ ʒ		ʁ

Africadas			tʃ dʒ		
Nasais	m	n	ɲ	ŋ	
Nasais pós-oralizadas	^m b	ⁿ d			
Laterais		l	ʎ		
Aproximantes	w	r	j		
Aproximantes nasalizadas	Ẃ	Ṛ	Ṝ		

Quadro 5 - Fones vocálicos do Av.C-T (BORGES, 2006, p. 95)

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
Altas	i i:	ĩ ã:	ɨ ɨ:	ĩ ã:	u u:	ũ ã:
	ɪ	ĩ			ʊ	õ
Médias	e e:	ẽ ẽ:	ə	ẽ ẽ:	o o:	õ õ:
	ɛ ɛ:				ɔ ɔ:	
Baixas			a a:			

Borges (*op. cit.*, p.51) descreve para o Avá-Canoeiro a existência de 12 fonemas consonantais e 12 fonemas vocálicos, sendo seis orais e seis nasais. Os fonemas consonantais seriam: as oclusivas surdas /p/, /t/ e /k/; uma oclusiva velar labializada /k^w/; uma africada álveo-palatal surda /tʃ/; uma fricativa uvular sonora /ʁ/; as oclusivas nasais /m/, /n/ e /ŋ/²³; e três aproximantes /w/, /r/ e /j/. Já os fonemas vocálicos seriam: quatro anteriores, sendo dois altos, /i/ e /ĩ/, e dois médios, /e/ e /ẽ/; quatro centrais, sendo dois altos /ɨ/ e /ĩ/ e dois baixos /a/ e /ã/; e quatro posteriores, as altas /u/ e /ũ/, e as médias /o/ e /õ/. Abaixo reproduzimos o quadro de Borges (*op. cit.*, p.50 e p.71) dos fonemas do Av.C com seus alofones:

Quadro 6 - Alofones dos fonemas vocálicos do Av.C (BORGES, 2006, p.71)

/i/:	[i], [ɪ], [j]
/e/:	[e], [ɛ], [ɪ]
/ɨ/:	[ɨ], [ə]
/a/:	[a], [ə]
/u/:	[u], [ʊ], [w]
/o/:	[o], [ɔ], [ʊ]
/ĩ/:	[ĩ]
/ẽ/:	[ẽ]
/ã/:	[ã]

²³ Borges (2006, p.83-84) comenta que os fonemas /m/ e /n/ possuiriam os alofones [ᵐb] e [b], [ᵐd] e [d], respectivamente, encontrados somente na variedade do Avá-Canoeiro do Araguaia. Esses fones também foram registrados por Toral (1984/5) como pertencentes exclusivamente a esta variedade.

/ã/: [ã]
 /ũ/: [ũ]
 /õ/: [õ]

Quadro 7 - Alofones dos fonemas consonantais do Av.C (BORGES, 2006, p.50)

/p/: [p], [p^h], [p^ʷ]
 /t/: [t], [t^h], [t^ʷ], [tʃ]
 /k/: [k], [k^h], [k^ʷ], [q]
 /k^w/: [k^w]
 /tʃ/: [tʃ], [ʃ], [ʒ], [j]
 /ʁ/: [ʁ], [g], [ɣ]
 /m/: [m], [m^b], [b]
 /n/: [n], [n^d], [d]
 /ŋ/: [ŋ]
 /w/: [w], [β], [ɣ^w], [w̃]
 /r/: [r], [l], [r̃]
 /j/: [j], [ʃ], [ʒ], [tʃ], [dʒ], [ʎ], [ɲ], [j̃]

Ao trabalhar tanto com os falantes pré-contato, Matʃa, Nakwatʃa (faixa I), Tuia e Iawi (faixa II), quanto com falantes nascidos após o contato, Niwatima e Trumak (faixa III), o quadro fonético do Avá-Canoeiro do Tocantins parece se apresentar de forma mais expandida ao que fora anteriormente descrito. Na sequência aprofundamos a descrição da fonologia da língua Av.C-T, lançando mão de contraste diageracional para determinados alofones de fonemas da língua.

Quadro 8 - Fones consonantais do Av.C-T

Modo de articulação	Ponto de articulação						
	Bilab.	Alveol.	Álveo-p.	Retrof.	Velares	Uvulares	Faringal
Oclusivas simples	p	t		ɖ	k g	q ɢ	
Oclusivas aspiradas	p ^h	t ^h			k ^h		
Oclusivas labializadas					k ^w g ^w	q ^w ɢ ^w	
Oclusivas laringalizadas	p ^ʕ	t ^ʕ				q ^ʕ	
Tap ou Flap				ɾ			
Fricativas			ʒ	ʐ	ɣ	ʁ	ʕ
Fricativas labializadas					ɣ ^w	ʁ ^w	
Africadas		dʒ, dl	tʃ dʎ, dʒ	tʂ dʐ			
Nasais	m	n			ŋ		
Laterais fricativas		ʎ					
Laterais aproximantes		l	ʎ				
Aproximantes	w		j				
Aproximantes nasalizadas	w̃		j̃				

Quadro 9 - Fones vocálicos do Av.C-T

		Anteriores		Centrais		Posteriores	
		Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
Altas	fechadas	i i:	ĩ	í i:	ĩĩ:	u u:	ũ
	abertas	ɪ ɪ̃	ĩ			ʊ ʊ̃	õ
Médias	fechadas	e e: ɛ̃	ẽ			o o:	õ õ:
				ə ə̃	ẽ̃		
	abertas	ɛ ɛ: ɛ̃				ɔ ɔ:	
Baixas	fechadas			ɐ ɐ: ɐ̃	ẽ̃ ẽ̃: ẽ̃̃		
	abertas	a a:	ã ã:				

Em nossa análise, seguimos a descrição de Borges (2006) quanto à existência de 12 fonemas consonantais e 12 fonemas vocálicos para o Av.C-T²⁴. No entanto, levamos em consideração a variação diageracional expressa na alofonia dos fonemas /k/, /k^w/, /ɸ/, /w/, /l/ e /j/, bem como apresentamos uma outra análise para o que Borges considerou ser o alofone [r] de /l/ para o Av.C-T, e propomos algumas soluções para a análise dos fonemas /tʃ/ e /j/. Apresentamos nas próximas seções o quadro dos fonemas consonantais e vocálicos do Av.C-T e a distribuição de seus respectivos alofones.

1.1.1. FONEMAS CONSONANTAIS E SEUS ALOFONES

Quadro 10 - Fonemas consonantais do Av.C-T

Fonema	Faixa I	Faixa II	Faixa III
/p/		[p], [p ^s]	[p], [p ^h]
/t/	[t], [t ^s], [tʃ]	[t], [t ^s], [t ^h], [tʃ]	[t], [t ^h], [tʃ]
/k/	[q], [q ^s], [q ^h]	[q], [q ^s], [k], [k ^h]	[k], [k ^h]
/k ^w /	[q ^w]	[q ^w], [k ^w]	[k ^w]
/tʃ/	[tʃ]	[tʃ], [tʃ]	[tʃ]
/m/		[m]	
/n/		[n]	
/ŋ/		[ŋ]	
/ɸ/		[ɸ], [ɸ]	[ɸ], [g]
/l/	[l], [dl], [ɸ], [dɸ], [l], [dl], [d]		[l]
/w/	[w], [g ^w], [wɸ ^w], [ɸ ^w], [wɸ], [wɸ ^w], [w̃], [w̃ɸ ^w], [w̃ŋ ^w]		[w], [g ^w], [ɸ ^w], [w̃]
/j/	[j], [z], [dz], [l], [t], [n], [j]		[j], [z], [dz], [l], [n], [j]

²⁴ Veja Borges (2006, p.50-80) quanto aos contrastes de pares mínimos e análogos que fundamentam a existência desses 24 fonemas do Av.C, bem como para a explicação histórica e a distribuição de seus alofones.

1.1.1.1. Oclusivos e africada surda

1.1.1.1.1. /p/ oclusivo bilabial surdo

[p] - oclusivo bilabial surdo -, varia livremente com [p^h] - oclusivo bilabial surdo aspirado – nas faixas II e III; e com [p^s] – oclusivo bilabial surdo faringalizado –, em sílabas de acento primário ou secundário, na faixa I.

- (1) /maila awapiti/ ‘(há tempos/lá longe) Branco matou muita gente’
[ma'i:ɬɛ:wa'p^hi:tɕe] ~ [ma'i:ɬɛwa:'pitʃi] avv(t)20130329a_as (6)
- (2) /-puɕu/ ‘bolsa, cesto’
[ma:tɕɛ'p^hu:ɕu] ‘mochila/sacola de Matʃa’ avv(t)20130329a_as (7)
[tɕile'pu:ɕu] ‘minha bolsa’ avv(t)20140521_as (36)
- (3) /piaji/ ‘escuro, noite’
[p^sia:'dziɔ] ~ [pi'a:dziw] ‘pelo escuro’, ‘pela noite’ avv(t)20120430a_as (9);
avv(t)20120430a_as (9)
[p^hi'a:dzi] ~ [pi'a:dzi] ‘escuro, noite’ avv(t)20130530a_ac (3); avv(t)20140717_as (3)
- (4) /na ipokuj/ ‘não é comprido’
[na:jp^hu:'quj] avv(t)20131030a_as (11)
- (5) /na pemopukuj/ ‘você não fizeram comprido’
[na,pe:'mɔ:'pu'q^huj] ~ ['na,p^he:'mɔ:'p^hu'q^huj] avv(t)20131030a_as (11)

[p] – oclusiva bilabial surda - ocorre nos demais contextos

- (6) /pikaw/ ‘pombo’
[pi'qaw] avv(t)20130913-17a_as (16)
- (7) /ipepu/ ‘é asa (de pombo)’
[i:'pep] avv(t)20130913-17a_as (16)
- (8) /tʃi po/ ‘minha mão’
[tʃi'po:] avv(t)20130913-17a_as (200).eaf

1.1.1.1.2. /t/ oclusivo alveolar surda

[t] - oclusivo alveolar surdo - varia livremente com [t^h] - oclusivo alveolar surdo aspirado -, nas faixas diageracionais II e III; e [t^s] - oclusivo alveolar surdo faringalizado -, nas faixas diageracionais I e II, em sílabas de acento primário ou secundário.

- (9) /tane/ ‘eu vou ir’, ‘tenho a intenção de ir’
[tane] ~ [t^hane] ~ [t^sane] avv(t)20120430a_as (9)_00:04:43.839; avv(t)20120430a_as (8)_00:02:38.818; avv(t)20120430a_as (9)_00:00:27.344

- (10) /tapik/ 'vou me sentar'
 [ˈta:pikə] [ˈtʰa:piqə] avv(t)20120430a_as (9)_00:05:33.112; avv(t)20120430a_as
 (9)_00:05:31.980

[tʃ] - africada alveopalatal surda -, na faixa III, ou [tʃʃ] - africada alveopalatal surda retroflexa – nas faixas I e II, diante ou antes de [i] ou [j].

- (11) /tʃikiti/ 'me cortou'
 [ˌtʃiˈqi:tʃi] avv(t)20130913-17a_as (203)_00:01:41.012

- (12) /mae lepoti/ 'é fezes de animal'
 [ˌma:ɛ liˈpɔ:tʃi] avv(t)20130913-17a_as (12)_00:00:03.689

- (13) /naujtõ/
 [ˌnʰaˈʰu:ˈtʃo:] 'não comi (a rapadura)' avv(t)20131029a_as (6)_00:00:19.746

[t] - oclusivo alveolar surdo - ocorre nos demais contextos

- (14) /o-ji-kiti-e/ 'ele vai se cortar mesmo'
 [ˌo:dʒiˈki:tɛ] avv(t)20140714_as (6)_00:06:15.780

- (15) /utu/ 'vento'
 [ˌu:tɔ] avv(t)20130913-17a_as (203)_00:02:28.198

- (16) /jaitata/ 'estrela'
 [ˌʒa:iˈta:tɛ] avv(t)20130913-17a_as (213)_00:00:07.954

- (17) /jawalitoʊu/ 'a onça'
 [ˌdʒaɣˈwɑliˈto:ɣɔ] avv(t)20120430a_as (9)_00:01:28.473

1.1.1.1.3. /k/ oclusivo alveolar surdo

[k] - oclusivo velar surdo - varia livremente com [kʰ] - oclusivo velar surdo aspirado -, nas faixas diageracionais II e III; e [q] - oclusivo uvular surdo – varia livremente com [qʰ] - oclusivo uvular surdo faringalizado – e [qʰ] - oclusivo uvular surdo aspirado -, nas faixas diageracionais I e II, em sílabas de acento primário ou secundário, ou pós-tônicas.

- (18) /kotõ/ 'este'
 [ˈqʰɔ:tõ] ~ [ˈqɔ:tõ] avv(t)20131030a_as (11)

- (19) /kaʊn/ '(fim de) tarde'
 [ˈqʰa:ʊõ:nɐ] ~ [ˈqʰa:ʊõ:nɐ] ~ [ˈka:ʊõn] ~ [ˈka:ɣõni] avv(t)20120430a_as (9);
 avv(t)20140711_as (6)

- (20) /na ipukuj/ ‘não é comprido’
[na:j ,p^hu:’quj] avv(t)20131030a_as (11)
- (21) /na pemopukuj/ ‘você não fizeram comprido’
[na ,pe:’mɔ: ,pu’q^huj] ~ [’na ,p^he:’mɔ: ,p^hu’q^huj] avv(t)20131030a_as (11)
- (22) /ko le/ ‘com respeito a aqui’
[’k^ho:le] avv(t)20130530a_ac (1)_00:01:44.213
- (23) /ikawa/ ‘gordura dele’
[’i:kawa] ~ [,i:’k^ha:wɐ] avv(t)20140711_as (23).
- (24) /ipeko/ ‘espécie de pato’
[,i:pɛ’ko] ~ [,i:pɛ’k^ho] avv(t)20130918a_ac (9)
- (25) /kunumi/ ‘é criança’
[kũ:’nũ:mi^h] ~ [k^hũ:’nũ:mi] avv(t)20130530a_ac (3)
- (26) /ajauk/ ‘eu tomei banho’
[a’zɑ:uk^hi] avv(t)20120430a_as (10)
- (27) /tamapik/ ‘vou cozinhar’
[tẽ’ma:pik^hi] avv(t)20140707_as (2)
- (28) /awã kaŋ/ ‘é osso de gente’
[,a:’wã:q^hẽŋ] avv(t)20131028a_as (56)

[k] - oclusiva velar surda -, nas faixas II e III; e [q] – oclusiva uvular surda -, nas faixas I e II, nos demais contextos.

- (29) /koem/ ‘manhã’
[qo:’ẽmɔ] ~ [ko’em] avv(t)20120430a_as (9)

1.1.1.1.4. /k^w/ oclusivo velar labializado surdo

[k^w] - oclusivo velar labializado surdo -, nas faixas II e III, e [q^w] - oclusivo uvular labializado surdo, nas faixas I e II.

- (30) /ikwãw/ ‘dedão do pé de(le)’
[,i:’q^wẽw] avv(t)20131028a_as (55)
- (31) /tʃi kwãw/ ‘meu dedo do pé’
[,tʃi:’k^wẽ:w] avv(t)20131025a_as (7)

- (32) /oj kwamae/ 'este é longe'
 [o:jkʷa'maɪ] ~ [oi:qʷe'ma:e] avv(t)20140521_as (18); avv(t)20130912a_ac (1)

1.1.1.1.5. /tʃ/ *africada alveopalatal surda*

[tʃ] - africada alveopalatal surda -, nas faixas II e III, e [tʃ̠] - africada alveopalatal surda retroflexa, nas faixas I e II.

- (33) /tʃi po/ 'minha mão'
 [tʃi:pɔ] ~ [tʃi:po:] avv(t)20131028a_as (55); avv(t)20140710_as (8)
- (34) /atʃo/ 'eu puxo'
 [a:tʃɔ:] avv(t)20140711_as (6)
- (35) /tʃi tʃupai/ '(a onça) me morde completamente'
 [tʃi:tʃu:pɛi] avv(t)20120430a_as (9)
- (36) /watʃupuku/ 'espécie de veado'
 [wa:tʃʊ'pu:ko] avv(t)20140711_as (23)
- (37) /watʃu/ 'veado'
 [u:a:tʃʊ] ~ [wa:tʃʊ] avv(t)20140711_as (23); avv(t)20130918a_ac (9)

Para Borges (2006), o fonema /tʃ/ possuiria, além do fone [tʃ], os alofones [ʃ], [ʒ] e [j], não encontrados em nossos dados. Observamos que os alofones [ʃ] e [j] são registrados pela autora unicamente nos dados referentes ao “pronome livre” ‘eu’ [iʃe] ~ [itʃe] e [ije], e se referem exclusivamente à variedade diatópica do Av.C-A. Quanto ao alofone [ʒ], Borges (2006, p.89) o registra somente em /tʃiapaʃa/ [ʒi'a:pəʃə] ‘enxada, escavadeira’. Muito provavelmente esta palavra se forme a partir de (PTG) *jī ‘machado’²⁵ e -apaʃ ‘torto’, resultando em /jiapaʃ/ ‘o machado torto/arqueado, de(1e)’²⁶. Neste caso, [ʒ] seria um alofone de /j/ e não de /tʃ/.

²⁵ ‘Machado’ em Av.C-T é *jikiwar*, segundo Borges (2006, p.68).

²⁶ Em Av.C-T, o nome relativo ‘arco, arqueado’ é referido por -apaʃ, como em ‘meu arco’ *tʃi ɪ-apaʃ-a* (1=R¹-arco-ARG). Em outras línguas do subramo IV ‘arco’ constitui-se de: em As-T, *ywýr-apat* (pau-torto) (cf. CABRAL & RODRIGUES, 2003); em Pk *ywyr-apar* (pau-torto) (SILVA, 2003); em Tm e Gj *wir-ápár* (pau-torto) (cf. SILVA, 2010); em Tp *ʒywyràpan* (pau-torto) (cf. ALMEIDA et al., 1983, p.88).

1.1.1.2. Consoantes nasais

1.1.1.2.1. /m/ consoante bilabial nasal

[m] consoante bilabial nasal

- (38) /mitũ/ ‘mutum’
[.mi:ˈtũ:] avv(t)20140714_as (9)
- (39) /manioka/ ‘mandioca’
[.mɛ:niˈɔqɐ] avv(t)20130912a_as (2)
- (40) /tʃi kwamili/ ‘meu dedinho’
[.tʃi:kʷaˈmi:ɾi] avv(t)20140714_as (9)
- (41) /tʃi mokwaem/ ‘me assusta’
[tʃimoˈqʷã:ẽm] avv(t)20140714_as (12)
- (42) /panama/ ‘borboleta’
[ˈpɛnɛmɐ] avv(t)20140715_as (7)
- (43) /iama/ ‘a corda dele’
[iˈẽmɐ] avv(t)20130913-17a_as (53)

1.1.1.2.2. /n/ consoante alveolar nasal

[n] consoante alveolar nasal

- (44) /namaeuj/ ‘não comi nada’
[.nã:maeˈu:j] avv(t)20120430a_as (9)
- (45) /onanõ/ ‘ele ouviu’
[ũˈnẽ:nõʰ] avv(t)20140710_as (8)
- (46) /manioka/ ‘mandioca’
[.mɛ:niˈɔqɐ] avv(t)20130912a_as (2)
- (47) /kumanã/ ‘feijão’
[.quˈmẽ:nɛ] avv(t)20140715_as (8)
- (48) /ne mena/ ‘teu marido’
[.ne:ˈmẽ:nɐ] avv(t)20140716_as (13)

1.1.1.2.3. /ŋ/ consoante velar nasal

[ŋ] consoante velar nasal

- (49) /maŋawã/ ‘mangaba’
[ˈmẽ:ŋẽwã] avv(t)20140711_as (2)
- (50) /wiŋawiwa/ ‘pé de ingá’
[ˌwĩːŋa:wɪwɐ] avv(t)20130913-17a_as (33)
- (51) /tʃi kaŋa/ ‘meu osso’
[ˈtʃi:kẽŋɐ] avv(t)20140711_as (3)
- (52) /mojtiniŋa/ ‘cobra cascavel’
[ˈmo:jˈtʃĩnẽŋɐ] avv(t)20140711_as (6)
- (53) /ipilaŋ/ ‘é o vermelho dele’
[iːˈpʰi:lẽŋ] avv(t)20140711_as (23).eaf
- (54) /ajeŋ/ ‘eu falo’
[ˌãːˈnẽŋə] avv(t)20140711_as (3).eaf

1.1.1.3. Consoante fricativa

1.1.1.3.1. /ʁ/ fricativa uvular sonora²⁷

[ʁ] - fricativa velar sonora -, na faixa III, varia livremente com [g] - oclusiva velar sonora -; e
[ʁ] - fricativa uvular sonora -, nas faixas I e II, varia livremente com [g] - oclusiva uvular sonora.

- (55) /aʁakuxa/ ‘saracura’
[aˈga:kuxɐ] ~ [ˌaːˈga:quɐ] avv(t)20140711_as (23); avv(t)20140714_as (4)
- (56) /aʁakupitaʁana/ ‘peixe saracura’
[aˈʁa:qu piˈta:ʁẽnɐ] avv(t)20140714_as (11)
- (57) /jawaʁa/ ‘cachorro’
[ˈʒa:ʁuɐ] ~ [ˈʒa:ɔuɐ] ~ [ˈʒaʁwɛɐ] avv(t)20140711_as (23); avv(t)20140714_as (9);
avv(t)20140714_as (9)
- (58) /jawalitoʁu/ ‘onça pintada’
[ˌdʒa:gʷaliˈto:gʊʰ] ~ [ˌdʒa:gʷaliˈto:ʁu] ~ [ˌdʒaʁwaɫiˈto:ʁu] avv(t)20140710_as (8);
avv(t)20130913-17a_as (25)

²⁷ O fonema /ʁ/, em Av.C, teria sua origem principalmente do *r, mas também do *ts e *tʃ do PTG (cf. BORGES, 2006, p.61-63).

1.1.1.4. Consoante lateral²⁸

1.1.1.4.1. /l/ consoante lateral alveolar sonora

[l] - consoante lateral alveolar sonora -, na faixa III; [l] - consoante lateral alveolar sonora -, nas faixas I e II, em variação livre com [dl] - consoante africada lateral alveolar sonora -, [ɫ] - consoante lateral fricativa alveolar sonora -, [dɫ] - consoante africada lateral fricativa alveolar sonora, [ʎ] - consoante lateral aproximante palatal, [dʎ] - consoante africada lateral aproximante palatal - e [d] - consoante oclusiva retroflexa sonora.

Faixa III

- (59) /maila/ ‘Branco’
[ˈmai:lɐ] avv(t)20140711_as (3)
- (60) /piðmili/ ‘espécie de pium’
[ˌpʰiː ð:ˈmi:lɪ] avv(t)20140717_as (3)
- (61) /aʁakali/ ‘galinha’
[ɐʁɐˈka:lɪ] avv(t)20140707_as (2)
- (62) /pila/ ‘peixe’
[ˈpi:lɐ] avv(t)20140711_as (2)

Faixa I e II

- (63) /tʃi lɐpuʁu/ ‘minha bolsa, cesto’
[tʃɪ,lɐ:ˈpɔʁu] ~ [tʃɪ,dʎɛ:ˈpɔʁu] ~ [tʃɛˈpu:ʁu] avv(t)20130913-17a_as (203); avv(t)20140521_as (35)
- (64) /tʃi milaj/ ‘minha neta’
[ˌtʃɪ:miˈɖa:j] ~ [ˌtʃimɪˈlʰa:j] avv(t)20130329a_as (6)
- (65) /maila/ ‘Branco’
[ˌma:ˈi:dlɐ] ~ [maˈi:ɫɐ] avv(t)20140716_as (12); avv(t)20130329a_as (6)
- (66) /pila/ ‘peixe’
[ˈpi:dʎɐ] ~ [ˈpi:lɐ] avv(t)20131028a_as (69); avv(t)20131028a_as (60);
- (67) /talew/ ‘traíra’
[ˈta:lɛw] avv(t)20140709_as (1)

²⁸ Sobre o fonema /l/, semelhante ao fonema /ɫ/ descrito por Borges (2006), e sua evolução histórica a partir de */ɫ/, veja Borges (*op. cit.*, p.65-69).

- (68) /walew/ ‘guariba’
[ˈwa:ɫɛw]
- (69) /tapila/ ‘anta’
[ˌta:ˈpi:lə] ~ [ˌta:ˈpiɫɐ] ~ [ˌta:ˈpidɫɐ] avv(t)20130918a_ac (9); avv(t)20130804a_as (6);
avv(t)20130913-17a_as (46)
- (70) /awatimili/ ‘arroz com casca’
[ˌa:ˈwa:tʃiˈmi:ɫi] ~ [ˌa:ˈwa:tʃiˈmi:dɫɪ] avv(t)20140710_as (8); avv(t)20140715_as (8)
- (71) /aʁakali/ ‘galinha’
[ˌa:ʁɐˈqʰa:dɫɪ] ~ [ˌa:ʁaˈqa:dɫɛ] ~ [ˌa:ʁɐˈqa:ɫi] avv(t)20130804a_as (6); avv(t)20130804a_as (6);
avv(t)20131028a_as (69)

1.1.1.5. Aproximantes

1.1.1.5.1. /w/ consoante aproximante bilabial

[w] - consoante aproximante bilabial -, na faixa III, ocorre em variação livre com [g^w] – consoante oclusiva velar sonora labializada -, na faixa III, ocorre em variação livre com [ɣ^w] – consoante fricativa velar sonora labializada -; [w] - consoante aproximante bilabial -, nas faixas I e II, ocorre em variação livre com [g^w] ~ [wɣ^w] – consoante oclusiva uvular sonora labializada -, com [ʁ^w] ~ [wʁ] ~ [wʁ^w] – consoante fricativa uvular sonora labializada -, em meio e início de palavra.

- (72) /jawalitoʁu/ ‘onça pintada’
[ˌdʒa:ɡʷalɪˈto:ɡʊ^b] ~ [ˌdʒaɣʷalɪˈto:ɣʊ] ~ [ˌdʒaʁʷaɫɪˈto:ʁʊ] ~ avv(t)20140710_as (8);
avv(t)20130913-17a_as (25); avv(t)20120430a_as (9)
- (73) /wewe/ ‘flauta’
[wˈɡʷe:ɡʷe:] ~ [ˈʁʷe:ʁʷe:] avv(t)20140719_as (15); avv(t)20131028a_as (79)
- (74) /-owowo/ ‘inchar’
[ˌi:ɫʊˈʁʷo:wɣʷo] ‘o inchar de(le)’ avv(t)20130913-17a_as (169)
[ʊˌwo:ˈwo:ʁʊ] ‘ele está inchado, gordo’ avv(t)20130912a_as (1)
- (75) /weataw/ ‘eu (vou) caminhando’
[wʁʷeˈa:taw] ~ [ɣʷeˈa:tɔ] avv(t)20120430a_as (8); avv(t)20120430a_as (8)
- (76) /jawaʁa/ ‘cachorro’
[ˈʒa:ɣʊɣʊ] ~ [ˈʒa:ɡʊɡʊ] ~ [ˈʒaʁʷɛɣɛ] ~ [ˈʒa:wʁʷɛɣɛ] ~ [ˈʒa:wʁɛ] avv(t)20140711_as (23);
avv(t)20140714_as (9); avv(t)20140714_as (9); avv(t)20131028a_as (66); avv(t)20130913-
17a_as (201)

- (77) /iwa/ ‘pau’
 [iʷ'ka:pɛ] ‘no banco’ avv(t)20120430a_as (10)
 [ʰi:ʷkɛ] ~ [ʰigʷa] avv(t)20140714_as (9); avv(t)20131028a_as (52)

[w̃] - consoante aproximante bilabial nasalizada -, na faixa III; e [w̃ʃʷ] - consoante fricativa uvular sonora labializada nasalizada - em variação com [w̃ŋʷ] – consoante nasal velar labializada -, nas faixas I e II, em ambiente nasal, em meio de palavra.

- (78) /owen/ ‘ele vomitou’
 [u:ʰw̃ɛnɪ] avv(t)20140711_as (7)

- (79) /mawamã/ ‘outro índio’
 [ʰmãw̃ʃʷɛmɛ] ~ [ʰmawʃʷɔ̃ʃmɛ] ~ [mʰaw̃ŋw̃ʃmɛ] avv(t)20140716_as (12); avv(t)20131029a_as (18); avv(t)20131029a_as (18)

[w̃] - consoante aproximante bilabial nasalizada -, ocorre nos demais ambientes nasais.

- (80) /wiŋawiwa/ ‘pé de ingá’
 [w̃iʰŋa:wɪwɛ] avv(t)20130913-17a_as (33)

- (81) /tʃi kwãu/ ‘meu dedão’
 [tʃiʰkʷɛw̃] avv(t)20140714_as (9).eaf

[w] ocorre em final de palavra

- (82) /ikiaw/ ‘rede dele’
 [i:kiʰa:w] ~ [i:qiʰa:w] avv(t)20140710_as (8); avv(t)20120430a_as (10)

- (83) /-kiw/ ‘piolho de’
 [tʃiʰki:w] ‘meu piolho’ avv(t)20140711_as (26)

1.1.1.5.2. /j/ consoante aproximante palatal

[ʒ] – consoante fricativa álveo-palatal sonora - ocorre em variação livre, na faixa III, com [dʒ] – consoante africada álveo-palatal sonora -; e [z] – consoante fricativa retroflexa sonora – ocorre em variação livre, nas faixas I e II, e com [dz] - consoante africada álveo-palatal sonora -, em meio de palavra.

- (84) /jawalitoŋu/ ‘onça pintada’
 [dʒaɣʷaliʰto:ŋu] ~ [dʒaɣʷaliʰto:ɔ] ~ [ʒa:ɣʷaliʰto:ɔ] avv(t)20140710_as (8);
 avv(t)20130913-17a_as (25); avv(t)20120430a_as (8)

- (85) /jaitata/ ‘estrela’
 [ʒai:ʰta:tɛ] ~ [ʒa:iʰta:tɛ] avv(t)20130530a_ac (2); avv(t)20130913-17a_as (213)

- (86) /-juka/ ‘matar’
 [i:’zʊ:kɐ’ɛ:mɐ] ‘não (a) mate!’ avv(t)20140707_as (2)
 [eli’dʒʊ:kɐ] ‘você mata’ avv(t)20140707_as (2)
 [ni’zʊ:kɐ] ‘te mata’ avv(t)20130530a_ac (2)
 [a:’zʊ:qɐ] ‘eu mato’ avv(t)20131025a_as (7)
 [a:wɐ’dʒʊ:qɐ] ‘mata gente’ avv(t)20130913-17a_as (102)

[ʎ] – consoante lateral aproximante álveo-palatal – ocorre em fronteira de morfema, entre vogais.

- (87) /ij-/ ‘prefixo relacional R²’
 [i:’ʎo’wɔ:wɔ] ‘existe o inchado dele’ avv(t)20130913-17a_as (169)
 [i:’ʎo:wɛŋ] ‘ele (meu joelho) está curado’ avv(t)20130913-17a_as (169)
 [i:’ʎo’tɛ:] ‘ele está muito amargo’ avv(t)20131026a_as (27)

[ɽ] - flap retroflexo -, na faixa I e II, ocorre entre vogais na fala rápida.

- (88) /jawalitoʋu/ ‘onça pintada’
 [ɽɐʋ’ali’to:ʋɔ] avv(t)20120430a_as (10).eaf
- (89) /ilote/ ‘é muito azedo’
 [i:dlɔ’tɛ] ~ [i:ɽo’tɛ:] avv(t)20130913-17a_as (217)
- (90) /tajau/ ‘porcão’
 [ta’zɑ:w] ~ [ta’ɽa:w] avv(t)20130913-17a_as (54); avv(t)20130913-17a_as (51)
- (91) /ajati/ ‘espéce de abelha’
 [a’ɽa:tɕi] avv(t)20130913-17a_as (5)
- (92) /iajape/ ‘casco dele’
 [i:ɐ’zɑ:pɛ] ~ [i:a’ɽa:pɛ] avv(t)20131028a_as (66)
- (93) /ekoja/ ‘este’
 [ɛ:koʒɐ] ~ [e:’qoɽɐ] avv(t)20140711_as (23); avv(t)20131030a_as (11)
- (94) /moja pilika/ ‘a pele de cobra’
 [’mo:’ɽa:’pi:liqɐ] avv(t)20140716_as (6)
- (95) /moja oɽfu/ ‘a cobra mordeu (o rato)’
 [mo’ɽo:tɕɔ] avv(t)20131028a_as (54)

[j] - consoante aproximante palatal - ocorre antes de consoante em fronteira de morfema ou antes de silêncio.

(96) /mojkai/ ‘espécie de cobra’, lit.: ‘cobra macaco’
[,m:oj'ka:j] avv(t)20120430a_as (8)

(97) /akajpai/ ‘eu queimei completamente’
[,a:'qa:jpɛi] avv(t)20130913-17a_as (204)

(98) /tʃi milaj/ ‘minha neta’
[,tʃi:mi'ɖa:j] ~ [,tʃimi'l'a:j] avv(t)20130329a_as (6)

(99) /namaeuj/ ‘não comi nada’
[,nã:mae'u:j] avv(t)20120430a_as (9)

[n] – consoante oclusiva nasal alveolar – em ambiente nasal.

(100) /iwaĩja/ ‘semente’
[i:'wã:ĩnɐ] avv(t)20130912a_as (1)

(101) /janũ/ ‘aranha’
['nɛ̃nʊ] ~ ['nã̃nõ] avv(t)20131028a_as (62); avv(t)20131028a_as (66)

(102) /itajaẽ/ ‘panela’
[,i:tɐ'na:j] avv(t)20130530a_ac (1)
[,i:tẽ'nãĩjapɪa:qʷɛɕ] ~ [,i:tɐ'na:j,i:api'a:qʷɛɕ] ‘é copo’, lit.: ‘é a orelha da panela de metal’

(103) /t ajẽ/ ‘é para eu falar’
['ta:ni'fi:] avv(t)20130530a_ac (3)

(104) /jane iakwaɸa/ ‘nossa cabaça’
[,nẽ:ni'a:qʷɛɕ] avv(t)20120430a_as (10)

[j̃] - consoante aproximante palatal nasalizada – ocorre antes de consoante em fronteira de morfema ou antes de silêncio.

(105) /iwaĩj ti/ ‘água de côco’
[i:'wa:ĩj 'ti:] avv(t)20130912a_as (1)

Para Borges (2006, p.86), o fonema /j/ possuiria também um alofone /ɫ/, no entanto encontrado em somente uma palavra, ‘guariba’ /wajoa/. Corroboramos a existência deste alofone para /j/, conforme observado no exemplos contidos em (87). No entanto, o que a autora considera /j/ em /wajoa/ palavra diz respeito à um proto */ɾ/, fazendo com que [ɫ], neste caso,

seja, em nossa análise, um alofone de /l/ (*vide* 1.1.1.4.1 /l/ consoante lateral alveolar sonora). Este fato é observável ao se analisar os cognatos desta palavra em outras línguas Tupí-Guaraní, com as quais o Avá-Canoeiro possui afinidade genética, como é o caso do Tembé e Guajajára (subramo IV) que possuem *waríw* para ‘guariba’, ou *máriu*, em Tembé do Gurupí, com o acento na penúltima sílaba, conforme registrado por Cyriaco Batista (1932 *apud* SILVA, 2010, p.1013); ou ainda com quem muito provavelmente tiveram contato, como é o caso do Guajá e do Urubú-Ka’apor (ambos subramo VIII), que possuem a forma *warí* (MAGALHÃES, 2007, p.16; CALDAS, 2009, p.305); e do Tupinambá (subramo III), que possui *gwariβa* (cf. BARBOSA, 1956, p.172).

1.1.2. FONEMAS VOCÁLICOS E SEUS ALOFONES

Quadro 11 - Fonemas vocálicos e seus alofones

Fonemas	Faixa I	Faixa II	Faixa III
/i/		[i], [i:], [ɪ], [ɨ], [ə], [ɘ]	
/e/		[e], [e:], [ɛ], [ɛ:], [ɛ̃], [ɪ], [ɨ]	
/i/	[ĩ], [i:], [ɛ], [ə], [ɘ]		[ĩ], [i:], [u], [u:], [ɐ], [ə], [ɘ], [ɪ]
/a/		[a], [a:], [ɐ], [ɐ:], [ɶ], [ə], [ɘ]	
/u/		[u], [u:], [ɔ], [ɔ̃]	
/o/		[o], [o:], [ɔ], [ɔ:], [ɔ̃]	
/ĩ/		[ĩ]	
/ẽ/		[ẽ], [ĩ], [ɪ]	
/ĩ/		[ĩ], [i:], [ɘ̃]	
/ã/		[ã], [ã:], [a], [ɛ̃], [ɛ̃:], [ɶ̃], [ɐ]	
/ũ/		[ũ:], [õ], [ɔ]	
/õ/		[õ], [õ:], [õ̃], [ɔ]	

1.1.2.1. Vogais orais anteriores

1.1.2.1.1. /i/ vogal anterior alta não arredondada

[i] - vogal anterior alta não arredondada – ocorre em variação livre com [i:] - vogal anterior alta não arredondada longa – em sílabas tônicas.

(106) /tʃi tõ/ ‘eu’
[ˈtʃi:tõ] avv(t)20130329a_as (7)

(107) /-mili/ ‘atenuativo’
[ˈta:toˈmi:dʒ] ‘tatu mirim’ avv(t)20130804a_as (6)
[aˈwa:tʃiˈmiːli] ‘arroz (com casca)’ avv(t)20120430a_as (8)

(108) /mila/ ‘lagarta, casulo’
[ˈmi:dl̥ɐ] avv(t)20131026a_as (23)

[ɪ] - vogal anterior alta aberta não arredondada – ocorre em variação livre com [ĩ] - vogal anterior alta aberta não arredondada desvozeada – e com [ə] – vogal central média não arredondada – ou [ɘ] – vogal central média não arredondada desvozeada – em sílaba átona.

(109) /tʃi itapinitika/ ‘minha pescaria’, lit.: ‘o lançar lançar de anzol’
[.tʃi:tɐpiˈni:tʃɐ] avv(t)20120430a_as (9)

(110) /kupi/ ‘posposição (perlativo)’
[ˈi:wko ˈkupʰɪ] ‘pela água grande, pelo rio’ avv(t)20131025a_as (7)
[qoˈɛmɐ ˈku:pʰɪ] ‘pela manhã’ avv(t)20140717_as (3)

(111) /itajumili/ ‘agulha’
[.i:ˈtɛnoˈmi:lɪ] avv(t)20130530a_ac (2)

(112) /piaji/ ‘escuro, noite’
[piˈadʒʰɪ] avv(t)20140717_as (3)

(113) /tʃi kumilalik/ ‘minha neta’
[tʃi,gu:miˈla:lɔq] avv(t)20140717_as (3)

[i] - vogal anterior alta não arredondada – ocorre em variação livre com [j] – consoante aproximante alveolar – em coda de sílaba (cf. BORGES, 2006, p.93).

(114) /-kui/ ‘farinha’
[maˈna:kɐ ˈku:j] avv(t)20130530a_ac (3).eaf

(115) /jui/ ‘sapo’
[ˈzu:j] avv(t)20131028a_as (65).eaf

[ĩ] - vogal anterior alta não arredondada nasal – ocorre em ambiente nasal, em sílabas de acento primário ou secundário; e [ĩ] - vogal anterior alta aberta não arredondada – ocorre em variação livre com [ɛ̃] – vogal central média não arredondada –, ocorrem em ambiente nasal, em sílabas átonas.

(116) /inem/ ‘a podridão dele’
[ˈĩ:nĩmẽ] avv(t)20120430a_as (10)

(117) /ipinipinim/ ‘tem muita pintura’, ‘é muito pintada’
[ˈmo:zɪ,pi:nɐˈpi:nɛm] ‘a cobra tem muita pintura, é muito pintada’ avv(t)20130913-17a_as (99)

(118) /otʃiniŋ/ ‘ele secou’

[,o:ˈtʃiːnĩŋ] ~ [o:ˈtʃiːnõŋ] avv(t) 20131028a_as (49); avv(t)20130913-17a_as (165)

1.1.2.1.2. /e/ vogal anterior média não arredondada

[e] – vogal anterior média não arredondada – ocorre em variação livre com [e:] – vogal anterior média não arredondada longa –, [ɛ] - vogal anterior média aberta não arredondada – e [ɛ:] - vogal anterior média aberta não arredondada longa – em sílabas de acento primário ou secundário.

(119) /-ea/ ‘olho’

[,tʃiːˈle:ɐ] ‘meu olho’ avv(t)20130 529a_ac (2)

[,a:wɐˈʎɐɐ] ‘olho de gente’ avv(t)20131028a_as (82)

(120) /ele-/ ‘você’

[,teːˈle:u] ‘é para você comer’ avv(t)20140707_as (2)

[eˈleːkiʏi] ‘você dormiu’ avv(t)20130530a_ac (1)

[,eːliˈkiːtsi] ‘você cortou’ avv(t)20130804a_as (2)

[ˈeːʎoʁɔ] ‘você veio’ avv(t)20130913-17a_as (181)

(121) /-te/ ‘genuíno, verdadeiro, mesmo’

[,iːpoːjˈtʰɛ] ‘é muito pesada’ avv(t)20130912a_ac (1)

[tʃiˌgaːqʊˈtɛ] ~ [tʃiˌgaːkʊˈtɛ:] ‘tenho muito calor’

avv(t)20130912a_ac (1); avv(t)20130530a_ac (1)

[eːtɛ] ‘está muito bom’ avv(t)20130913-17a_as (199)

[aːiˈtɛ:] ~ [aiˈtʰɛ:] ~ [aːiːtɛ:] avv(t)20131029a_as (4); avv(t)20130913-17a_as (203)

[e] – vogal anterior média não arredondada – ocorre em variação livre com [ɛ] – vogal anterior média não arredondada desvozeada –, [ɛ] - vogal anterior média aberta não arredondada –, [ɛ] - vogal anterior média aberta não arredondada desvozeada –, [ɪ] – vogal anterior alta aberta não arredondada –, [ɪ] – vogal anterior alta aberta não arredondada desvozeada –, e [j] – consoante aproximante palatal –, em sílabas de átonas.

(122) /mae/ ‘caça, coisa’

[,maːɛˈgɔ:] ‘carne de caça’ avv(t)20130913-17a_as (194)

[,maɛˈqʃɛːŋ] ‘osso de animal’ avv(t)20131028a_as (41)

[,maːeˈka:w] ‘azeite de oliva’, lit.: ‘gordura de algo’ avv(t)20130913-17a_as (196)

[ˈmaɛ] ~ [ˈmaːj] ~ [ˈmaj] ‘algo’ avv(t)20140707_as (1); avv(t)20140707_as (2)

(123) /nae/ ‘panela’

[ˈnaːj] avv(t)20130913-17a_as (53)

[ˈnaˈaj] avv(t)20130918a_ac (9)

[ˈnaːe] avv(t)20130913-17a_as (51)

(124) /-pupe/ ‘posposição (inessivo)’

[i:ˈpʰu:pʰɛ] ‘dentro dele’ avv(t)20131030a_as (11).

[i:ˈpʰu:pʰɛ̃] ‘dentro dele’ avv(t)20131030a_as (11)

[ˈɔ:kɛ ˈpu:pɛ] ‘dentro de casa’ avv(t)20130530a_ac (1)

[,ta:toaˈmʰa:pʰiɔhʲi:ˈpʰu:pɛ̃] ‘eu cozinho o tatu dentro dela (da panela de barro)’ avv(t)20130913-17a_as (51)

(125) /tʃi letima/ ‘minha perna’

[,tʃi:lʲiˈtʃi:mɐ̃] avv(t)20131025a_as (7)

[ẽ] – vogal anterior média não arredondada – ocorre: (a) em sílaba átona, em ambiente nasal; (a) em sílaba de acento primário e secundário, em variação livre com [ẽ:] – vogal anterior média não arredondada longa –, [ẽ̃] – vogal anterior média aberta não arredondada nasal – e [ẽ:] – vogal anterior média aberta não arredondada nasal longa –; e, na faixa III, em variação livre com [i:] – vogal anterior alta não arredondada –, em ambiente nasal.

(126) /enemi/ ‘camaleão’

[ẽˈnẽ:mə̃] avv(t)20130918a_ac (9)

(127) /koem/ ‘manhã’

[,koˈẽmɐ̃] avv(t)20130530a_ac (1)

(128) /-jeŋ/ ‘falar’

[,ã:ˈnẽŋẽ̃] ~ [,ã:ˈnĩ:ŋẽ̃] avv(t)20140711_as (3)

(129) /-memix/ ‘filho (ego feminino)’

[ˈmẽmɐ:ɣɐ̃] ‘é filho de gente’ avv(t)20130530a_ac (3)

[tʃiˈmẽ:miɔɐ̃] avv(t)20130913-17a_as (197)

(130) /-emiliko/ ‘fazer estar consigo’, ‘ter esposa’

[,ẽ:miˈli:kɔ̃] ‘existe esposa dele’ avv(t)20131028a_as (59)

[tʃiˌlẽ:miˈli:kɔ̃] ‘tenho esposa’ avv(t)20130913-17a_as (196)

(131) /imen/ ‘existe o marido dela’, ‘ela tem marido’

[ˈĩ:mẽŋɐ̃] avv(t)20131028a_as (59)

(132) /open/ ‘ele quebrou’

[ˈɔ:pẽni] avv(t)20140521_as (40)

1.1.2.1.3. /a/ vogal anterior baixa não arredondada

[a] – vogal anterior baixa não arredondada – ocorre em variação livre com [a:] - vogal anterior baixa não arredondada longa – em sílaba tônica de acento primário ou secundário.

- (133) /paka/ ‘paca’
[ˈpa:kə] avv(t)20130804a_as (2)
- (134) /tapila/ ‘anta’
[ˌta:ˈpi:lə] ~ [ˌta:ˈpi:l̥ə] ~ [ˌta:ˈpid̥l̥ə] avv(t)20130918a_ac (9); avv(t)20130804a_as (6);
avv(t)20130913-17a_as (46)
- (135) /awatimili/ ‘arroz com casca’
[ˌa:ˈwa:tʃiˈmi:li] ~ [ˌa:ˈwa:tʃiˈmi:d̥li] avv(t)20140710_as (8); avv(t)20140715_as (8)
- (136) /aʁakali/ ‘galinha’
[ˌa:ʁəˈqʰa:d̥li] ~ [ˌa:ʁaˈqa:d̥le] ~ [a:ʁəqa:li] avv(t)20130804a_as (6); avv(t)20130804a_as (6);
avv(t)20131028a_as (69)
- (137) /-ata/ ‘caminhar’
[ˈta:ɣweˈa:tə] ‘eu vou para caminhar’ avv(t)20120430a_as (8)
[ˌno:ˈa:tə:j] avv(t)20120430a_as (8)
- (138) /maila/ ‘Branco’
[ˌma:ˈi:dl̥ə] ~ [maˈi:l̥ə] avv(t)20140716_as (12); avv(t)20130329a_as (6)
- [ɐ] – vogal central baixa não arredondada – ocorre em variação livre com [e:] vogal central baixa não arredondada longa –, [ɛ] vogal central baixa não arredondada desvozeada –, [ə] vogal central média não arredondada –, [ɜ] vogal central média não arredondada desvozeada –, em sílaba átona ou em última sílaba da palavra fonética.
- (139) /-juka/ ‘matar’
[ˌi:ˈzu:kəˈɛ:m̥ə] ‘não (a) mate!’ avv(t)20140707_as (2)
[ˌeliˈdzu:kə] ‘você mata’ avv(t)20140707_as (2)
[niˈzu:kə] ‘te mata’ avv(t)20130530a_ac (2)
[ˌa:ˈzu:q̥ə] ‘eu mato’ avv(t)20131025a_as (7)
[ˌa:w̥əˈdzu:q̥ə] ‘mata gente’ avv(t)20130913-17a_as (102)
- (140) /iapiakwaka/ ‘a orelha dela’
[ˈi:ɐˈpiˈa:k̥w̥əɐ] ~ [ˈi:ɐpiˈa:q̥w̥əɐ] avv(t)20131028a_as (55); avv(t)20130913-17a_as (46)
- (141) /-ata/ ‘caminhar’
[ˈta:ɣweˈa:tə] ‘eu vou para caminhar’ avv(t)20120430a_as (8)
[ˌno:ˈa:tə:j] avv(t)20120430a_as (8)
- (142) /-pai/ ‘aspecto completo’
[ˌa:ɔˈp̥ə:i] ‘eu comi tudo (completamente)’
[ˌo:tʃiˈni:m̥ə:i̯h] ‘ele secou completamente’ avv(t)20130913-17a_as (165)

(143) /-kiaw/ ‘rede de’

[,tʃi qĩ'v:w] ‘minha rede’ avv(t)20120430a_as (10)

[,ni:qĩ'a:w] avv(t)20120430a_as (10)

(144) /a ikupakatu/ ‘muitos deste’

[,a:jyupɛ'qʰa:tu] ~ [,a:jyɥu:pɛ'ka:tu] avv(t)20120430a_as (10); avv(t)20120430a_as (10)

[ã] – vogal anterior baixa não arredondada nasal – ocorre em variação livre com [ẽ] – vogal central baixa não arredondada nasal –, [ẽ:] vogal central baixa não arredondada nasal longa –, [õ] vogal central média não arredondada nasal – em ambiente nasal.

(145) /t a ne/ ‘eu vou’

['tã:ãne] ~ ['tã:ne] ~ ['tʰẽ:ni] avv(t)20120430a_as (09); avv(t)20130530a_ac (1);

avv(t)20120430a_as (8)

(146) /t a no/ ‘eu vou novamente’

['tã:no] avv(t)20130530a_ac (1)

(147) /akakupitaŋ/ ‘espécie de saracura vermelha’

[a,ʁɛ:qopi'tẽ:ŋ] avv(t)20130913-17a_as (137)

(148) /amina/ ‘chuva’

['ẽ:mẽne] ~ ['ã:mĩnɔ] avv(t)20131025a_as (7); avv(t)20131028a_as (44)

(149) /-aminauŋ/ ‘grande (em forma redonda ou cilíndrica)’

[,tẽ:mã'nẽ:ũŋ] ‘a porta é grande’, lit.: ‘a grandeza dela’ avv(t)20131028a_as (37)

[,tã:mĩ'nã:ũŋɔ] ‘a cobra é grande, grossa’, lit.: ‘a grossura dela’ avv(t)20130913-17a_as (99)

[,tẽm'nẽ:ũŋ] ‘minha casa é grande’, lit.: ‘a grandeza dela’ avv(t)20130913-17a_as (160)

(150) /itanaẽ/ ‘panela de metal’

[,i:tẽ'na:j] 'panela' avv(t)20130530a_ac (1).eaf

[,i:tẽne,i:'pewe] ‘é prato’, lit.: ‘panela chata’ avv(t)20130913-17a_as (75)

[,i:tẽ'nõjãpia:qʷɛɔ] ~ [,i:tɛ'na:j,i:apĩ'a:qʷɛɔ] ‘é copo’, lit.: ‘é a orelha da panela’

avv(t)20140714_as (9); avv(t)20131028a_as (49)

1.1.2.2. Vogal oral central

1.1.2.2.1. /i/ vogal central alta não arredondada

[i] – vogal central alta não arredondada – ocorre em variação livre com [i:] – vogal central alta não arredondada –, e, na faixa III, com [u:] – vogal posterior alta arredondada - em sílaba de acento primário ou secundário.

(151) /i/ ‘água’

['i:te:] ‘lago’, lit.: ‘é água mesmo’ avv(t)20140710_as (7)

[i:ˈwɔu] ‘rio cheio’, lit.: ‘água grande’ avv(t)20131025a_as (7)
 [i:ˈqʷɛɐ] ‘caverna na água’ avv(t)20130913-17a_as (99)

(152) /ti/ ‘líquido’

[i:ˈwa:tiɐ ˈtʰi:] ‘é (o) líquido da flor’ avv(t)20130913-17a_as (131)
 [ˌti:ɔˈɐu:] ‘muito líquido (seiva de árvore)’ avv(t)20130913-17a_as (134)
 [i:ˈwa:ĩ] ˈti: ‘água de coco’, lit.: ‘líquido da semente de árvore’ avv(t)20130912a_as (1).eaf

(153) /piaji/ ‘escuro, noite’

[ˌpu:ˈadʒɪ] ~ [ˌpu:ˈa:ʒɪ] ~ [ˌpiˈadʒʰɪ] ~ [piˈadʒɪ] avv(t)20140717_as (3); avv(t)20130530a_ac (1); avv(t)20140717_as (3); avv(t)20140719_as (13)

[i] – vogal central alta não arredondada – ocorre em variação livre [ɐ] – vogal central baixa não arredondada –, [ə] – vogal central média não arredondada –, [ɜ] – vogal central média não arredondada desvozeada – e, na faixa III, ocorre em variação livre também com [u] – vogal posterior alta arredondada – e [ɪ] – vogal anterior alta aberta não arredondada –, em sílaba átona.

(154) /jai ɐni/ ‘(o) brilho da lua’

[ˌʒa:iˈɐni] avv(t)20140711_as (10)

(155) /iwatika/ ‘flor (ainda na árvore)’

[i:ˈwa:tiɐ] avv(t)20131028a_as (51)

(156) /ipotika/ ‘flor’

[i:ˈpɔ:tiɐ] avv(t)20130913-17a_as (53)

(157) /natij/ ‘não há (em abundância)’

[ˈna:tɛj] ~ [ˈna:tij] avv(t)20140714_as (4); avv(t)20130913-17a_as (223)

(158) /-mapik/ ‘cozinhar’

[aˈma:pikɐ] ‘eu cozinho’ avv(t)20120430a_as (10)

[tʰɛˈma:pikʰi] ‘é para eu cozinhar’

(159) /petima/ ‘fumo’

[ˈpe:tiɐ] ~ [ˈpe:tɐɐ] avv(t)20140715_as (8); avv(t)20140707_as (2)

(160) /-kiɐ/ ‘dormir’

[ˈɔ:qəɐ] ‘ele (o gato) dorme (em cima da bolsa)’ avv(t)20131026a_as (53)

[ˈɔ:qigi] ‘ela está dormindo’ avv(t)20130913-17a_as (79)

[ˈa:qikɐ] ‘eu (quero) dormir’ avv(t)20130913-17a_as (160)

[ˈta:kiyi] ‘é para eu dormir’, ‘vou dormir’ avv(t)20130530a_ac (1)

(161) /-owi/ ‘sangue’

[ma:eˈgɔ: ɣoɣu] ‘sangue da carne de caça’ avv(t)20130804a_as (2)

[tʃi'gɔ:ɤwə] 'meu sangue' avv(t)20140522_as (30)

[wɤwɪ: ɔ:ti:ɤiqi] 'o sangue dele escorreu' avv(t)20121015a_as (49)

(162) /meki/ 'veneno'

[miki] ~ ['meki] avv(t)20140707_as (2)

[ĩ] – vogal central alta não arredondada nasal – ocorre: (a) em sílaba de acento primário, em ambiente nasal; (b) ocorre em variação livre com [ẽ] – vogal central baixa não arredondada nasal – e com [ã] – vogal central média não arredondada nasal –, em ambiente nasal.

(163) /tʃi letima/ 'minha perna'

[, tʃi:lɪ'fɪ:mɛ] avv(t)20131025a_as (7)

(164) /amina/ 'chuva'

['ẽ:mẽnɛ] ~ ['ã:mĩnɛ] avv(t)20131025a_as (7); avv(t)20131028a_as (44)

(165) /-aminauj/ 'grande (em forma redonda ou cilíndrica)'

[, tʃi:mã'nẽ:ũŋ] 'a porta é grande', lit.: 'a grandeza dela' avv(t)20131028a_as (37)

[, tã:mĩ'nã:ũŋɔ] 'a cobra é grande, grossa', lit.: 'a grossura dela' avv(t)20130913-17a_as (99)

[, tẽm'nẽ:ũŋ] 'minha casa é grande', lit.: 'a grandeza dela' avv(t)20130913-17a_as (160)

1.1.2.3. Vogais orais posteriores

1.1.2.3.1. /u/ vogal posterior alta arredondada

[u] – vogal posterior alta arredondada – ocorre em variação livre com [u:] – vogal posterior alta arredondada longa –, em sílabas de acento primário ou secundário.

(166) /-puɤ/ 'bolsa, mochila'

[, ma:tʃɛ'pʰu:ɤ] 'mochila/sacola de Matja' avv(t)20130329a_as (7)

[, tʃilɛ'pu:ɤ] 'minha bolsa' avv(t)20140521_as (36)

(167) /na ipokuj/ 'não é comprido'

[, na:j'pʰu:'quj] avv(t)20131030a_as (11)

(168) /na pemopukuj/ 'você não fizeram comprido'

[na,pe:'mɔ:,'pu'qʰuj] ~ ['na,pʰe:'mɔ:,'pʰu'qʰuj] avv(t)20131030a_as (11)

(169) /namaeuj/ 'não comi nada'

[, nã:mae'u:j] avv(t)20120430a_as (9)

(170) /utu/ 'vento'

[, u:to] avv(t)20130913-17a_as (203)_00:02:28.198

[u] – vogal posterior alta arredondada – ocorre em variação livre com [ʊ] – vogal posterior alta aberta arredondada –, [ɤ] – vogal posterior alta aberta arredondada desvozeada – em núcleo de sílabas átonas.

(171) /watʃupuku/ ‘espécie de veado’
[ˈwa:tʃɤ ˈpu:kʊ] avv(t)20140711_as (23)

(172) /watʃu/ ‘veado’
[u:ˈa:tʃɤ] ~ [ˈʷa:tʃʊ] avv(t)20140711_as (23); avv(t)20130918a_ac (9)

(173) /aʷakukʷa/ ‘saracura’
[aˈga:kʊɣɛ] ~ [ˌa:ˈga:qʊɣɛ] avv(t)20140711_as (23); avv(t)20140714_as (4)

[u] – vogal posterior alta arredondada – ocorre em variação livre com [w] – consoante aproximante labial – em coda de sílaba.

(174) /-jauk/ ‘tomar banho’
[aˈʒa:ukʰi] ~ [a:dʒa:wkʰi] avv(t)20120430a_as (10); avv(t)20120430a_as (10)

(175) /-u/ ‘comer’
[ˌteˈle:u] ‘é para você comer a galinha’ avv(t)20140707_as (2)
[ˌeˈlew pɛnɛ] ‘comer por comer’ avv(t)20140707_as (1)
[e:w ˈma:j] ‘coma algo!’ avv(t)20140707_as (2)
[ˌa:w pɛ:i] ‘comi tudo (completamente)’ avv(t)20140711_as (14)
[ˈta:une] ~ [ˈta:w nɛ] ~ [taˈũ:nɛ] ‘é para eu comer’ avv(t)20120430a_as (10);
avv(t)20120430a_as (9); avv(t)20120430a_as (8)

[ũ:] – vogal posterior alta arredondada nasal longa – ocorre em sílabas de acento primário ou secundário em ambiente nasal; [õ] – vogal posterior alta aberta arredondada – ocorre em variação livre com [õ:] – vogal posterior alta aberta arredondada longa – em sílabas átonas em ambiente nasal.

(176) /kaʷun/ ‘(fim de) tarde’
[ˈqʰa:ʷõ:nɛ] ~ [ˈqʰa:ʷõ:nɛ] ~ [ˈka:ʷõn] ~ [ˈka:ʷõni] avv(t)20120430a_as (9);
avv(t)20140711_as (6)

(177) /kunumi/ ‘é criança’
[ˌkũ:ˈnũ:miʰ] ~ [ˌkʰũ:ˈnũ:mi] avv(t)20130530a_ac (3)

1.1.2.3.2. /o/ vogal posterior média arredondada

[o] – vogal posterior média arredondada – ocorre em variação livre com [o:] – vogal posterior média arredondada longa –, [ɔ] – vogal posterior média aberta arredondada –, [ɔ:] – vogal posterior média aberta arredondada longa, em sílabas de acento primário ou secundário.

- (178) /mae lepoti/ 'é fezes de animal'
[ma:ɛ li'pɔ:tʃi] avv(t)20130913-17a_as (12)
- (179) /epoj/ 'tripas dele'
[e:'pɔ:j] ~ [e:'pɔ:ʃ] avv(t)20130918a_ac (8); avv(t)20131028a_as (55)
- (180) /ko/ 'este, aqui'
[ˈqʰɔ:tõ] ~ [ˈqɔ:tõ] avv(t)20131030a_as (11)
[ˈkʰo:le] avv(t)20130530a_ac (1)
- (181) /koem/ 'manhã'
[ko'ẽmɐ] ~ [kɔ'ẽmɐ] avv(t)20130530a_ac (1); avv(t)20130530a_ac (3)
- (182) /-moj/ 'cortar em partes pequenas'
[ã:'mɔ:j] 'eu cortei em pedacinhos' avv(t)20130918a_ac (6)
[i:'mɔ:jɐ] 'o picadinho dele' avv(t)20130918a_ac (6)
- (183) /-ok/ 'casa'
[ˈɔ:qɐ] 'a casa (é alta)' avv(t)20131028a_as (37)
[ˈɔ:kɐ 'pu:pɛ] avv(t)20130530a_ac (1)

[o] – vogal posterior média arredondada – ocorre em variação livre com [ɔ] – vogal posterior média aberta arredondada –, em sílabas átonas.

- (184) /-po/ 'mão'
[a:'wa: po] 'mão de gente'
- (185) /ipeko/ 'pato'
[i:'pɛ:qo] avv(t)20131028a_as (57)
- (186) /ipipo/ 'pegada dele'
[i:'pi:po] avv(t)20131028a_as (61)
- (187) /-eko/ 'levar'
[a,e:go'tõ:] avv(t)20140710_as (8)

[õ] – vogal posterior média arredondada nasal – ocorre: (a) em variação livre com [õ̃] – vogal posterior média aberta arredondada nasal –, em sílabas átonas, em ambiente nasal; e (b) ocorre em variação livre com [õ:] – vogal posterior média arredondada nasal longa – e com [õ̃:] – vogal posterior média aberta arredondada nasal longa –, em sílabas de acento primário ou secundário, em ambiente nasal.

- (188) /onanõ/ 'ele ouviu'
[ũ'nẽ:nõ^h] ~ [õ'nẽ:nõ] avv(t)20140710_as (8)

(189) /omonok/ ‘ele cortou’
[õ'mõ:noki] avv(t)20140710_as (8)

(190) /omanõ/ ‘ele morreu’
[õ:'mẽnõ] ~ [õ'mẽnõ] ~ [õ:'m:ẽ:nu] avv(t)20140710_as (8); avv(t)20131028a_as (69)

1.1.2.4. Vogais nasais anteriores

1.1.2.4.1. /ĩ/ vogal anterior alta não arredondada nasal

[ĩ] – vogal anterior alta não arredondada nasal – ocorre em sílaba tônica. Até o presente não dispomos de dados que mostram alofones em outros ambientes fonéticos.

(178) /apĩpi/ ‘jaburu’
[a'p^hĩ:pi] (BORGES, 2006, p.77)

1.1.2.4.2. /ẽ/ vogal anterior média não arredondada nasal

[ẽ] – vogal anterior média não arredondada nasal – ocorre (a) em variação livre com [ĩ] – vogal anterior alta aberta não arredondada nasal – e [i] – vogal anterior alta aberta não arredondada – em núcleo de sílaba átona, diante de silêncio; e (b) em variação livre com [e] – vogal anterior média não arredondada –, [j] – consoante aproximante palatal nasalizada – e [j] – consoante aproximante palatal –, em coda de sílaba, diante de silêncio. Até o presente não dispomos de dados que mostram alofones em outros ambientes fonéticos.

(191) /kaninẽ/ ‘arara verde, canindé’
[q^hẽ'nĩ:nĩ] ~ [q^hẽ'nĩni] ~ [ka'nĩ:ni] avv(t)20130918a_ac (9); avv(t)20130913-17a_as (49);
avv(t)20130530a_ac (3)

(192) /jawaʁajuẽ/ ‘siri’
[.dʒa:wʁ^we,ʁã:'nõẽ] avv(t)20131028a_as (60)

(193) /naẽ/ ‘panela’
['na:e] ‘panela dele’ avv(t)20130913-17a_as (51)
[.i:tẽ'na:j] 'panela' avv(t)20130530a_ac (1).eaf
[.jõẽ'p^hepu] ‘panela, prato’ (BORGES, 2006, p.77)
[.i:tẽ'nõjapi'a:q^wɛgɔ] ~ [.i:tẽ'na:j,i:api'a:q^wɛgɔ] ‘é copo’, lit.: ‘é a orelha da panela de metal’
avv(t)20140714_as

1.1.2.4.3. /ã/ vogal anterior baixa não arredondada nasal

[ã] – vogal anterior baixa não arredondada nasal – ocorre em variação livre com [ã:] – vogal anterior baixa não arredondada nasal longa –, [ẽ] – vogal central baixa não arredondada nasal –, [ẽ:] – vogal central baixa não arredondada nasal – e com [a] – vogal anterior baixa não arredondada –, em sílabas de acento primário ou secundário.

(194) /-kwã/ ‘dedo’

[,tʃi:'kʷẽ:ũ] ‘meu dedão’

[,i:'qʷẽũ] ‘dedão dele’

(195) /awã/ ‘pessoa, gente’

[,a:'wa:po] ‘mão, dedo de gente’ avv(t)20131028a_as (55)

[a'wa:ðʒe] ‘(olhei) com respeito a gente’ avv(t)20130918a_ac (11)

[,a:'wã:qʰẽŋ] ‘cabeça de gente’ avv(t)20131028a_as (41)

[,ʰa'wa:'qʰẽm] ~ [,ʰẽ'wã:'qʰẽm] ‘peito ou seio de gente’ avv(t)20131028a_as (40);

avv(t)20131028a_as (40)

(196) /mãjiwaw/ ‘espécie de concha’

[,mẽ:dʒi'ɣʷa:w] avv(t)20140714_as (9)

(197) /ãtʃi/ ‘chifre’

['a:tʃi] ~ ['ẽtʃi] ~ ['ã:tʃi] avv(t)20140714_as (9)

[ẽ] – vogal central baixa não arredondada nasal – ocorre em variação livre [ẽ̃] – vogal central baixa não arredondada nasal desvozeada – com [e] – vogal central baixa não arredondada – em sílabas átonas.

(198) /-kwa/ ‘dedo’

[,tʃi:kʷa'mi:kɽ] avv(t)20131025a_as (7)

(199) /awã/ ‘pessoa, gente’

[,a:wɛ ɰi'po:j] ‘intestino de gente’ avv(t)20131028a_as (55)

['ã:wẽ] ‘(mawãma, outro índio, não é) gente’ avv(t)20130918a_ac (9)

(200) /paʁanã/ ‘rio’

[,pa'ɾẽ:nẽ] ~ [,pa'ɾẽnẽ] avv(t)20130918a_ac (9); avv(t)20131028a_as (70)

(201) /kumanã/ ‘feijão’

[,ku:'mẽnẽ] ~ [,ku:'mẽ:nẽ] ~ [,qu'mẽ:nẽ] avv(t)20130530a_ac (2); avv(t)20131029a_as (6);

avv(t)20140715_as (8)

1.1.2.5. Vogal nasal central

1.1.2.5.1. /ĩ/ vogal central alta não arredondada nasal

[ĩ:] – vogal central alta não arredondada nasal longa – ocorre em sílabas tônicas.

(202) /ijĩ/ ‘coração dele’

[ĩ'nĩ:] avv(t)20131028a_as (55)

[ĩ] – vogal central alta não arredondada nasal – ocorre em variação livre com [ẽ] – vogal central média não arredondada nasal desvozeada – em sílabas átonas.

(203) /i'waĩj/ 'semente de pau, de planta'

[i: 'wã:ĩnɛ] avv(t)20130912a_as (1)

[i: 'wa:ĩj ti:] 'água de coco', lit.: 'líquido da semente de árvore' avv(t)20130912a_as (1).eaf

(204) /wajnimĩ/ 'espécie de beija-flor'

['wẽ:ĩnãmẽ] avv(t)20131028a_as (83).eaf

1.1.2.6. Vogais nasais posteriores

1.1.2.6.1. /ũ/ vogal posterior alta arredondada nasal

[ũ:] – vogal posterior alta arredondada nasal longa – ocorre em sílabas tônicas.

(205) /mitũ/ 'mutum'

[mi: 'tũ:] avv(t)20140714_as (9)

(206) /anũ/ 'anum'

[ẽ: 'nũ:] avv(t)20140714_as (9)

[õ] – vogal posterior alta aberta arredondada nasal – ocorre em variação livre com [o] – vogal posterior alta aberta arredondada – em sílabas átonas.

(207) /janũ/ 'aranha'

['nẽno] ~ ['nãno] avv(t)20131028a_as (62); avv(t)20131028a_as (66)

['nẽno 'qʰi:aw] 'rede/teia de aranha' avv(t)20131028a_as (62)

(208) /tapanũ/ 'homem de pele escura'²⁹

[tã 'pãno] avv(t)20140716_as (11)

(209) /jakwaũnũ/ 'a pretitude dele', 'o preto dele'

[ja: 'qʷa:ɸõno] ~ [ja 'qʷaɸõno] ~ [ja 'kʷa:gũno] avv(t)20131028a_as (71); avv(t)20130530a_ac

(3); avv(t)20130913-17a_as (53)

1.1.2.6.2. /õ/ vogal posterior média arredondada nasal

[õ] – vogal posterior média arredondada nasal – ocorre em variação livre com [õ:] – vogal posterior média arredondada nasal longa –, em sílabas tônicas.

²⁹ Em outras línguas Tupí-Guaraní, cognatas desta palavra podem fazer também referência a índios inimigos ou aos Tapuia, como em (Tb) *tapyyía* 'índios tapúias' (BARBOSA, 1956, p.73); (Wp) *apã* 'inimigo' (OLSON, 1978 p.19); (Pn) *tapanhuhun* 'povo que tem pele bem morena ou preta, incluindo os negros' (BETTS, 1981, p.135).

- (210) /pið/ ‘pium’
[,pʰiːðːˈmiːli] avv(t)20140717_as (3)
- (211) /-enõj/ ‘chamar’
[,eːˈnõːj] ‘ele o chamou’ avv(t)20140714_as (9)
- (212) /tõ/ ‘partícula de foco’
[ˈtʃiː tõ] ‘eu’ avv(t)20140714_as (9)
[,nɔːkiːˈtʃõː] ‘ele não morreu, se esticou’ avv(t)20140717_as (3)
[,aːyẽˈtõ] ‘o Sol (já) entrou’ (depois do pôr do sol)’ avv(t)20130530a_ac (1).eaf

[õ] – vogal posterior alta aberta arredondada nasal – ocorre em variação livre com [u] – vogal posterior alta aberta arredondada –, em sílabas átonas.

- (213) /mepenoano/ ‘um’
[,meˈpeːnoˈẽːnõ] ~ [meːˈpenõˈẽnõ] ~ [,meˈpenoˈãno] avv(t)20140714a_as (9);
avv(t)20140714_as (9); avv(t)20140707a_as (2)
- (214) /panamũ/ ‘espécie de borboleta grande’
[ˈpẽːnẽmõ] ~ [pẽːnẽmo] avv(t)20140715_as (8); avv(t)20140715a_as (7)
- (215) /tiũ/ ‘mosquito’
[ˈmiːtʃõ] ‘este é mosquito’ avv(t)20140213t_as (1)

1.2. PROCESSOS FONOLÓGICOS E MORFOFONOLÓGICOS

1.2.1. Palatalização de /t/

Borges registra para o Av.C que o fonema /t/ possui “um alofone africado palatalizado [tʃ], que ocorre obrigatoriamente antecedendo as vogais altas /i/, /ĩ/ e /u/”. Em nossos dados, encontramos os alofones [tʃ], referente à faixa III, e [tʃ], referente às faixas I e II, antecedendo os fonemas vocálicos /i/ e /ĩ/. Apresentamos abaixo os exemplos encontrados, bem como exemplos da autora para a realização de [tʃ] diante de /u/.

- (216) na awa-juka-j tõ
NEG pessoa-matar-PROIB FOC
[,naːwaˈzʉkiːˈtʃõ]
‘(esta planta) não mata gente’
avv(t)20140707_as (2)_00:06:59.448
- (217) n Ø-ai-te-j tõ ko
NEG R²-ter.dor-GEN-NEG FOC DÊIT
[naˈiːteːˈtʃõŋˈqo]

'aqui não dói muito'
avv(t)20131029a_as (4)_00:00:34.893

(218) tʃi Ø-kiti ekoj-a
1=R¹-cortar DÊIT-ARG
[.tʃi 'qitʃj ,e:'qoɾɐ]
'este (o facão) me corta'
avv(t)20131030a_as (11)_00:02:26.453

(217) /kaititu/ [k^hejtʃi'tʃu:] ~ [k^hejtʃi't^hu:] 'caititu' (BORGES, 2006, p.82)

(218) /pitun/ [p^hi'tʃũ:n] ~ [p^hi't^hũ:n] 'noite' (BORGES, 2006, p.82)

1.2.2. Aspiração e faringalização de consoantes

A aspiração ou faringalização de oclusivas ocorre opcionalmente em sílabas tônicas de forma não obrigatória (*vide* exemplos (3), (9), (10) e (19)). A aspiração, por sua vez, pode ocorrer em onset de sílabas finais (exemplos (25), (45), (58) e (142))

1.2.3. Enfraquecimento, vocalização e elipse de consoantes

O fonema consonantal oclusivo /p/ pode se realizar como [i], [ə] ou Ø diante de silêncio. Comparem-se os exemplos a seguir, em que em (219)a) /p/ encontra-se diante de [p]; em (219)b) e (219)c), /p/ encontra-se diante de constituinte e diante de silêncio, respectivamente; e em (219)d), /p/ encontra-se diante de silêncio.

(219) /-pap/ 'aspecto completo'

a) Maria ow-εɕ-u-pap petim-a n ow-εɕ-u-j
Maria 3-C.C.-ir-ASP(COMPL) fumo-ARG NEG 3-C.C.-ir-NEG
[mɛ̃dʒo'g^we:go 'pap 'pe:timɐ no'g^we:go]
'Maria trouxe tudo, fumo ela não trouxe ?'
avv(t)20131029a_as (9)_00:03:33.904

b) a-kiv-pai tʃi Ø-po
1-dormir-ASP(COMPL) 1=R¹-mão
[.a:'qi:pɛi tʃi'po:]
'eu durmo completamente (as noites referentes aos dedos de) minha mão (aí vou embora)'
avv(t)20130913-17a_as (200)_00:00:19.850

c) a-u-pai
1-comer-ASP(COMPL)
[.a:u 'pɛ:i]

'eu comi tudo'
avv(t)20130912a_ac (1)

- d) o-ji-pilok-pai
3-REFL-descascar-ASP(COMPL)
[ɔ' dzjɪrɪ' lɔ:pɛ:h]
'ele se descascou completamente'
avv(t)20130913-17a_as (214)_ 00:01:02.160

O fonema nasal /m/ pode ocorrer como [w] diante de silêncio, como mostra o exemplo abaixo.

- (220) tʃi l-awikim
1=R¹-tonto
[tʃi, ʒã: 'wĩgĩm] ~ [tʃi, ʒã: w' mĩgiw]
'estou tonto (sob efeito de choque)'
avv(t)20131025a_as (7)

O fonema consonantal fricativo /ʁ/ pode ocorrer opcionalmente como [i] diante de silêncio.

- (221) /-apaʁ/ 'arco'

- a) tʃi ʁ-apaʁ-a
1=R¹-arco-ARG
[tʃi' ʁa:pɛʁɛ] ~ [tʃi' ʁa:pɛi]
'meu arco'
avv(t)20130329a_as (7)_00:03:40.700; avv(t)20131026a_as (46)_00:00:11.402

Os fonemas nasais /m/ e /ŋ/ podem se realizar como \emptyset , mantendo-se o traço nasal nas vogais ou aproximantes adjacentes. Os exemplos contidos em (217) e (218) mostram a elipse de /m/. Os exemplos (224) e (225) mostram a elipse de /ŋ/. Contraste-se o exemplo (225)a (551c). Em (225)a o fonema inicial /k/ do morfema *-katu* passa a /ŋ/ por um processo morfofonêmico de nasalização após /j/. No entanto, essa realização ocorre em variação livre com a elipse de /ŋ/ que deixa seu traço nasal na aproximante e na vogal da sílaba anterior.

- (222) /-puma/ 'inflado, de barriga cheia'

- a) ne tō na i-puma-j
2 FOCNEG R²-barriga.cheia-NEG
[,ne:' tō ,na:j' pu:mɛj]
'você não tem a barriga cheia (não comeu)'
avv(t)20140707_as (1)_00:02:38.863

- b) ni Ø-puma-uꞑu
 2=R¹-barriga.cheia-NOM-INTENS
 [niꞑð'a:wꞑo]
 'você tem a barriga cheia (de grávida)'
 avv(t)20131026a_as (46)_00:00:57.734

(223) /-mo/ 'causativo'

- a) aw tʃi Ø-mo-kwaem
 DÊIT 1=R¹-CAUS-susto
 [a:wtʃimo'q^wã:ẽm] ~ [a:wtʃiõ'q^wa:ẽm]
 'este me fez assustou (fazendo cócegas)'
 avv(t)20140714_as (12).eaf

(224) /-akaiŋ/ 'fedor'

- a) i-akaiŋ
 R²-fedor
 [i:'aq^hãŋ]
 'ele tem fedor, fede'
 avv(t)20130804a_as (6)_00:03:13.999
- b) mukuꞑ-a-Ø i-akaiŋ i-nim
 mucura/gambá-ARG R²-fedor R²-fedor
 ['mu:qoꞑe ja: qa:ŋ'ŋĩ:nĩmø]
 'o gambá tem fedor, tem mau cheiro'
 avv(t)20130804a_as (6)_00:03:19.631
- c) mukuꞑa-Ø i-akaiŋ-a
 mucura/gambá-ARG R²-fedor-ARG
 ['mu:qoꞑe ja:'qẽ:ŋŋe]
 'o gambá tem fedor'
 avv(t)20130804a_as (6)_00:03:15.229

(225) /-katu/ 'bom, bem'

- a) o-kaj-katu
 3-queimar-bem/bom
 [o,qẽŋ'ŋa:to] ~ [o:q^ha'ja:te]
 avv(t)20140711_as (23)_00:16:30.469

- (551c) o-ꞑoꞑaj katu=ete
 3sg-dançar bonito=part
 [oꞑo'ꞑaj ,k^hato't^he]
 'Ela dançou bem, bonito' (BORGES, 2006, p.183)

1.2.4. Nasalização de aproximantes

As aproximantes /w/ e /j/ podem ser nasalizadas seguindo ou precedendo vogais nasais (cf. BORGES, 2006, p.85 e 86). Com isso, /w/ realiza-se como [w̃], na faixa III; e como [w̃ʃ^w] ou [w̃ŋ^w], nas faixas I e II (vide exemplos (226) a (229) abaixo). Por outro lado, /j/ realiza-se como [ɲ] (exemplos (230) a (234)) nos contextos supracitados por Borges (*op. cit.*), sendo que [ʃ] ocorre antes de consoante oclusiva alveolar /t/ em fronteira de morfema (exemplo (235)).

(226) /owen/ ‘ele vomitou’

[u:ˈw̃ɛɲɪ] avv(t)20140711_as (7)

(227) /mawamã/ ‘outro índio’

[ˈmãw̃ʃ^wɛmɛ] ~ [ˈmawɤ^wõɸmɛ] ~ [ˈmˈa^sw̃ŋw̃ɸmɛ] avv(t)20140716_as (12); avv(t)20131029a_as (18); avv(t)20131029a_as (18)

(228) /wiŋawiwa/ ‘pé de ingá’

[w̃iˈŋa:wɪwɛ] avv(t)20130913-17a_as (33)

(229) /tʃi kwãu/ ‘meu dedão’

[tʃiˈk^wɛw̃] avv(t)20140714_as (9).eaf

(230) /iwaĩja/ ‘semente’

[i:ˈwã:ĩɲɛ] avv(t)20130912a_as (1)

(231) /janũ/ ‘aranha’

[ˈnẽɲo] ~ [ˈnãɲõ] avv(t)20131028a_as (62); avv(t)20131028a_as (66)

(232) /itajaẽ/ ‘panela’

[i:ˈtɛˈna:j] avv(t)20130530a_ac (1)

[i:ˈtɛˈnɔ̃japɪˈa:q^wɸɤ] ~ [i:ˈtɛˈna:j,i:apɪˈa:q^wɸɤ] ‘é copo’, lit.: ‘é a orelha da panela de metal’

(233) /t ajẽ/ ‘é para eu falar’

[ˈta:niˈi:] avv(t)20130530a_ac (3)

(234) /jane iakwãa/ ‘nossa cabaça’

[ˌnẽ:niˈa:q^wɸɤ] avv(t)20120430a_as (10)

(235) /iwaĩj ti/ ‘água de côco’

[i:ˈwa:ĩj ˈti:] avv(t)20130912a_as (1)

1.2.5. Consonantização de /i/ e /u/

Segundo Borges (2006, p.93), os fonemas vocálicos /i/ e /u/ “podem passar por um processo de consonantização, realizando-se como [j] e [w], seguindo vogais”. Vide os exemplos (174) e (175) para a realização consonantal de /u/; e os exemplos (114) e (115) para a realização consonantal de /i/.

1.2.6. Nasalização vocálica

Consoante Borges (2006, p.90-91), “todas as vogais do Avá-Canoeiro são nasalizadas quando antecedem as consoantes nasais bilabial /m/, alveolar /n/ e velar /ŋ/, o que demonstra um processo de assimilação”. Segundo a autora (*op. cit.*), esse é um processo unidirecional, “ocorrendo da direita para a esquerda”. Em nossos dados, além de ocorrer esse processo tal qual descrito pela autora (veja os exemplos (111); (116); (118); (125); (126); (127); (128)), ele ocorre também em vogais que antecedem vogais nasais, quando estas últimas ocupam a coda silábica (exemplo (150)).

1.2.7. Alongamento vocálico

Para Borges (2006, p.94-95), “todas as vogais tônicas da língua Avá-Canoeiro tendem a ser mais longas que as demais”. Em nossos dados, além das vogais poderem ocorrer alongadas (veja exemplos (106); (119); (133); (151); (166); (179); (194); (203); (205) e (210)), (a) pode haver a inserção de [ʕ] – consoante fricativa faringal – dividindo o tempo de moras da vogal longa, nas faixas I e II (veja exemplos (236) a (238)); e (b) a vogal longa em sílaba tônica pode ocorrer como um ditongo decrescente (veja exemplos (239) e (240)).

(236) n o-kit-j aw
 NEG 3-cair.chuva-NEG DÊIT
 [,noʕo:qi'tʃa:w]
 'não chueu (aqui, ontem de noite)'
 avv(t)20131029a_as (10)_00:01:43.742

(237) tʃi ∅-api
 1=R¹-molhar
 ['tʃa'api]
 '(a chuva) me molhou'
 avv(t)20131029a_as (23)

(238) nae-∅
 recipiente-ARG
 ['na'aj]

' vaso/panela de cerâmica'
 avv(t)20130918a_ac (9)_00:10:43.117

(239) /-etim/ 'perna'

a) tʃi l-etim-a
 1=R¹-perna
 [,tʃi:l̩' t̃:mə]
 'minha perna'
 avv(t)20131025a_as (7).eaf

b) ne l-etim-a
 2=R¹-perna
 [,ne:l̩' t̃:ũmə]
 'tua perna'
 avv(t)20131025a_as (7).eaf

(240)

a) piõ-mili
 pium-ATEN
 [,p^{hi}' ð:' mi:l̩]
 'pium/mosquito'
 avv(t)20140717_as (3).eaf

b) piõ-mili
 pium-ATEN
 [pi:' ẽũ 'mi:l̩]
 'pium/mosquito'
 avv(t)20140717_as (3).eaf

1.2.8. Fusão e elipse de vogais

Conforme Borges (2006, p.97-98), “a vogal final de um morfema funde-se à seguinte, quando são idênticas”. Quando as vogais são diferentes, ocorre a elipse da última vogal do morfema que antecede o outro iniciado por vogal (cf. BORGES, 2006, p.96-97). Abaixo apresentamos alguns exemplos.

(241) awati-iw-a
 milho-pau-ARG
 [,a:wa'tʃi:œ]
 ' pé de milho'
 avv(t)20140715_as (8)_00:08:41.746

- (242) na awa-juka-j tō
 NEG pessoa-matar-PROIB FOC
 [,na:wa'zʊkɪ'tjõ]
 '(esta planta) não mata gente'
 avv(t)20140707_as (2)_00:06:59.448

1.2.9. Inserção vocálica

Segundo Borges (2006, p.94), “as palavras que terminam nas consoantes /n/ e /j/ recebem a inserção da vogal [ɪ]. Nos demais casos, é a vogal [ə] que se insere”. Para a autora, esse processo é “uma estratégia do Avá-Canoeiro para fazer com que as sílabas finais terminadas em consoantes adequem-se ao padrão silábico básico da língua, CV (...). Assim, uma sílaba final \$CVC\$, por meio da inserção das vogais [ə] e [ɪ], torna-se \$CV\$CV\$”. Neste sentido, essa mudança, ainda segundo a autora, faz com que palavras oxítonas tornem-se paroxítonas, levando à “manutenção do padrão acentual da língua”.

Em nossos dados, o processo de inserção vocálica ocorre de forma menos frequente nas faixas I e II em relação à faixa III de falantes. Observamos que ocorre a inserção de (a) [ə], [ɐ] ou [i] ao final de temas terminados pelas consoantes nasais /m/ e /n/³⁰ e consoantes não anteriores, como /k/ e /ʁ/; e (b) [ə], [e] ou [ɪ] diante de temas terminados em /l/. É interessante notar que os fonemas /ʁ/ e /l/, de forma geral, vieram de um proto */r/ do PTG. Este último contexto é descrito como o mais frequente para a inserção de um glide vocálico [ə] em Suruí do Tocantins (subramo IV), principalmente pelos falantes mais novos (cf. MONSERRAT, 1985 *apud* CABRAL, 2001b). Sobre o papel dessas vogais e a concorrência de contextos para o uso do sufixo casual de caso argumentativo *-a*, vide (2.4.1 Caso argumentativo).

Apresentamos abaixo alguns exemplos da ocorrência de inserção vocálica em temas terminados por consoante.

- | | | |
|-------------------------------------|-----------------------|-----------------------|
| (243) mukux-a-∅ | i-akaiŋ | i-nim |
| mucura/gambá-ARG | R ² -fedor | R ² -fedor |
| ['mu:qʊɐ | ja:'qa:ŋ' | ĩ:nĩmə] |
| 'o gambá tem fedor e mau cheiro' | | |
| avv(t)20130804a_as (6)_00:03:19.631 | | |

- (244) uxu-m-akim
 13-CAUS-molhar
 [,uxʊ'ma:kimə]

³⁰ Em nossos dados referentes às faixas I e II, não encontramos inserção vocálica em temas terminados por /ŋ/.

'nós molhamos (a cabeça de Pãt[io])'
avv(t)20140717_as (3)_00:19:38.517

(245) mapáin
três
[.mʰa:pə'ʝinə]
'(em) três (luas)'
avv(t)20131030a_as (10).eaf00:00:12.482

(246) o-pen
3-quebrar
[.'ɔ:pɛni]
'(a colher) quebrou'
avv(t)20140521_as (40).eaf00:00:07.540

(247) kaxun o-jo-i
tarde 3-vir-IND.II
[.'ka:ɣõni o'ʒɔ:i]
'de tarde eles vieram'
avv(t)20140711_as (6).eaf00:01:55.556

(248) o-wa-wak
3-REDUP-correr
[.ɔ:'wa:wɛqʰi]
'ele correu muito'
avv(t)20121015a_as (49).eaf00:03:33.861

(249) t a-mapik
PROP 1-cozinhar
[tɛ'ma:pikʰi]
'vou cozinhar, é para que eu cozinhe'
avv(t)20140707_as (2).eaf00:19:54.547

(250) ae tō o-monok
DÊIT FOC 3-cortar
[.a:e'tō: ð'mõ:noki]
'ele cortou (o pau/árvore)'
avv(t)20140710_as (8).eaf00:16:28.907

(251) ka t o-kix
DÊIT PROP 3-dormir
[.'qa:to'ɔ:qɛθ]
'lá (em cima da bolsa), o gato dorme'
avv(t)20131026a_as (53)_00:00:03.655

(252) o-aꞤ
 3-cair/nascer
 [ɔ:'a:Ꞥi]
 'ele nasceu'
 avv(t)20131028a_as (63)_00:00:06.911

(253)

a) o-ji-upil
 3-REFL-subir/erguer
 [,o'zi:w'pi:lə]
 '(o gato) subiu na árvore'
 avv(t)20140716_as (14)_00:00:00.954
 (AT) -upít 'levantar'

b) o-ji-upil
 3-REFL-subir/erguer
 [,o:'zi:w'pi:li]
 '(o gato) subiu na árvore'
 avv(t)20140716_as (14)_00:00:02.678

Observamos que, além de ser uma estratégia para a manutenção do padrão silábico básico da língua (cf. BORGES, 2006, p.94), a inserção vocálica também é uma estratégia de manutenção das consoantes finais do Av.C-T. É interessante notar que as línguas do subramo IV tendem a manter consoantes finais (cf. CABRAL, 2001a).

Uma vez que o acento pode se alterar por conta da inserção vocálica, muito provavelmente esteja ocorrendo um processo na língua de interpretação desses sons como fonemas, sobretudo nas gerações mais novas de falantes. Esse fato pode reduzir, por exemplo, o contexto de uso do sufixo de caso agumentativo -a, os sufixos de modo gerúndio (que possuem sincronicamente um alomorfe - \emptyset), os sufixos de caso locativo pontual e difuso, entre outros.

1.2.10. Nasalização de consoantes

As consoantes oclusivas podem ser nasalizadas se ocorrerem em fronteira após tema terminado por consoante nasal ou por /j/, conforme ilustram os exemplos abaixo.

(254) o-tiniŋ-mai
 3-secar-ASP(COMPL)
 [,o:tʂĩ'nĩ:mɛ:ĩʰ]
 'ele secou completamente', 'ele terminou de secar'
 avv(t)20130913-17a_as (165)_00:00:19.274

- (255) o-kaj-katu
 3-queimar-bem/bom
 [o, qẽ] ʔa:tu
 ‘ele queimou bem’
 avv(t)20140711_as (23)_ 00:16:30.469

1.3. SÍLABA E ACENTO

Borges (2006, p.98-102) descreve para o Av.C quatro padrões silábicos, (C)V(C). Nessa língua haveria dois tipos de sílabas abertas, cujo elemento final é uma vogal, V e CV; e dois tipos de sílabas fechadas, cujo elemento final é uma consoante, CVC e VC (exemplos (339) a (332) de Borges (*op. cit.*, p.101), grifos da própria autora).

- (329) **\$V\$** /\$i\$/ [\$'i:] ‘água’ (BORGES, 2006, p.101)
 /\$V\$/ [\$V\$]
- (330) **\$CV\$** /\$pe\$/ [\$'p^he:\$] ‘vocês’ (BORGES, 2006, p.101)
 /\$CV\$/ [\$CV\$]
- (331) **\$CVC\$** /\$tam\$/ [\$'t^hã:m\$] ‘corda’ (BORGES, 2006, p.101)
 /\$CVC\$/ [\$CVC\$]
- (332) **\$VC\$** /\$aɾ\$/ [\$'a:ɾ\$] ‘dia’ (BORGES, 2006, p.101)
 /\$VCS\$/ [\$VCS\$]

Para Borges (*op. cit.*), os segmentos fonológicos são apresentados na sílaba da seguinte maneira:

Quadro 12 - Distribuição dos segmentos do Av.C na sílaba
 (BORGES, 2006, p.100)

Ataque (onset)	Núcleo	
	Pico	Coda
C	V	C
/p, t, k, k ^w , tʃ, ɸ, m, n, w, ɾ, j/	/i, e, í, a, u, o, ĩ, ê, ĩ, ã, ũ, õ/	/p, t, k, ɸ, m, n, ŋ, w, ɾ, j/

O acento primário do Av.C, segundo a autora (*op. cit.*p.102-105), se deslocou “da primeira sílaba à direita para a esquerda”, com relação ao PTG. Com isso, “há muitas palavras fonéticas oxítonas na língua”, e a “tendência da língua é tornar essas palavras paroxítonas, por meio do processo de inserção vocálica” (*vide 1.2.9 Inserção vocálica*).

Para Borges (*op. cit.*, p.104), “o acento primário do Avá-Canoeiro é previsível, fixo, não fonêmico: as palavras são paroxítonas, exceto quando a última sílaba é pesada (\$CVC e \$VC\$), situação em que podem ser oxítonas, caso haja inserção de vogal” (exemplos (339) e (339a), e (340) e (340a), de Borges (2006, p.103)).

(339)	/\$V\$CV\$CVC\$/	/a-jepik/ 1sg-pegar,agarrar	[\$ə\$ze\$'p ^h i:k\$] [\$V\$CV\$CVC\$]	‘eu peguei, agarrei’
(339a)	/\$V\$CV\$CVC\$/	/a-jepik/ 1sg-pegar,agarrar	[\$,ə\$ze\$'p ^h i:kə\$] [\$V\$CV\$CV\$CV\$]	‘eu peguei, agarrei’
(340)	/V\$CV\$CV\$CVC/	/o-jiwirok/ 3sg-rasgar	[\$o\$,ʒi\$wɪ\$'rɔ:k\$] [\$V\$CV\$CV\$CVC\$]	‘ele rasgou’
(340a)	/V\$CV\$CV\$CVC/	/o-jiwirok/ 3sg-rasgar	[\$o\$,ʒi\$wɪ\$'rɔ:kə\$] [\$V\$CV\$CV\$CV\$CV\$]	‘ele rasgou’

Em palavras polissilábicas, segundo a autora, pode ocorrer um acento secundário, à esquerda do primário, recaindo “sempre na sílaba anterior àquela em que esta o acento primário e intercala uma ou duas sílabas entre eles” (exemplos (352) e (353) de Borges (*op. cit.*, p.105) abaixo)³¹.

(352)	/\$CV\$CV\$CV\$VC\$/	/mepenoan/	[\$me\$,pê\$no\$'ə:n\$] [\$CV\$CV\$CV\$VC\$]	‘um’
(353)	/\$V\$CV\$CV\$V\$V\$VC\$/	/awa-r-ea-aĩj/ gente-rel-olho-semente	[\$a\$,wa\$re\$'ə:\$ĩj\$] [\$V\$CV\$CV\$V\$V\$VC\$]	‘pupila’

1.4. MUDANÇAS EM CURSO

A partir do que já fora exposto, é possível verificar a existência de algumas possíveis mudanças que estejam ocorrendo na língua Avá-Canoeiro do Tocantins. Os fonemas /k/, /k^w/ e /t/ (este em sua forma palatalizada [tʃ]), bem como /tʃ/ e /w/ são expressos na faixa III de falantes de forma mais próxima ao português, não expressando alofones uvulares, no caso de /k/, /k^w/ e /w/; e não expressando alofones retroflexos para /t/ (em sua forma palatalizada) e /tʃ/.

Como vimos, o fonema vocálico /i/ pode se realizar como [u] ou [i] nesta mesma faixa de falantes. Levando-se em consideração o processo de inserção vocálica, é provável que

³¹ Veja Borges (2006, p.98-104) e Mistieri (2013, p.75-80) para uma descrição mais aprofundada do acento em Av.C-T com relação ao seu padrão silábico.

ao longo das próximas gerações de falantes: (a) o morfema de caso argumentativo possa não mais ser usado, fazendo com que a diferença entre argumento e predicado se modifique; (b) a expressão de modo gerúndio se dê exclusivamente pela marcação em seu núcleo de prefixo relacional 3, como ocorre em outras línguas da família Tupí-Guaraní; (c) os casos locativos pontual e difuso passem a não mais ser distinguidos ou então sua semântica seja expressa de forma alternativa, como, por exemplo, por meio de posposições. Acerca das vogais nasais, fato já observado por Borges (2006, p.80), estas tendem a se desnasalizar em final de palavras e diante de silêncio.

A seguir discorreremos sobre alguns elementos da morfossintaxe do Avá-Canoreiro do Tocantins.

2. ELEMENTOS DE MORFOSSINTAXE

Neste capítulo, aprofundamos a descrição de elementos da morfossintaxe do Av.C-T, à luz de novos dados desta língua, levando em conta os trabalhos pioneiros de Toral (1984/5) e de Borges (2006). Na seção 2.1 tratamos das categorias de nome e verbo e das funções de argumento e predicado exercida tanto por nomes quanto por verbos. Na seção 2.2 tratamos dos quatro modos verbais encontrados em Av.C-T: o modo indicativo I, indicativo II, imperativo e gerúndio. Na seção 2.3 tratamos das cinco séries de marcas pessoais encontradas em Av.C-T. Na seção 2.4 tratamos dos cinco sufixos de caso que compõem a flexão de caso em Av.C-T. E, em 2.5, tratamos da flexão relacional na língua, seus quatro prefixos, alomorfes e distribuição.

2.1. Nome e verbo, argumento e predicado em Avá-Canoeiro do Tocantins

Nesta seção tratamos das categorias nome e verbo em Av.C-T, tomando como base o trabalho de Coseriu (1972), bem como os trabalhos de Rodrigues (1951, 1953, 2010 [1981], 2011 [1996], 2001a, 2001b) e Dietrich (2000). Para Coseriu (*op. cit.*, p.14), as categorias verbais se diferenciam das classes de palavras, por estas últimas se referirem aos significados semântico-lexicais e os primeiros ao significado de determinada palavra em uso. Nesse sentido, para o autor (*op. cit.*, p.13) não se pode “esperar que a palavra *verde*, substantivo, pertença à mesma classe da palavra *verde*, adjetivo, somente porque apresenta o mesmo significado léxico, isto é, uma diferença que não tem a ver com o critério sobre o qual se constitui a classe verbal”. Para o autor, “se a identidade da palavra (abstrata) se estabelece como FL [formas léxicas ou semantemas], então a mesma palavra pode pertencer a distintas classes de ‘categoremas’ (FC)”. A título de ilustração, o autor (*op. cit.*) comenta que a palavra *shop*, em inglês, pode ser tanto um nome (“compra”) como um verbo (“comprar”).

As línguas Tupí-Guaraní conservadoras distinguem as classes de nomes, verbos, advérbios, posposições, pronomes, demonstrativos, ideofones, onomatopeias, interjeições, palavras aspectuais, palavras modais e palavras modalizadoras, dentre outras. Neste capítulo, trataremos somente da distinção entre as classes de nome e verbo, e das funções de argumento e predicado que exercem.

Não nos ateremos à descrição da categoria de advérbios, que corresponde não somente a função adverbial exercida por advérbios lexicais, mas também por sintagmas posposicionais, expressões numerais, dêiticos espaço/temporais e orações nos modos gerúndio

ou subjuntivo. Não nos ateremos também a aprofundar a descrição de Borges (2006, p.195-102) acerca das posições em Av.C-T, uma vez que nossa pesquisa até este ponto tem se concentrado em outros aspectos da língua. Quanto à descrição das onomatopeias e ideofones, até o presente, conseguimos colher um número limitado de dados, o que faz com que deixemos a descrição do funcionamento dessas duas classes para estudos futuros.

Quanto à categoria dos adjetivos em línguas Tupí-Guaraní, Dietrich (2000) comenta que não é possível distingui-la morfologicamente dos substantivos. Para o autor, tanto semanticamente, como morfologicamente ou sintaticamente, essa categoria lexical não é expressa nessas línguas. Em construções predicativas, por exemplo, não se trataria de um adjetivo qualificando um nome, mas “conceitos nominais como “doçura”, “enfermidade”, etc., precedidos de seus determinantes nominais” (*op. cit.*, p.261), assim como observado em sintagmas nominais com um determinado também nominal. Reproduzimos abaixo exemplos do autor (*op. cit.*), mantendo a numeração original.

Guaraní Mbyá

- (29) *kuñã* *memby*
mulher filho/filha
‘O/a filho/a da mulher’ (DIETRICH, 2000, p.260)
- (30) *ryguasu* *morotĩ*
galinha brancura
‘A brancura da galinha’ (DIETRICH, 2000, p.260)

Rodrigues (2011 [1996], p.99) comenta, com relação ao Tupinambá, que “não há sintagmas adjetivos [nesta língua], mas a adjetivação é feita sistematicamente por composição (...)”. Segundo o autor (*op. cit.*), as composições podem formar compostos genitivos (nome determinante + nome determinado) ou compostos descritivos (nome determinado + nome ou verbo determinante). Nesta dissertação não aprofundaremos os estudos acerca de composição e derivação realizados inicialmente por Borges (2006, p.134-139 e p.173-174), deixando também esta tarefa para trabalhos futuros, bem como a discussão acerca da função adjetiva em Av.C-T.

Na sequência tratamos dos nomes em Av.C-T, pontuando a diferença entre nomes absolutos e nomes relativos, bem como comentando acerca dos nomes descritivos na língua. E, em seguida, descrevemos a categoria dos verbos em contraste com a categoria dos nomes. Demonstramos também o contraste entre as funções de argumento e predicado na língua em tela.

2.1.1.1. A Categoria Nome em Avá-Canoeiro do Tocantins

Os nomes nas línguas Tupí-Guaraní se distinguem por poderem ou não receber flexão relacional, isto é, por serem relativos a algo ou alguém, ou por serem absolutos. Rodrigues & Cabral (2012, p.510-511) observam que

os nomes em Proto-Tupí provavelmente se refeririam a dois tipos de entidades, as entidades autônomas como sendo os principais constituintes do mundo; e as entidades dependentes, como parte ou atributo das entidades autônomas (...). As entidades autônomas expressariam os seres humanos ('pessoa', 'pessoa idosa', 'pessoa jovem', 'macho', 'fêmea', 'povo'); animais e plantas (genéricos e individuados); elementos da natureza (água, céu, estrela, monte, pedra, etc.); enquanto as entidades dependentes, como parte ou atributo de entidades autônomas ou outras entidades dependentes, constituiriam-se de partes do corpo humano ou animal, partes de plantas e de objetos inanimados, sensações, sentimentos, e atributos morais e físicos de pessoas ou coisas³². (tradução nossa).

Esta distinção entre entidades autônomas e entidades dependentes, nomes absolutos e relativos, respectivamente, diz respeito muito provavelmente a uma codificação cultural da existência de domínios multinaturais em Av.C-T (cf. VIVEIROS DE CASTRO, 2004).

Para Viveiros de Castro (2004), a metafísica ameríndia se baseia no fato de que o mundo seria “habitado por diferentes espécies de sujeitos e pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos” (*op. cit.*, p.225), ou diferentes perspectivas. Para o autor (*op. cit.*, p.226), enquanto o conceito de *multiculturalismo* ocidental traduziria uma “unicidade de natureza e multiplicidade das culturas”, o pensamento ameríndio se traduziria por uma unidade de espírito e uma diversidade de corpos, isto é, um *multinaturalismo*. Para o autor, as categorias de Natureza e Cultura, para o pensamento ameríndio, não diriam respeito às “regiões do ser”, mas sim a “configurações relacionais, perspectivas móveis, em suma – pontos de vista” (*op. cit.*).

Para Viveiros de Castro (*op. cit.*, p.233), essa diferença de perspectiva pode ser observada no contato entre os ameríndios e os europeus, a partir de uma anedota de Lévi-Strauss.

³² “Nouns in Proto-Tupí would have referred two types of entities, the autonomous entities as main constituents of the world and the dependent entities as parts or attributes of the autonomous ones. This Proto-Tupí cognitive view of the world’s organization is still formally distinguishable by morphosyntactic or syntactic devices in the nine Tupí best documented families. Autonomous entities are human beings ('person', 'old.person', 'young.person', 'male', 'female', 'people'), animals and plants (generic and individuated), as well as elements of the nature (water, sky, star, hill, stone, etc.). Dependent entities are parts or attributes of autonomous entities or of other dependent entities (parts of the human or animal body, parts of the plants and of inanimate objects, sensations, feelings, and moral and physical attributes of persons and things)”. (RODRIGUES & CABRAL, 2012, 510-511)

Nas Grandes Antilhas, alguns anos após a descoberta da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de inquérito para investigar se os indígenas tinham ou não uma alma, estes se dedicavam a afogar os brancos que aprisionavam, a fim de verificar, por uma demorada observação, se seus cadáveres eram ou não sujeitos à putrefação. (LÉVI-STRAUSS, 1973 [1952], p.384 *apud* VIVEIRO DE CASTRO, 2004, p.233)

A distinção entre nomes relativos e absolutos e a concepção da existência de domínios multinaturais em Av.C-T fazem com que partes de um domínio sejam vistas como relativas ao próprio domínio, enquanto domínios em si sejam vistos por elementos de outros domínios como absolutos e, dessa forma, autônomos.

Fazem parte dos nomes absolutos os campos semânticos para os seres humanos, animais, plantas e astros, bem como fenômenos da natureza. Fazendo parte dos nomes absolutos, estão também os nomes genéricos, como *awã* ‘pessoa’, *mae* ‘caça/coisa’, entre outros. É interessante notar que os nomes de animais e vegetais, por não dizerem respeito à um animal específico, são também mais genéricos, portanto mais absolutos.

Os nomes relativos podem tanto dizer respeito a partes do corpo humano, plantas, animais e artefatos, bem como sensações, atributos ou qualidades. Em relação às plantas, conforme observado por Rodrigues (1996, p.97) para o Tupinambá, são nomes relativos quando se referem a espécies cultivadas, e são vistas como nomes absolutos quando não são cultivadas. Para referir-se a um nome relativo como pertencente ao domínio ‘gente’ ou ‘pessoa’, genérico e absoluto, o prefixo relacional R⁴ ‘genérico humano’ pode ser utilizado. Comparem-se os dois exemplos abaixo em que ‘fumaça’ ora é sinalizada por um prefixo relacional 2, de não contiguidade sintática, formando um predicado possessivo (exemplo (256)); ora é sinalizada pelo prefixo relacional 4, significando ‘fumada de gente’ (exemplo (257)).

(256) petiwã-∅ ∅-ata-tiŋ
cachimbo-ARG R²-fogo-branco
[ˈpe:tiwɛ ,a:ˈta:tĩŋɐ]
‘o cachimbo tem fumaça’
avv(t)20140715_as (8)_00:01:24.390

(257) t-ata-tiŋ-a
R⁴-fogo-branco-ARG
[,taˈta:tĩŋɐ]
‘fumaça (do fogo) de gente’
avv(t)20140715_as (8)_00:03:20.022

É interessante notar a existência de outras estratégias de mediação de posse em línguas Tupí-Guaraní por meio do uso do nominalizador de objeto *-emi-*. Este prefixo é formado

por meio do “prefixo mediador de posse indireta” reconstruído para o PT ***-ep-* e (PTG) presente nas línguas Tupí-Guaraní como parte do nominalizador de nomes de objeto **-emi-* (formado por ***-ep-* mais ***-mi-*) (Rodrigues & Cabral, 2012, p.522-523; Rodrigues, Cabral e Corrêa da Silva, 2006). Esse morfema, *-emi-*, é utilizado para formar nomes de objeto, que muitas vezes fazem referência à inserção cultural de um elemento pertencente originalmente a um domínio autônomo, conforme observado para a posse de animais de estimação (PTG) **-emi-á* ‘coisa pegada (por alguém)’, (Zo’ê) *t-ebi-é* ou *bié* ‘animal de estimação (de gente)’ e, com relação à ‘esposa’, (Zo’ê) *t-ebi-r-iká* ou *bi-r-iká* ‘a/o que se faz ficar consigo’ (RODRIGUES, CABRAL E CORRÊA DA SILVA, 2006, p.25), (Av.C-T) *tʃi l-emi-l-eko* ‘a que eu faço estar comigo’, ‘minha esposa’.

A seguir mostramos alguns exemplos de nomes relativos e absolutos em Av.C-T, separand-os segundo alguns campos semânticos.

Nomes absolutos

Animais

(258) **tamano-a** **taiw-a** o-u
 tamanduá-ARG esp.de.formiga-ARG 3-comer
 [tɛˈmẽːnowɣ taˈiːwˈɸuː]
 ‘tamanduá come *taiwa*’
 avv(t)20131028a_as (47)_00:00:14.470

(259) **jawal-et-oɔo-Ø** tʃi Ø-juka
 onça-GEN-INTENS-ARG 1=R¹-matar
 [dʒayˈaliˈtoːɣo tʃiˈʒukɣ]
 ‘a onça me mata’
 avv(t)20120430a_as (9)_00:01:28.473

Elementos da natureza

(260) tʃi l-e **iw-a mili** a-mo-pen
 1 R¹-REL pau-ARG ATEN 1-CAUS-quebrar
 [tʃiˈluːgɐˈmiːlaːˈmɔːpɛn]
 ‘eu quebrei um pauzinho’
 avv(t)20140714_as (9)_00:28:00.459

(261) **awati-ain-a**
 milho-semente-ARG
 [aːwaˈtʃɐˈĩne]
 ‘grão de milho’
 avv(t)20140715_as (8)_00:08:10.528

Astros

(262) **av-a** o-ike
 Sol-ARG 3-entrar
 ['a:ge 'o:jkɛ]
 '(o) Sol entrou (se pôs)'
 avv(t)20140712_as (2)_00:00:20.539

(263) **jai-tata-Ø**
 lua-fogo-ARG
 [,ʒa:i'ta:tɐ]
 'estrela'
 avv(t)20130913-17a_as (213)_00:00:07.954

*Nomes relativos**Fabricos*

(264) tʃi **v-arak-a**
 1=R¹-arco-ARG
 [tʃiʒa:pɛkɐ]
 'meu arco'
 avv(t)20130329a_as (7)_00:03:40.700

(265) ne tō ne l-**etam-a** ele-japo tale
 2 FOC 2=R¹-casa/aldeia-ARG 2-fazer PROJ
 [ne:tō ne:letɛmɐ le:ʒa:pɔ ta le]
 '(...) tu vai fazer tua casa'
 avv(t)20130530a_ac (1)_00:06:31.815

Termos de parentesco

(266) tʃi **Ø-milaj**
 1=R¹-neta
 [,tʃi:mi'da:j]
 'minha neta! (Matʃa falando para Niwatima)'
 avv(t)20130329a_as (6)_00:01:49.252

(267) tʃi **Ø-pikiiv-a**
 1=R¹-irmã.mais.nova.de.mulher-ARG
 [,tʃiʔi'qi:kɐ]
 'minha irmã mais nova'
 avv(t)20140711_as (23)_00:06:58.905

Qualidade, atributo ou sensação

- (268) **i-piaw**
 R²-ser.novo
 [i pi 's'a:w]
 '(o gato) é novo'
 avv(t)20131029a_as (6)_00:00:51.183
- (269) **avaku-pitaŋ-kan-a** **i-paje**
 saracura-vermelho-simil R²-pajé
 [a 'ka:qʊ pi 'ta:ʋɛnɐ ,i: 'pa:ʒɪ]
 '(o peixe) avakupitakana tem pajé (dá choque)'
 avv(t)20140714_as (11)_00:01:48.524
- (270) **mukuka-∅** **i-akaiŋ-a**
 mucura/gambá-ARG R²-fedor-ARG
 [mu:qʊʋɐ ja:qɛ.ʒŋɐ]
 'gambá tem fedor'
 avv(t)20130804a_as (6)_00:03:15.229
- (271) **∅-piaji**
 R²-escuro-ARG
 [pu: 'a:ʒɪ]
 'é escuro (da casa)', '(a casa) está escura'
 avv(t)20130530a_ac (1)_00:09:52.604
- (272) **tʃi tō** **tʃi ʋ-oi**
 1 FOC 1=R¹-ter.frio
 ['tʃi:tō tʃi'gu:ə]
 'eu tenho frio'
 avv(t)20130530a_ac (1)_00:10:20.675
- Em Av.C-T, 'piolho' é o único animal que é considerado um nome relativo (exemplos abaixo) faz parte de seu possuidor, não precisando da utilização de construções de mediação de posse.
- (273) **tʃi ∅-kiw**
 1=R¹-piolho
 'existe meu piolho'
 [tʃi 'ki:w]
 avv(t)20140711_as (26)_00:03:41.494
- (274) **tʃi ∅-kiw-a**
 1=R¹-piolho-ARG
 [tʃi: 'qiwɐ]
 'meu piolho'
 avv(t)20140714_as (4)_00:04:58.988

Rodrigues (2005) reconstrói para o Proto-Tupí os “nomes para o piolho da cabeça, *Pediculus humanus capitis*, e de alguns outros parasitas do ser humano, como o bicho de pé (*Tunga penetrans*) e o berne, larva da mosca varejeira (*Dermatobia hominis*)”. No entanto, somente o piolho é visto como um nome relativo. É interessante notar que o piolho, além de ser um elemento comum e de antiguidade atestada entre os Tupí, possui uma atribuição social muito especial entre os Tupí-Guaraní, uma vez que a palavra para ‘pente’ é reconstruída para a família, possuindo a forma **ky’wab*, de “*kyb* ‘piolho’ + *’u* ‘comer’ + *-ab* ‘instrumento’, significando, segundo Rodrigues (*op. cit.*) ‘instrumento para comer piolhos’, um significado compatível com a prática de tirar os piolhos com o auxílio do pente e matá-los entre os dentes” (*op. cit.*, p.95-6).

Muito provavelmente esta prática relacionada ao piolho se refira a uma forma de comunicação fática em grupos Tupí-Guaraní, assim como ocorre junto a outros povos indígenas. Para Everett (2012, p.236-239), a comunicação fática é um forte elemento de coesão social, e não são todas as línguas que possuem expressões fáticas como “olá”, “até logo”, “como está você”, vistas em português³³. Segundo o autor (*op. cit.*, p.237-238), as questões fáticas não buscam informação, mas sim comunicam pertença social. Conforme observou junto aos Pirahã, o gesto destes de sentarem-se em fileiras, um atrás do outro para catar piolhos, constitui-se de um tipo de comunicação fática. Os Pirahã “cultivariam e colheriam” os piolhos³⁴. Segundo lhe fora dito por um homem Pirahã, eles realmente os comem, o que seria equivalente a dizer, segundo Everett (*op. cit.*), “eles são deliciosos” (“they’re yummy”).

Com isso, observamos que o piolho é um animal que, por já ter sido assimilado culturalmente, é visto como parte de seu possuidor, sendo um nome relativo em Av.C-T, diferentemente dos outros animais, que são nomes absolutos.

Na sequência, tratamos da descrição da categoria dos verbos em Av.C-T, e da diferença entre argumentos e predicados nesta língua.

2.1.1.2. A Categoria Verbo em Avá-Canoeiro do Tocantins

A categoria de verbo em Av.C-T é caracterizada por receber a Série I de marcas pessoais, referente aos prefixos pessoais do modo indicativo I (*vide 2.3.1 Série I - Prefixos pessoais do modo indicativo I, (1)(2)(3) age sobre 3*). Os verbos podem constituir predicados

³³ Everett (*op. cit.*) fornece os exemplos em língua inglesa, respectivamente: ‘hello,’ ‘goodbye,’ ‘how are you?’.

³⁴ “They cultivate and harvest them” (*op. cit.*, p.239)

intransitivos ou transitivos, se possuem um ou dois argumentos internos (*vide 2.1.1.3 Argumento e predicado em*).

Diferentemente de Borges (2006, p.155-157), não consideramos a existência de uma classe de verbos descritivos ou verbos intransitivos inativos em Av.C-T. Seguimos a análise de Rodrigues (2011 [1996], p.98) para o Tupinambá, em que os nomes relativos que expressam qualidades, características ou sensações podem predicar, assim como todos os nomes nesta língua. Ainda segundo Rodrigues (op. cit., p.97), “os nomes possuíveis (...) podem ser núcleo de predicados possessivos, os quais apresentam o mesmo comportamento gramatical que os predicados que têm por núcleos os verbos intransitivos”.

Apresentamos abaixo alguns exemplos que demonstram que não há diferença, em AV.C-T, entre predicados existenciais com nomes que denotam qualidades ou sensações (exemplos (275) e (276)) e com nomes de objetos (exemplos (277) e (278)) em Av.C-T. Em ambos os casos observa-se nomes em função de predicados pela ausência de flexão casual.

(275) tʃi tõ tʃi ʋ-oi
 1 FOC 1=R¹-ter.frio
 [tʃi:tõ tʃiʋu:ə]
 'eu tenho frio'
 avv(t)20130530a_ac (1)_00:10:20.675

(276) n Ø-ai-j tõ
 NEG R²-ter.dor-NEG FOC
 [na'i:tõ]
 'não tenho dor'
 avv(t)20131029a_as (16)_00:00:18.310

(277) tʃi ʋ-apaʋ
 1=R¹-arco
 [tʃiʋa:pəi]
 'é meu arco'
 avv(t)20131026a_as (46)_00:00:11.402

(278) tʃi l-epuʋu
 1=R¹-bolsa/cesto-ARG
 [tʃi lɛ: 'pʋʋ]
 'é minha bolsa/mochila'
 avv(t)20130913-17a_as (203)_00:00:02.045

Como qualquer predicado intransitivo, predicados possessivos ou existenciais cujo núcleo é um nome, podem ter sua valência alterada por meio de morfemas causativos (exemplos

(279) e (280)), resultando em predicados transitivos. Até o presente não encontramos em Av.C-T esta estrutura junto a nomes que não correspondam a qualidades físicas ou emocionais. No entanto, este tipo de estrutura ocorre em outras línguas Tupí-Guaraní, como o Asuriní do Tocantins. O exemplo (281) desta língua mostra o nome *awá* ‘pessoa’ como a base para a derivação de um verbo transitivo, em combinação com o causativo *mo-*, e intransitivizado por meio do sufixo *se-* ‘reflexivo’, resultando no tema *-se-mo-awá* ‘tornar-se ou fazer-se gente ou pessoa’.

(279) tʃi ʃ-m-akup-te
 1=R¹-CAUS-calor-GEN
 [tʃi ma:kutɛ]
 ‘me fez ficar com muito calor’, ‘me esquentou’
 avv(t)20131029a_as (6)_00:00:02.344

(280) aw tʃi ʃ-mo-kwaem
 DÊIT 1=R¹-CAUS-susto
 [a:wtʃimoqˀã:ëm]
 ‘este (Trumak), me assustou (fazendo cócegas)’
 avv(t)20140714_as (12).eaf00:00:04.850

(281) Aráwawá-ʃ sekwehé kosó-a ʃ-pé
 Cobra.coral-ARG evid mulher-ARG R¹-POSP

o-se-mo-awá a-ká is-opé t-apyhýng-a o-sá.
 3-REFL-CAUS-pessoa 1-estar.em.mov. R²-para R²-pegar-ARG 3CORR-dizer/fazer
 ‘A cobra coral, antigamente, para as mulheres, se fazia gente (pessoa) para elas, para pegá-las’
 (ASURINÍ, 2007)

2.1.1.3. Argumento e predicado em Avá-Canoeiro do Tocantins

Para a descrição de argumentos e predicados em Av.C-T, partimos do que diz Rodrigues (1996) a respeito do Tupinambá. Segundo o autor, nesta língua existem três classes lexicais dotadas de flexão: nomes, verbos e posposições. Os prefixos flexionais marcam a “dependência de um determinante (ou nome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática”. Neste sentido, um nome será determinado por seu possuidor, um verbo intransitivo por seu sujeito, um verbo transitivo por seu objeto, e uma posposição também por seu objeto.

São marcados por prefixos pessoais o determinante sujeito no núcleo de verbos intransitivos e o determinante objeto quando 2(3) age sobre 1(2(3)). Nos demais contextos, o núcleo de sintagmas com nomes, verbos e posposições é marcado com prefixos relacionais

1=R¹-CAUS-calor-GEN
 [tsɪ ma:kutɛ]
 'me fez ficar com muito calor', 'me esquentou'
 avv(t)20131029a_as (6)_00:00:02.344

(292) **s-P**

t a-apik
 PROP 1-sentar
 ['tʰa:piqə]
 'vou sentar'
 avv(t)20120430a_as (9)_00:05:31.980

(293) **A** **O** **a-P**

tʃi tō t-ata-∅ a-mowe
 1 FOC R⁴-fogo-ARG 1-apagar
 [tʃi:tō ta:tə amə:g^we^h]
 'fui eu que apaguei o fogo'
 avv(t)20130530a_ac (1)_00:05:12.731

(294) **S** **O** **a-P**

tʃi l-e iw-a mili a-mo-pen
 1 R¹-REL pau-ARG ATEN 1-CAUS-quebrar
 [tʃiʎu:ge mi:la.mə:pɛn]
 'eu quebrei um pauzinho'
 avv(t)20140714_as (9)_00:28:00.459

Predicados estativos

(295) **S** **s-P** **SAdv**

ae-tō o-iko pe-pe
 DÊIT-FOC R²-estar.em.movimento DÊIT-LOC
 [a:e'tō: i,ku'pe: pe]
 'elas (as mulheres) ficam (na casa/para trás)'
 avv(t)20120430a_as (8)_00:03:58.745

(296) **s-P**

SAdv

t ele-iko mepeno
 PROP 2-ser/estar.em.mov um/sozinho
 [tele:jku mepɛnu]
 'é para você ficar sozinho'
 avv(t)20140707_as (2)_00:25:49.703

Predicados existenciais e possessivos

(297) **P**

aniɪ
 morcego-∅

['ẽniŋ]
 '(ali) existe morcego'
 avv(t)20140215t_as (1)

- (298) **R²-P**
 i-akaiŋ
 R²-fedor
 [i:aq^hãj]
 'é fedor dele'
 avv(t)20130804a_as (6)_00:03:13.999
- (299) **R²-P** **S**
 i-pipo tapit[ĩ-∅]
 R²-pegada coelho-ARG
 [i: 'pi:po ,t^ha'pi:tʃɪ]
 'é pegada dele, (de) coelho'
 avv(t)20131028a_as (61)_00:00:01.793
- (300) **S** **R²-P**
 ne tō na i-katu-j
 2 FOC NEG R²-bom/bem-NEG
 [,ne: 'tō ,na:j 'ka:tui]
 'você não está bem'
 avv(t)20140711_as (23)_00:39:36.137
- (301) **S** **R²-P**
 pikaw-a ∅-aw
 pombo-ARG R²-pena-ARG
 [piqa:w^ha:w]
 'pombo tem pena'
 avv(t)20130913-17a_as (18)_00:00:05.349
- (302) **S** **R²-P**
 petiwā-∅ ∅-ata-tiŋ
 fumo-ARG R²-fogo-branco
 ['pe:tiwə ,a: 'ta:tĩŋə]
 'cachimbo/fumo tem fumaça'
 avv(t)20140715_as (8)_00:01:24.390
- (303) **S** **R²-P**
 ok-a i-jia-te
 casa-ARG R²-ser.alto-GEN
 ['ɔ:qə ,i:zjã 't^hɛ]
 'a casa tem muita altura (é alta)'
 avv(t)20131028a_as (37)_00:00:04.011

- (304) **S** **R²-P**
 Tuia-∅ i-men
 Tuia-ARG R²-marido
 ['tu:ie i' mē:nə]
 'Tuia tem marido'
 avv(t)20140711_as (3)_00:02:12.638
- (305) **S** **R²-P**
 taɾatʃoʋole-∅ i-kaw
 porco-ARG R²-gordura-ARG
 [ta:ɣʰa'tʃo:ɣoɭɪ 'i:kawɣ]
 'porco tem gordura'
 avv(t)20140711_as (23)_00:15:51.794
- (306) **S** **R²-P** **R²-P**
 mukura-∅ i-akaiŋ i-nim
 mucura/gambá-ARG R²-fedor R²-fedor
 [mu:qoʋɛ ja:qa:ŋĩ:nĩmə]
 'o gambá tem fedor, mau cheiro'
 avv(t)20130804a_as (6)_00:03:19.631
- (307) **S** **R²-P** **R²-P**
 mutũ-∅ i-pepo i-pini-pinim
 mutum-ARG R²-pena R²-REDUP-pintado
 ['mu:to ,i:'pe:po i ,pi:ni'pi:nĩ:m]
 'mutum tem pena, tem muitas pintas (é muito pintado)'
 avv(t)20130913-17a_as (85)_00:00:05.931

2.2. Modos verbais

As línguas Tupí-Guaraní são descritas como possuindo os seguintes modos verbais, segundo Rodrigues (2011 [1953], p.67): (a) Indicativo I, que “exprime a simples realização do processo verbal” (*op. cit.*); (b) Permissivo, que exprime uma autorização, pedido de licença, ordem ou exortação (*op. cit.*); (c) Gerúndio, que exprime que uma ação ocorreu concomitantemente com outra (simultaneidade), após a outra (sucessividade), ou é um propósito (finalidade); (d) Indicativo II, que “exprime a realização do processo verbal quando subordinada a uma circunstância expressa” (*op. cit.*); (e) Subjuntivo, que “exprime um processo que é causa ou condição de outro processo”. Para Rodrigues e Cabral (2006, p.20), “as orações de subjuntivo são de dois tipos, as que expressam contemporaneidade e condição (‘quando/se’) e as que expressam sucessividade (‘depois que’)”.

Até o presente, distinguimos quatro modos verbais na língua Av.C-T: o modo Indicativo I, o modo Indicativo II, o modo Imperativo e o modo Gerúndio. A seguir descrevemos o funcionamento desses modos em Av.C-T.

2.2.1. Indicativo I

O modo indicativo I, nas línguas Tupí-Guaraní exprime “a simples realização e um processo verbal” (RODRIGUES, 2011 [1953], p.67). Em Av.C-T, o núcleo do predicado verbal no modo indicativo I recebe exclusivamente os prefixos pessoais da Série I, quando 1(2(3)), 2(3) ou 3 age sobre 3. Quando 3 age sobre 1(2(3)) ou 2(3), somente o objeto é sinalizado no núcleo do predicado, por meio de flexão relacional. O modo indicativo I é negado por meio da marcação no predicado da partícula *na*, antecedendo as marcas de pessoa, seguido do sufixo *-i* ~ *-j* (cf. BORGES, 2006, p.168-170). Abaixo constam alguns exemplos que ilustram predicados no modo indicativo I em Av.C-T.

Predicados intransitivos de base verbal

(308) n a-puka-j
 NEG 1-gritar/rir-NEG
 [,na: 'pu:kəj]
 'eu não estou rindo/gritando '
 avv(t)20140714_as (6)_00:03:07.942

(309) a-jaeo
 1-chorar
 [a'za:əw]
 'eu estou chorando'
 avv(t)20130913-17a_as (196)_00:03:34.574

Predicados de base nominal intransitivos

(310) n Ø-ai-te-j tō ko
 NEG R²-ter.dor-GEN-NEG FOC DÊIT
 [na' i:te: 'təðŋ qo]
 'não dói muito aqui'
 avv(t)20131029a_as (4)_00:00:34.893

(311) ne tō na i-puma-j
 2 FOCNEG R²-barriga.cheia-NEG
 [,ne: 'tō ,na:j' pu:məj]
 'você não tem a barriga cheia (não comeu)'
 avv(t)20140707_as (1)_00:02:38.863

(312) ne tō na i-katu-j
 2 FOCNEG R²-bom/bem-NEG
 [,ne: 'tô ,na:j'ka:tui]
 'você não está bem'
 avv(t)20140711_as (23)_00:39:36.137

(313) na ne ɣ-oi-te-j
 NEG 2=R¹-frio-GEN-NEG
 [na:negoite:j]
 'você não ficou com frio (de noite)?'
 avv(t)20140715_as (2)_00:00:37.999

Predicados transitivos de base verbal

(314) Maria ow-εɣ-u-pap petim-a n ow-εɣ-u-j
 Maria 3-C.C.-ir-ASP(COMPL) fumo-ARG NEG 3-C.C.-ir-NEG
 [mẽdʒo'gʷe:ɣo 'pap 'pe:timə no'gʷe:ɣoɣ]
 'Maria trouxe completamente (tudo), fumo ela não trouxe'
 avv(t)20131029a_as (9)_00:03:33.904

(315) n a-u-j tō
 NEG 1-comer-NEG FOC
 [,nʰa'ʰu: 'tʃo:]
 'eu não comi (a rapadura)' (quando perguntado se a rapadura estava gostosa)
 avv(t)20131029a_as (6)_00:00:19.746

(316) tʃi ʃ-m-aku-te
 1=R¹-CAUS-calor-GEN
 [tʃi 'ma:kute]
 'me fez ficar com muito calor'
 avv(t)20131029a_as (6)_00:00:02.344

2.2.2. Indicativo II

Na família Tupí-Guaraní, o modo indicativo II ocorre quando uma circunstância antecede o predicado, e é expresso por meio do sufixo modal *-i ~ -j* diante de vogais e consoantes ou *-i* diante de consoantes e *-w* diante de vogais. O núcleo do predicado marcado com esse modo tem o seu determinante sinalizado por meio de flexão relacional (cf. RODRIGUES, 1953; 2001b). Conforme será exposto em **2.5 Flexão Relacional**, os núcleos de predicados marcados por prefixos relacionais apresentam um padrão de alinhamento absoluto, sinalizando, em predicados intransitivos o seu sujeito, e em predicados transitivos o seu objeto (cf. CABRAL, 2001a; RODRIGUES & CABRAL, 2005)

Segundo Rodrigues (2001b, p.91-93), o fato do modo indicativo II ser construído por prefixos relacionais e não por prefixos pessoais, “parece apontar para um desenvolvimento histórico a partir de uma construção nominal”. Essa construção, nesse sentido, assemelha-se às construções dos modos gerúndio e subjuntivo, ambas marcadas por meio de prefixos relacionais, e, no caso do gerúndio, a presença de um sufixo modal cuja origem remonta à combinação de uma nominalização com um caso locativo (cf. RODRIGUES & CABRAL, 2005).

O modo indicativo II, em Av-C-T, se caracteriza pela marcação no núcleo do predicado do sufixo de modo (-i ~ -j) diante de vogais (exemplos (317), (319) e (320)) e consoantes (exemplo (318)), possuindo a forma -w fluuando com -j diante de vogais (exemplos (321) e (322)). Assim como nas línguas Tupí-Guaraní, o determinante de predicados no modo indicativo II é sinalizado em seu núcleo por meio de prefixos relacionais. No entanto, conforme apontam os exemplos (319), (320) e (321), que têm como núcleo do predicado o verbo ‘ir’, predicados no modo indicativo II em AV.C-T também podem receber prefixos pessoais.

Estas modificações – ilustradas por meio da flutuação entre o uso dos alomorfes -j e -w do sufixo de modo indicativo II em temas terminados por vogais, bem como da flutuação quanto ao uso de prefixo relacional e prefixo pessoal em predicados neste modo – se mostram como alguns dos efeitos da redução populacional drástica a que sofreram os Avá-Canoeiro, que engendram mudanças estruturais relevantes no sistema linguístico ao longo de poucas gerações. É interessante notar que os exemplos que ilustram essas duas flutuações referem-se à faixa II de falantes (*vide* **0.3.1.3 Metodologia de análise sociolinguística**).

(317) ae Egipson e-*ɸ*-a ko *ɸ*-upi ne *∅*-kiti-j tō
 DÊIT Egipson 2-C.C.-ir+GER DÊIT=R¹-POSP(PERLAT) 2=R¹-cortar-IND.II FOC
 [ae'zɪ:pʰɪ e'ka: ,qʰʊ 'ɸʰupi ,ne 'ki:tʃɪ 'tʃõ]
 'Egipson, ao levar (a faca) consigo nesta (banha), ela (a faca) não te corta'
 avv(t)20131030a_as (12)_00:00:20.143

(318) kaʔun it-ot-*i* pe-pe
 tarde R²-vir-IND.II DÊIT-LOC
 ['ka:ʔõn ɪ'to:tɪ 'pe:pe]
 'de tarde ele (Pãt[io] vem de lá'
 avv(t)20140711_as (6)_00:01:46.056

(319) kaʔun o-jo-*i*
 tarde 3-ir-IND.II
 [,ka:ʔõnɪ o'zõ:i]

'de tarde eles vão (embora)'
avv(t)20140711_as (6)_00:01:55.556

(320) ae tō o-jo-j pai
DÊIT FOC 3-vir-IND.II ASP(COMPL)
[.a:e'tō o'zɔ:jpɛ:]
'(de tarde) eles foram completamente'
avv(t)20140711_as (6)_00:02:01.423

(321) ka-w o-jo-w
mato-LOC 3-ir-IND.II?
['qa:wo'zɔ:w]
'pelo mato, elas (as galinhas) foram'
avv(t)20140521_as (34)_00:02:34.079

(322) ae tō ow-eɣ-a-a i-tʃo-w a
DÊIT FOC 3CORR-C.C.-ir+GER R²-puxar-IND.II DÊIT
['a:etō ʊg^we'ga: i:'tʃo:wɛ]
'ele, para levá-lo consigo, puxou-o, este'
avv(t)20140711_as (6)_00:01:08.059

2.2.3. Imperativo

Borges (2006, p.239) comenta que orações no modo imperativo “possuem formas [para marcas pessoais] exclusivamente para as segundas pessoas e são constituídas por verbos transitivos e intransitivos marcados pelos prefixos pessoais {e-} e {pe-}, para as segundas pessoas do singular e do plural”. Esses prefixos marcam, segundo a autora (*op. cit.*, p.230), o sujeito de verbos transitivos e intransitivos, sendo que o verbo ocorre na primeira posição oracional seguido do objeto e/ou adjuntos. Analisamos esse tipo de oração como a expressão do modo imperativo em Av.C-T, podendo exprimir tanto uma ordem, quanto um aviso ou conselho.

(323) Ariel ew-apik
Ariel 2-sentar
[Ariel i:'wa:pikə]
'Ariel, sente-se (no banco)'
avv(t)20120430a_as (10)_00:02:30.527

(324) pe pe-juk i-u-a
'23 23-vir R²-comer-ARG
[pe pezu:ɣɛ i:u:ɛ]
'vocês, vocês venham para o comer (de arroz)'
avv(t)20140711_as (14)_00:05:33.557

- (652b)pe-japiti
 2imp.pl-amarrar
 [p^heja 'p^hitʃi]
 'Amarrem!' (BORGES, 2006, p.230)

Os dados que obtivemos mostram a existência do sufixo *-eme*, que expressa proibição ou restrição no modo Imperativo (exemplos (325) a (328)). Em outras línguas da família Tupí-Guaraní, como o Asuriní do Tocantins, o sufixo *-(r)emé* pode ser utilizado tanto para negar verbos no modo imperativo quanto verbos no modo Indicativo I, “quando estes são modificados pela partícula modal de propósito ou finalidade (*t o-hó-remé* ‘para que ele não tenha’)” (CABRAL et al., 2012, p.31). Em Av.C-T, assim como em Asuriní do Tocantins (cf. CABRAL & RODRIGUES, 2003), a partícula *ke*, ‘desiderativo’, pode ser utilizada para atenuar ordens e comandos de predicados no modo imperativo com o sufixo *-eme* (exemplos (327) e (328)).

- (325) tʃi Ø-juca-ema
 1=R¹-matar-PROIB
 Ti juca ema!³⁵ “(Não me mate!)” (GRANADO, 2005)
- (326) Pâtʃio e-u-me meki-ʁamo eli-manõ
 Pâtʃio 2-comer-PROIB veneno-TRANSL 2-morrer
 [.pẽ: 'tʃjo: .e:w'mēmiki'ɣãmʊ ,e:lɪ'mãnʊ]
 'Pâtʃio, não coma (esta planta na qualidade de) veneno, você morre'
 avv(t)20140707_as 2)_00:04:00.735
- (327) Pâtʃio e-juka-eme ke aʁakali-Ø t o-iko mepenoano
 Pâtʃio 2-matar-PROIB DESID galinha-ARG PROP 3-estar.em.mov um(numeral)
 [.pẽ: 'tʃjo: .i: 'zu:ke'ẽme kɪ 'a:ɣe'ka:ɺi tojko me'pẽ:no'ã:no]
 'Pâtʃio, não mate galinha, é só uma (que teu tio possui)'
 avv(t)20140707_as (2)_ 00:11:20.514
- (328) e-poti-eme ke n a-jaka-j
 2-bravo/nervoso-PROIB DESID NEG 1-brigar-NEG
 [ipotʃe:ĩmə ke^h naza:kɛi]
 'não fique bravo, (pois) eu não briguei contigo'
 avv(t)20140707_as (2)_00:22:22.780

2.2.4. Gerúndio

³⁵ Essa frase, segundo Granado (2005, p.59), fora dita por Iawi a Reginaldo, fazendeiro local de Minaçú, quando os Av.C-T fizeram o contato em junho de 1983.

O modo verbal gerúndio em línguas da família Tupí-Guaraní (cf. Rodrigues, 1953) tem sido estudado como expresso por meio de prefixos correferenciais em verbos intransitivos e prefixos relacionais em verbos transitivos, sendo ambos marcados pelo sufixo de gerúndio. O gerúndio pode ser compreendido como expressando uma finalidade, como em “eu vim para comer”; sucessividade, como em “eu vim e comi”; ou ainda simultaneidade, como em “eu vim comendo” (cf. ANCHIETA 1595, fl. 29v; RODRIGUES 1953, P.126; SILVA 1999; RODRIGUES E CABRAL 2005).

O modo gerúndio, nessas línguas (cf. RODRIGUES & CABRAL, 2006), integra um sistema de referência alternada constituído por dois sufixos mutuamente exclusivos, um marcando mesmo sujeito e outro marcando sujeitos diferentes, isto é, por meio dos sufixos para os modos *gerúndio* e *subjuntivo*, respectivamente.

Na família Tupí-Guaraní, o pivô dessa marcação seria o sujeito da oração principal (Cabral et al., 2010), e o argumento correferente seria marcado também por meio de prefixos relacionais correferenciais (cf. RODRIGUES, 1981; RODRIGUES, & CABRAL, 2006; CABRAL et al. 2011; JENSEN 1997 e 1998; SILVA 1999; entre outros). Cabral *et al* (2010, p.102) postulam que “a orientação da correferência em Tupí-Guaraní é o *actor* (que corresponde ao sujeito de verbos transitivos e sujeito de verbos transitivos), enquanto o alvo é o *undergoer* (que corresponde ao objeto e ao sujeito de construções dependentes)”, se aliando à hipótese de orientação absoluta nas construções dependentes, o que corrobora a hipótese de Rodrigues & Cabral (2006), para os quais “o padrão absoluto das orações dependentes de línguas de várias famílias do tronco Tupí é consequência de processos de reanálise de estruturas que, em estágios anteriores dessas línguas, consistiam na combinação de morfemas casuais com temas verbais nominalizados”.

Esses aspectos da correferencialidade são vistos como características conservadoras dessa família, vindas do Proto-Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES & CABRAL, 2006). Rodrigues e Cabral (2006) reconstróem para o PTG os sufixos dos modos gerúndio e subjuntivo, e mostram que estes se desenvolveram paralelamente. Para o modo gerúndio, os autores demonstram a combinação de temas com o nominalizador *-áp*, flexionados, em seguida, pelo sufixo de caso locativo difuso; já para o modo subjuntivo, este teria se formado a partir da combinação de um tema verbal com um sufixo do caso translativo. Os autores observam também que, o tratamento do gerúndio como temas nominalizados daria conta do fato de que se combinam com prefixos correferenciais, que são de natureza relacional, ao invés de prefixos pessoais.

Em línguas Tupí-Guaraní conservadoras os prefixos correferenciais marcam (a) em predicados no modo gerúndio, a identidade de um argumento com o sujeito da oração principal em todas as pessoas do discurso; (b) na 3ªp., o determinante de um argumento correferente com o sujeito da oração principal e a identidade de um objeto de posposição com o sujeito da oração principal. No entanto, existem línguas da família Tupí-Guaraní que reduziram este paradigma à 3ª p. ou a zero, como o Zo'ê, Emerillon e Wayampí (cf. CABRAL et al., 2010; JENSEN, 1997, 1998); enquanto outras línguas, como o Asuriní do Tocantins, expandiram o paradigma para todas as pessoas, na marcação tanto de predicados no modo gerúndio como na marcação do determinante de nomes e objeto de posposição (cf. CABRAL et al., 2010).

Para Cabral (2000), existe um paralelismo entre a marcação de nomes, posposições e verbos, sobretudo quando estes estão nas construções de gerúndio e subjuntivo. Quando há a expressão de correferência, faz-se uso dos prefixos relacionais correferenciais (R^3), quando não há, utiliza-se o prefixo relacional de não contiguidade (R^2). Nestas construções, ainda segundo a autora (*op. cit.*, p.258), “a relação de dependência estabelecida entre determinante e determinado é essencialmente da mesma natureza”.

Os prefixos correferenciais possuem, nas línguas Tupí-Guaraní, um padrão absolutivo em orações dependentes (RODRIGUES & CABRAL, 2005). No modo gerúndio, sinalizam o S, e no modo subjuntivo o O, correferentes com o S/A da oração principal. Para Rodrigues & Cabral (*op. cit.*), “o padrão absolutivo das orações dependentes de línguas de várias famílias do tronco Tupí é consequência de processos de reanálise de estruturas que, em estágios anteriores dessas línguas, consistiam na combinação de morfemas casuais com temas verbais nominalizados”.

Em Avá-Canoeiro do Tocantins, pudemos colher, ao longo da pesquisa de campo, dados do sistema de correferencialidade em uso, mas que não ilustram de forma completa todo o escopo que envolve a correferencialidade conforme visto em outras línguas Tupí-Guaraní. Buscamos descrever, nesta dissertação, somente o funcionamento do gerúndio nesta língua, e não o do subjuntivo, por conta da falta de dados, o que reflete a dificuldade no trabalho de pesquisa de campo junto a povos monolíngues e de recente contato, trabalhando sobretudo com dado em situações reais de fala.

O modo gerúndio em Av.C-T vem marcado pela classe dos prefixos correferenciais relacionais, R^3 , sinalizando a identidade entre os sujeitos da oração principal e da oração dependente; e quando o predicado no modo gerúndio é transitivo, este é marcado por meio de prefixo relacional que sinaliza a contiguidade (R^1) ou não contiguidade (R^2) sintática de O. Até

‘eu cheguei da pescaria e vou dormir (um pouco)’
avv(t)20120430a_as (10)_00:00:38.503

- (338) t a-mapik aʁakale-∅ ʁ-i t a-u aʁakale-∅
PROP 1-cozinhar galinha-ARG R¹-REL PROP 1-comer galinha-ARG
[tʃ̥'ma:p̥iγ ʁɣe'ka:l̥iγɪ 'ta:w ,aγe'ka:l̥i]
'eu vou cozinhar com respeito a galinha, para eu (poder) comer a galinha'
avv(t)20140707_as (2)_00:18:18.683

- (339) t a-juka aʁakale-∅ ʁ-i t a-mapik t ele-u
PROP 1-matar galinha-ARG R¹-REL PROP 1-cozinhar PROP 2-ingerir/comer
[ta:zu:kɛ aγaka:l̥iγɪ ta:ma:p̥iγiγ tele:w]
'eu vou matar com respeito a galinha, é para eu cozinhar, é para você comer'
avv(t)20140707_as (2)_00:19:09.988

2.3. Marcas pessoais

Borges (2006, p.144-5 e p.155-157) descreve para o Av.C-T a existência de três séries de marcadores de pessoa verbal, sendo apenas um argumento (S ou O) marcado por vez. Para a autora (*op. cit.*), a Série I codifica os sujeitos de verbos transitivos e intransitivos, em orações declarativas, e, em orações imperativas, estes são codificados pela Série II. A Série III, composta por pronomes clíticos, por sua vez, codifica os sujeitos de verbos intransitivos descritivos (So), e objetos dos transitivos (P) (*op. cit.*), bem como marca posse (*op. cit.*, p.112). Segundo a autora (*op. cit.*, p.144), “como não há um pronome clítico específico à terceira pessoa, essa função é desempenhada pelo prefixo relacional {-i}”. Abaixo reproduzimos o quadro elaborado por Borges (*op. cit.*), seguido de alguns exemplos da autora.

Quadro 13 - Marcas pessoais em Av.C-T (BORGES, 2006, p. 145 e 156)

	Série I	Série II	Série III
Pessoas verbais	A/Sa	Imperativas	P/So
1 ^a sg	a-		tʃ̥i= ~ tʃ̥e=
2 ^a sg	ere-/e-	e-	ne= ~ ni= ~ na=
1 ^a pl.incl.	jane-		jane=
1 ^a pl.excl.	oro-		ore=
2 ^a pl.	pe-	pe-	pe=
3 ^a	o-		Prefixo Relacional ({i-})

Orações declarativas

Verbos transitivos

(476) A	P	A-v.trans.
trumak-∅	iwi-∅	o-jok
nome próprio-CN	terra-CN	3sgA-cavar
[tru'makʔ	'iwi	o'ʒɔkə]
'Trumak cavou a terra' (BORGES, 2006, p.147)		

Verbos intransitivos ativos

(478) v.intrans.at.
a-jaeo
1sgSa-chorar
[a'ʒaew]
'eu chorei' (BORGES, 2006, p.148)

Verbos intransitivos descritivos

(481) So	v.intrans.descr.
miraw	i-ete=tō
mingau-CN	3So-estar gostoso= part
[mi'raw	je'thetō]
'O mingáu está muito gostoso' (BORGES, 2006, p.150)	

Orações no modo imperativo

(496a)e-japiti
2sgSa-amarrar
[.eʒa'pʰitʃi]
'Amarre!' (BORGES, 2006, p.156)

(496b)pe-pipik
2plSa-apertar
[pʰepi'pʰikə]
'Apertem' (BORGES, 2006, p.157)

(496c)pe-kakati
2imp.pl.Sa-ser cheiroso
[.pʰeka'kətʃi]
'Sejam cheirosos de verdade!' (BORGES, 2006, p.157)

Orações possessivas

(624a)tʃi=r-etam-∅
1sg=rel-casa-CNM
[.tʃiɾe'thəm]
'eu tenho casa' (BORGES, 2006, p.219)

(625a) авакаре-∅ i-memik-∅
 galinha-cn 3-filho-cn
 [ava'kʰarɪ i'mēmik]
 'a galinha tem pintinhos (filhotes)' (BORGES, 2006, p.219)

Posteriormente, Borges (2006, p.189-193) subdivide o que chama de pronomes pessoais em pronomes clíticos e livres.

Quadro 14 - Pronomes pessoais em Av-C-T (BORGES, 2006, p.189)

	Pronomes livres	Pronomes clíticos
1ª sg	tʃi=tõ	tʃi= ~ tʃe=
2ª sg	ni=tõ	ne= ~ ni= ~ na=
1ª pl.incl.	jane=	jane=
1ª pl.excl.	ore=	ore=
2ª pl.	pe=	pe=

Para a autora (*op. cit.*), os pronomes pessoais livres podem ocorrer “como sujeito em sentenças com predicados nominais”; “como o único elemento de um sintagma responsivo” e como “sujeitos enfáticos de verbos intransitivos ativos, descritivos e transitivos, podendo ser omitidos devido à presença das marcas verbais de pessoa”. Segundo a autora, em Av.C-T, assim como nas línguas Tupí-Guaraní, não há pronomes de terceira pessoa, sendo utilizado um demonstrativo “tendo as mesmas funções que os pronomes livres”.

À luz de novos dados, a seguir aprofundamos a descrição das marcas pessoais em Av.C-T, acrescentando, sobretudo, o que chamamos de série IV, bem como apresentamos uma análise alternativa quanto às formas dos pronomes pessoais independentes (Série III), chamados de pronomes livres por Borges (*op. cit.*, p.189-193). Não foi possível até o presente descrever os prefixos correferenciais do Av.C-T em sua totalidade por falta de dados que demonstrem o paradigma pessoal completo. Este prefixo possui tanto características pessoais quanto relacionais, e foi tratado de forma preliminar na seção **2.2.4 Gerúndio**.

Quadro 15 - Marcas pessoais em Av.C-T

	Série I	Série II	Série III	Série IV	Série V
1	a(j)-	tʃi=	tʃi	-	-
2	eli- ~ ele-	ni= ~ ne=	ni ~ ne	убу-	e-
12(3)	jane-	jane=	jane(?)	-	-
13	око(w)-	оке(?)=	оке(?)	-	-
23	pe(j)-	pe=	pe	-	pe-
3	o(w)-	-	-	-	-

2.3.1. SÉRIE I - PREFIXOS PESSOAIS DO MODO INDICATIVO I, (1)(2)(3) AGE SOBRE 3

As marcas pessoais que compõe a Serie I correspondem às marcas da Série I de Borges (2006, p.145). É composta por prefixos pessoais utilizados no modo indicativo I, marcando no núcleo de predicados intransitivos de base verbal a função S, e, em predicados transitivos o A, quando 1(2(3)), 2(3) ou 3 age sobre 3. Por conta de sua distribuição, utilizamos a ocorrência das marcas da Série I como um dos critérios morfológicos para a distinção entre nomes e verbos em Av.C-T (*vide 2.1 Nome e verbo, argumento e predicado em*), uma vez que somente verbos podem vir marcados com esta série.

(340) S s-P
tʃi tō a-juka
1 FOC 1-matar
[tʃi'tō a'zʉ:kə]
'eu matei (ele)'
avv(t)20130530a_ac (2)_00:01:09.367

(341) s-P R³-P
t a-a we-ata-w
['ta:w, w'e'a:ɔ]
PROP 1-ir 1CORR-caminhar-GER
'vou caminhando (no mato)'
avv(t)20120430a_as (8)_00:02:51.049

(342) s-P SAdv
t ele-iko mepeno
PROP 2-ser/estar.em.mov um/sozinho
[te'le:jko me'pēnɔ]
'é para você ficar sozinho'
avv(t)20140707_as (2)_00:25:49.703

(495d)a-P O
jane-nano ipo-∅
1pl.incl.A-ouvir música-CN
[,nãne'nãnɔ 'ipɔ]
'nós ouvimos música' (BORGES, 2006, p.156)

(343) a-P O
uʁu-momew Maria
13-contar Maria
[,uʁomo'me:w ma'ri:ɐ]
'nós contamos (que) Maria...'
avv(t)20140717_as (3)_00:16:53.068

- (344) s-P
 uku-m-akim
 13-CAUS-molhar
 [, uɔʊ ' ma: kimə]
 'nós molhamos (a cabeça de Pãtjio)
 avv(t)20140717_as (3)_00:19:38.517
- (345) a-P O
 ae ko na pe-mo-puku-j a
 DÊIT DÊIT NEG 23-CAUS-comprido-NEG DÊIT
 [, ae: ' qõ ' na , pʰe: ' mɔ: , pʰu ' qʰuj e]
 'assim, este aqui, vocês não vão fazer mais comprido, esta (bainha)'
 avv(t)20131030a_as (11)_00:01:46.945
- (346) s-P SAdv SP
 ow-ir i-uku-w i-uku-∅ ∅-kupɪ
 3-ir água-INTENS-LOC água-INTENS-ARG R¹-POSP(perlat)
 [ɔ: ' wiɪ i i: wko: , i: wko ' kupʰj]
 'ele vai no rio cheio, pelo rio cheio'
 avv(t)20131025a_as (7)_00:03:29.386
- (347) S s-P
 moj-a o-tʃu
 cobra-ARG 3-morder
 [, mo ' tʃo: tʃu]
 'a cobra mordeu (o rato)'
 avv(t)20131028a_as (54)_00:00:20.891

2.3.2. SÉRIE II - PRONOMES DEPENDENTES

As marcas pessoais que compõe a Série II, correspondem às marcas da Série III de Borges (2006, p.156). Essa série se constitui de pronomes pessoais dependentes e codifica tanto o determinante de argumentos de base nominal quanto verbal; o sujeito de predicados existenciais ou possessivos; o objeto de predicados intransitivos, quando 3 age sobre 1(2(3)), 2(3); e o objeto de posposições. Está série pronominal é relacionada ao núcleo predicados, sintagmas nominais e posposicionais por meio do prefixo relacional 1, de contiguidade sintática: [PRON.DEP. R¹-NÚCLEO] (*vide* **2.5 Flexão Relacional**).

Argumentos de base nominal

- (348) tʃi ∅-milaj
 1=R¹-neta
 [, tʃi: mi ' ɖa: j]
 'minha neta! (Matja falando para Niwatima)'
 avv(t)20130329a_as (6)_00:01:49.252

'me fez ficar com muito calor'
avv(t)20131029a_as (6)_00:00:02.344

- (356) S R²-P
 Tuia-∅ i-men
 Tuia-ARG R²-marido
 ['tu:ie i 'mẽ:nɐ]
 'Tuia tem marido'
 avv(t)20140711_as (3)_00:02:12.638

Argumento O em predicados de base verbal

- (357) S O=R¹-P
 jawal-et-oɓo-∅ tʃi ∅-juka
 onça-GEN-INTENS-ARG 1=R¹-matar
 [dʒaɣ^wali 'to:ɣo tʃi 'ʒukɔ]
 'a onça me mata'
 avv(t)20120430a_as (9)_00:01:28.473

- (358) O=R¹-P A
 tʃi ∅-kiti ekoj-a
 1=R¹-cortar DÊIT-ARG
 [,tʃi 'qitsj ,e: 'qotɐ]
 'este (o facão) me corta'
 avv(t)20131030a_as (11)_00:02:26.453

Objeto de posposição

- (359) s-P SP
 eli-juɤ tʃi ∅-pile
 ['e:ʎoɤɔ 'tʃi:pilɔ]
 2-vir 1=R¹-POSP(companhia[+estático])
 'case-se comigo', lit.: 'vem comigo'
 avv(t)20130913-17a_as (181).eaf
- (360) s-P SP
 eli-uɤ tʃi ɤ-upi
 2-C.C.-ir 1=R¹-POSP(companhia[+dinâmico])
 ['e:ʎoɤɔ tʃi 'ɤu:pɪ]
 'você vai comigo (pescar)'
 avv(t)20120430a_as (10)_00:10:31.602

- (361) a-P SP
 a-mo tō ij-upe
 1-dar FOC R²-POSP(DATIV)
 [ã'mo:to i 'tʃupe]

'(o giz) eu dei para ele (Pãtjio)'
 avv(t)20140711_as (2)_00:04:26.334

2.3.3. SÉRIE III - PRONOMES INDEPENDENTES

As marcas que compõem a Série III correspondem aos pronomes livres de Borges (2006, p.183-193). Essa série é composta por pronomes independentes, e podem funcionar como um argumento sintático na oração. Conforme trabalhado por Borges (*op. cit.*), pode funcionar ainda como “único elemento de um sintagma responsivo”. Uma vez que não há uma marca referente à 3p., essa lacuna é preenchida por meio de pronomes dêiticos (cf. BORGES, 2006, p.193-194).

Quanto à forma dessa série de pronomes pessoais independentes em Av.C-T, observamos, a partir de nossos dados, que não estaria ocorrendo um processo de gramaticalização dessas com a partícula de foco *tõ* (*vide 3.4 Foco em Avá Canoeiro do Tocantins e a partícula tõ*). Abaixo ilustramos a distribuição dos pronomes da Série III, e a não obrigatoriedade do uso dessa partícula junto a essa série pronominal.

(362) S S=R¹-P
 ne ne Ø-katu-te
 2 2=R¹-bem/bom-GEN
 [ne: ne'ka:to'te:]
 'você tem tua beleza verdadeira', 'você é bonito'
 avv(t)20140711_as (25)_00:00:09.264

(363) S R²-P
 ne tõ na i-puma-j
 2 FOCNEG R²-barriga.cheia-NEG
 [ne:'tõ ,na:j'pu:mɛj]
 'você não tem a barriga cheia (não comeu)'
 avv(t)20140707_as (1)_00:02:38.863

(364) S=R¹-P
 tʃi ɤ-aku-te
 1=R¹-calor-GEN
 [tʃi, ɤa:qu'te:]
 'tenho muito calor'
 avv(t)20130804a_as (7)_00:04:34.826

(365) S s-P
 tʃi t a-pukaj
 1 PROP 1-gritar/rir
 ['tʃi: ,ta'pu:kɛj]

2.3.4. SÉRIE IV - PREFIXOS PESSOAIS USADOS NO MODO INDICATIVO I QUANDO 1(2(3)) AGE SOBRE 2(3)

A Série IV refere-se ao prefixo pessoal que marca o objeto quando 1(2(3)) age(m) sobre 2, *-uku*. Esse prefixo, segundo Cabral (2001a, p.133) viria de (PTG) *poro- [+/- humano, +genérico], como uma “estratégia para atenuar a referência ao paciente”. Segundo a autora, “suas formas resultantes de antigas combinações de (*a/oro-poro-VTR) passaram a atenuar a referência ao agente, indicando no verbo apenas o paciente”. Até o presente não dispomos de dados das marcas que ocorrem quando 2(3) age sobre 1(2(3)).

(371) o-P

uku-kutuk

2O-furar

[o'ʋo:qotʊqə^h]

'(eu) te furei'

avv(t)20130918a_ac (3)_00:00:59.792

2.3.5. SÉRIE V - PREFIXOS PESSOAIS USADOS NO MODO IMPERATIVO

A Série V corresponde à Série II de Borges (2006, p.145) e é constituída por prefixos pessoais utilizados no modo imperativo, marcando exclusivamente a 2ª p. sg./pl. no núcleo do predicado, por meio das formas *-e* e *-pe*, respectivamente.

(372) S s-P

Ariel ew-apik

Ariel 2-sentar

[ari'ɛw i:'wa:pikə]

'Ariel, sente-se (no banco)'

avv(t)20120430a_as (10)_00:02:30.527

(373) a-P O

e-u-me meki-∅

2-comer-PROIB veneno-ARG

[,e:w'mẽ me:ki]

'não coma veneno!'

avv(t)20140707_as (2)_00:05:01.298

(374) a-P

pe-japiti

2-amarrar

[p^heja 'p^hitʃi]

'Amarrem!' (BORGES, 2006, p.230)

(375) S	s-P	SN
pe	pe-juɐ	i-u-a
‘23	23-vir	R ² -comer-ARG
[pe	p'ezu:ɐ	i:'u:ɐ]
'vocês, vocês venham para o comer (de arroz)'		
avv(t)20140711_as (14)_00:05:33.557		

2.4. Flexão casual³⁷

Rodrigues (2012 [1996], p.96) foi o primeiro a descrever para uma língua Tupí-Guaraní, o Tupinambá, a existência de cinco prefixos casuais mutuamente excludentes. O primeiro seria (*a-* ~ \emptyset), o sufixo de caso argumentativo, que “marca um amplo âmbito de relações, incluindo todas as relações nucleares (S, A, P, G, objeto de posposição)”³⁷; em contraste com quatro outros sufixos de casos de natureza circunstancial: (*-pe* ~ *ipe*), sufixo de caso locativo pontual; (*-βo* ~ *iβo*), sufixo de caso locativo difuso; (*-i*), sufixo de caso locativo situacional; e (*-amo* ~ *-ramo*), sufixo de caso translativo. Contrastando com estes cinco casos, haveria ainda o caso vocativo não marcado (\emptyset).

Para Rodrigues (2001a), sem a marcação de caso, lexemas verbais e nominais seriam, respectivamente, predicados e vocativos. Reproduzimos abaixo o quadro de Rodrigues (2001, p.108 *grifos do autor*) para o paradigma da flexão casual em Tupinambá:

Quadro 16 - Flexão casual em Tupinambá (RODRIGUES, 2001a)

	<i>-ajúr-</i> 'pesçoço'	<i>-kuʔá-</i> 'cintura'	<i>-jiʔã-</i> 'coração'
Arg.	ajúr- a	kuʔá- \emptyset	jiʔã- \emptyset
Transl.	ajúr- amo	kuʔá- ramo	jiʔã- namo
Loc. pont.	ajúr- ipe	kuʔá- pe	jiʔã- me
Loc. dif.	ajúr- iβo	kuʔá- βo	jiʔã- βo
Loc. sit.	ajúr- i	kuʔá- j	jiʔã- j

³⁷ O aprofundamento da descrição sobre o sistema de caso e em específico o caso argumentativo foram objetos de dois trabalhos apresentados em congressos: “Expressão do caso argumentativo em três línguas Tupí-Guaraní: o caso do Asuriní do Tocantins, do Avá-Canoeiro e do Zo'ê” (CABRAL et al., 2013), apresentado no XIX Simpósio Nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística, em nov./2013, UFU, Uberlândia/MG; e “Flexão casual em Avá-Canoeiro do Tocantins” (SILVA, 2014c), apresentado no XXIX Encontro Nacional da ANPOLL, em jun./2014, UFSC, Santa Catarina/RS.

2.4.1. CASO ARGUMENTATIVO

O caso argumentativo é encontrado na maioria das línguas da família Tupí-Guaraní, ocorrendo, de maneira geral, ou por meio dos alomorfes $-\emptyset$ diante de vogal e $-a$ diante de consoante ou $-a$ diante de vogais e consoantes e $-\emptyset$ diante de /a/ (cf. CABRAL, 2001b). Marca a função argumental tanto de nomes quanto de verbos na sentença, marcando também o objeto de posposições e determinantes em sintagmas nominais e verbais (cf. RODRIGUES, 2010 [1981], 2012 [1996], 2000a; CABRAL, 2001b).

Para Borges (2006, p.118) o caso nuclear³⁸ “identifica uma palavra como pertencente à classe “nome” na língua”, marcando as funções de nome em: “sujeitos de verbos intransitivos ativos e descritivos (Sa e So)”; “sujeitos de verbos transitivos (A)”; “objetos diretos (O)”; “complementos da cópula *eko ~ iko* ‘ser, estar’”; “modificadores (possuidores) em construções possessivas”; “objetos das posposições”; e em “predicados nominais”. Realiza-se, nesta língua, por meio dos alomorfes $-a$ ou $-\emptyset$, “seguindo tanto nomes terminados em consoantes [...] quanto vogais” (*op. cit.*, p.118-119). Abaixo reproduzimos alguns exemplos da autora, mantendo a numeração e glosa original.

Sujeitos de verbos intransitivos ativos

(382a)Sa	V
enem-a	o-wewe
besouro-cn	3sgSa-voar
[enēmə	o'gʷegʷe]
‘O besouro está voando’ (BORGES, 2006, p.119)	

Sujeitos de verbos intransitivos descritivos

(382b)So	V
mae-ɤ-o-a	i-piɤa
caça-rel-carne-cn	3So-estar, ser crua
[mae'ɤoə	i'piɤə]
‘A carne está crua’ (BORGES, 2006, p.119)	

Sujeitos de verbos transitivos

³⁸ Seki (2000, p.107-109) considera o “caso argumentativo” de Rodrigues (1996, 2001a) como “caso nuclear”. Este serviria, em Kamaiurá, para “relacionar o nome a outro elemento na locução, ou ao predicado na oração”. Expressaria, nessa língua, as funções de “sujeito de predicados verbais e não-verbais”; “objetos de verbos e posposições; modificador (possuidor) na locução genitiva; complemento de cópula; predicado nominal”.

(384a)	A	V	P
	moj-a	o-mokon	avakare-∅
	cobra-cn	3sgA-engolir	galinha-cn
	['moʒə	o 'moqõni	,ava 'kʰari]
	'A cobra engoliu a galinha' (BORGES, 2006, p.119)		

Objetos diretos

(385a)	P	V
	tam-a	a-jok ^{wiɣ}
	'tʰãmə	a 'ʒok ^{wiɣə}]
	'Eu amarrei a corda' (BORGES, 2006, p.119)	

Complementos da cópula eko ~ iko 'ser, estar'

(388a)	cópula	complemento
	o-iko	tʃi=∅-pikir-a
	3sg-ser estar	1poss=rel-irmã mais nova-cn
	[o 'iɣə	,tʃipi 'kʰirə]
	'Ela (Makaquira) é minha irmã' (BORGES, 2006, p.120)	

Modificadores (possuidores) em construções possessivas

(389a)	Possuidor	Núcleo
	i-memix-a	r-akaŋ
	3-filho-cn	rel-cabeça
	[i 'mēmixə	ra 'kʰãŋə]
	'A cabeça do filho dela (Tuia)' (BORGES, 2006, p.120)	

Objetos de posposições

(390a)	Sa	V	adj	
	tapira-∅=ete	o-ike	ij-a	pupe
	anta-cn=part	3sgSa-entrar	terra-cn	posp
	[,tʰapiri 'tʰe	o 'ike	,iʒə'	pʰupe]
	'A vaca entrou na terra (lama)' (BORGES, 2006, p.120)			

Predicados nominais

(391a) Sujeito	Predicado
putʃidzawa	tʃi=∅-pikir-a
nome próprio	1poss=rel-irmã-CN
‘Putdjawa é minha irmã’ (BORGES, 2006, p.120)	

Para Borges (*op. cit.*, p.121), o morfema *-a* estaria se lexicalizando em determinadas palavras, preferencialmente em temas dissilábicos ou trissilábicos, e palavras terminadas em *r*, estando a cristalização relacionada ao deslocamento do acento da língua para a penúltima sílaba.

Quadro 17 - Palavras do Av.C com lexicalização do morfema {-a}

PTG	Av-C	Glosas	Realização fonética
1.*tapiʔir	tapira	‘anta’	[tʰaˈpʰiːrə]
2.*iar	iava	‘canoa’	[ˈiːərə]
3.*ok	oka	‘casa’	[ˈoːkə]
4.*aman	amana	‘chuva’	[ˈəːmənə]
5.*poʔir	poiva	‘contas (colar)’	[ˈpʰoːivə]
6.*aʔir	aiva	‘filho’	[ˈaːivə]
7.*potir	potiva	‘flor’	[ˈpʰoːtivə]
8.*eir	eiva	‘mel’	[ˈeːjvə]
9.*er	era	‘nome’	[ˈeːrə]
10.*javar	jawaва	‘cachorro’	[ˈzaːɣʷəvə]
11.*tsaβ	-awa	‘plumagem’	[ˈaːwə]

No entanto, a autora (*op. cit.*, p.123) considera que a marca *-a* é obrigatória quando da necessidade de se diferenciarem sintagmas nominais possessivos e orações possessivas, conforme os exemplos reproduzidos abaixo.

Sintagmas Nominais Possessivos

(395a)tʃi=r-etam-a
[.tʃireˈtʰəmə]
1=REL-casa-CN
‘minha casa’ (BORGES, 2006, p.24)

(396a)tapira-∅=ete	∅-memik-a
[tʰəpɪrɪˈtʰe	ˈmēmikə]

anta-CN=part REL-filho-CN
 ‘A vaca tem bezerrinhos (filhotes)’ (BORGES, 2006, p.24)

Orações Possessivas

(397a) tʃi=r-etam-∅
 [tʃiɾe'tʰəm]
 1=REL-casa-CNM
 ‘eu tenho casa’ (BORGES, 2006, p.24)

(398a) tapira-∅=-ete i-memiɾ-∅
 [tʰə.pɪɾi'tʰe i'mẽmiɾ]
 anta-CN=part 3-filho-CNM
 ‘A vaca tem bezerrinhos (filhotes)’ (BORGES, 2006, p.24)

Ao trabalharmos novos dados do Av.C-T, sobretudo relativas às faixas I e II (falantes remanescentes do contato), observamos que o sufixo casual de caso argumentativo, referido por Borges (*op. cit.*) como sufixo de caso nuclear, ocorre normalmente na marcação de argumentos de base verbal ou nominal; em construções possessivas marcando o determinante; em orações existenciais e equativas marcando um dos constituintes; e em objetos de posposições. Conforme visto na seção **2.1.1.3 Argumento e predicado em**, os nomes funcionam ou como predicados ou como vocativos sem marcação de flexão de caso. E verbos, com a marcação de caso argumentativo, funcionam como argumentos na oração.

Na sequência, constam alguns exemplos que ilustram a expressão dos alomorfes -∅ e -a do caso argumentativo tanto na marcação de argumentos de temas nominais (exemplos (376) a (378); (380) a (393)) quanto temas verbais (exemplos (394) a (397)); marcando objetos de posposição (exemplos (379); (398) a (401)); e marcando ambos os sintagmas nominais de orações equativas (exemplos (402) e (403)).

Alomorfe -∅

(376) talew-∅ ɾ-upia-∅
 traíra-ARG R¹-ovo-ARG
 [ˈta:ɫew ɾu'pʰi:ɐ]
 'o ovo de traíra'
 avv(t)20140709_as (1)_00:00:08.895

(377) walew-∅ i-kupe
 guariba-ARG R²-de.costas

['wa:ʎɛw ,i:'qu:pe]
 '(o) guariba (está deitado) de costas'
 avv(t)20130913-17a_as (70)_00:01:04.585

- (378) akaju-i-∅
 cajú-ATEN-ARG
 [,a:qɛ'zɥ:i]
 'cajúzinho-do-cerrado'
 avv(t)20131028a_as (70)_00:02:08.432
- (379) ow-iv̄ i-ukw-w̄ i-ukw-∅ ∅-kup̄i
 3-ir água-INTENS-LOC água-INTENS-ARG R¹-POSP(perlat)
 [ɔ:'wiv̄i ,i:w'ko: ,i:wko 'kup̄i]
 'ele vai no rio cheio, pelo rio cheio'
 avv(t)20131025a_as (7)_00:03:29.386
- (380) tʃi tō tʃi l-epukw-∅ a-itik
 1 FOC 1=R¹-bolsa/cesto-ARG 1-tirar
 [,tʃi:'tō ,tʃilɛ'pu:ko 'a,i:'tʰiqʰɔ]
 'eu, eu joguei fora (tirei) minha mochila (de cotia)'
 avv(t)20130329a_as (7)_00:08:17.182

Alomorfe -a

- (381) tʃi ʋ-apaʋ-a
 1=R¹-arco-ARG
 [tʃi'ga:pɛʋɔ]
 '(o) meu arco'
 avv(t)20130329a_as (7)_00:03:40.700
- (382) tapil-a
 anta-ARG
 [,ta:'piʎɛ]
 'anta'
 avv(t)20130804a_as (6)_00:04:43.896
- (383) i-memiv̄-a
 R²-filho(ego.feminino)/estar.grávida-ARG
 [i:'mẽ:miʋɛ]
 'o estar grávida de(la)'
 avv(t)20131028a_as (58)_00:00:04.206 f
- (384) i-men-a
 R²-marido-ARG
 [,i:'mẽ:nɛ]

- (392) *moj-a* *o-tʃu*
 cobra-ARG 3-morder
 [mo' tʃo:tʃu]
 'a cobra mordeu (o rato)'
 avv(t)20131028a_as (54)_00:00:20.891
- (393) *iw-a* *o-pilok*
 terra-ARG 3-descascar
 [i, wo:pʰi: 'lʒoqʰə]
 'descasca (ilumina) a terra' (com referência ao brilho da lua)
 avv(t)20140711_as (10)_00:03:59.850

Argumentos de base verbal

- (394) *ne* *ɤ-uj-a*
 2=R¹-ir-ARG
 [ne:ɤo' zɑ:]
 'o ir de você'
 avv(t)20130918a_ac (11)_00:01:36.781
- (395) *pe* *pe-juɤ* *i-u-a*
 23 23-vir R²-comer-GER
 [pe 'peʒu:ɤə i:'u:ɐ]
 'vocês, vocês venham para o comer (de arroz)'
 avv(t)20140711_as (14)_00:05:33.557
- (396) *Maria-∅* *tʃi ∅-kutuk-a*
 Maria 1=R¹-furar-ARG
 [ma:' dʒi:ɐ tʃi'qu:tuqə]
 'Maria me furou (com a agulha de injeção)'
 avv(t)20131029a_as (10)_00:00:06.297
- (397) *iw-a tō* *tʃi pilok-a*
 pau-ARG FOC 1=R¹-descascar
 ['ʃi:wəto tʃipi' lo:qə]
 'o pau (a lenha), o meu descascar (dele)'
 avv(t)20131029a_as (16)_00:00:38.999

Em objetos de posposição

- (398) *Pãtʃio* *i-akaŋ-ai* *koem-a* *ɤ-upi*
 Pãtʃio R²-cabeça-dor manhã/madrugada-ARG R¹-POSP(PERLAT)
 [pãtʃi'o: jaqẽ' ŋa:i qo' ẽmɐ 'ku:pi]
 'Pãtʃio teve dor de cabeça pela manhã/madrugada'
 avv(t)20140717_as (3)_00:09:22.838

(399) ne tō ele-iko ok-a ∅-pupe
 2 FOC 2-estar.em.mov. casa-ARG R¹-POSP(dentro)
 [ne:'tō: e'le:jko 'o:kə 'pu:pɛ]
 'você ficou em casa'
 avv(t)20130530a_ac (1)_00:02:13.017

(400) o-mae awa-∅ l-e
 3-olhar pessoa-ARG R¹-POSP(com.respeito.a)
 [õ'ma:i a'wa:dʒe]
 'ele olhou com respeito à gente'
 avv(t)20130918a_ac (11)_00:00:00.379

(401) a-juka ita-∅ ∅-po
 1-matar pedra-ARG R¹-POSP(INSTRUM)
 [a:'ʒu: qi:'ta:po]
 'eu matei (a cobra) com a pedra (utilizando um estilingue)'
 avv(t)20131025a_as (7)_00:04:48.511

Orações equativas

(402) mukuka-∅ i-akaiŋ-a
 mucura/gambá-ARG R²-fedor-ARG
 ['mu:qʊʋə ja:'qẽ:ŋɛ]
 'o gambá tem fedor'
 avv(t)20130804a_as (6)_00:03:15.229

(403) maniok-a i-pilik-a
 mandioca-ARG R²-casca-ARG
 [,mẽ:ni'ɔqə i'pi:liqə]
 'a casca de mandioca'
 avv(t)20130912a_as (2)_00:00:35.919

Em Av.C-T, assim como na língua Tupinambá (cf. RODRIGUES, 1981, 1996, 2001a), quando o caso argumentativo não é utilizado em temas nominais, estes funcionam ou como predicados de base nominal (exemplos (404) a (413) abaixo) ou vocativos (exemplos (414) a (416) abaixo).

Orações existenciais e possessivas

(404) awa-∅ l-emet-a-kaŋ
 gente-ARG R¹-?-redondo-osso
 [a:'wa:ʎi me't'a:qʰɛŋ]
 'é osso da bacia de gente'
 avv(t)20131028a_as (56)_00:00:43.641

- (405) awa- \emptyset \emptyset -pina-kan
 gente-ARG R¹-coluna.vertebral
 [a,wa: pĩ'na:qẽŋ]
 'é coluna vertebral de gente'
 avv(t)20131028a_as (56)_00:01:07.127
- (406) janu- \emptyset \emptyset -kiaw
 aranha-ARG R¹-rede/teia
 [,nẽno'q'hi:aw]
 'é teia de aranha'
 avv(t)20131028a_as (62)_00:00:03.080
- (407) awã- \emptyset \emptyset -kam
 gente-ARG R¹-peito
 [,ʕẽ'wã: 'q'ẽm]
 'é peito de gente'
 avv(t)20131028a_as (40)_00:00:05.172
- (408) aʔakali- \emptyset ʔ-o a
 galinha-ARG R¹-carne DÊIT
 [a:ʔẽ'qa:ʔi 'ɔ 'ʔa:]
 'essa é carne de galinha'
 avv(t)20131028a_as (69)_00:00:13.963
- (409) awa- \emptyset l-ea
 gente-ARG R¹-olho
 [,a:wẽ 'ʔɛɛ]
 'é olho de gente'
 avv(t)20131028a_as (82)_00:00:08.470
- (410) tʃi \emptyset -po- \emptyset \emptyset -ai-te
 l=R¹-mão-ARG R²-dor-GEN
 [,tʃi'pa:ite:]
 '(ai) a minha mão tem muita dor'
 avv(t)20130913-17a_as (203)_00:02:00.872
- (411) ok-a i-jia-te
 casa-ARG R²-ser.alto-GEN
 ['o:qɛ ,i:zi'a'tʰɛ]
 'a casa é alta' (em referência à uma Igreja vista em imagem de livro)
 avv(t)20131028a_as (37)_00:00:04.011
- (412) jatit-a i-ajape
 caracol-ARG R²-casca
 [,dʒa:'ti:zi'e'ʔa:pɛ]

'é casca de caracol'
avv(t)20131028a_as (66)_00:00:18.568

- (413) i-akaiŋ
R²-fedor
[i:aq^hãj]
'é fedorento'
avv(t)20130804a_as (6)_00:03:13.999

Vocativo

- (414) matfa na ne Ø-ai-te-j tō
Matfa NEG 2=R¹-ter.dor-GEN-NEG FOC
[ma:tʃɪ na ,n^hai'te: tʃõ]
'Matfa, você não está sentindo dor?'
avv(t)20131029a_as (4)_00:00:47.574

- (415) Ariel n ele-u-j pana mae
Ariel NEG 2-comer-NEG FRUST coisa
[ari'ɛ:w ,ne:le'u:j 'pẽnɐ 'ma:j]
'Ariel, você não tem comido nada'
avv(t)20140707_as (1)_00:02:29.164

- (416) tʃi Ø-milaj
I R¹-neta
[,tʃi:mi'ða:j]
'minha neta! (Matfa falando para Niwatima)'
avv(t)20130329a_as (6)_00:01:49.252

Mesmo com o caso argumentativo ainda produtivo, os contextos fonéticos em que *-a* se expressa, em Av.C-T, estão se reduzindo por conta de alguns temas terminados em consoantes serem reinterpretados como terminados por vogais. Conforme visto na seção **1.2.9 Inserção vocálica**, ocorre em Av.C-T a inserção de (a) [ə], [ɐ] ou [i] ao final de temas terminados pelas consoantes nasais /m/ e /n/ e consoantes não anteriores, como /k/ e /ʃ/; e (b) [ə], [e] ou [i] diante de temas terminados em /l/. Com isso, além de não ocorrer diante de vogais e de /w/, *-a* concorre com a inserção de vogais ao final de temas terminados por consoantes nasais e não-antérieures. Conforme também ocorre em outras línguas Tupí-Guaraní, o morfema *-a* em Av.C-T pode sofrer elipse diante de palavra iniciada por vogal (exemplos (392) e (393)), assim como temas terminados por vogal a perdem diante de constituintes iniciados por vogais (cf. BORGES, 2006, p.96-97), conforme explicado em **1.2.8 Fusão e elipse de vogais**.

Quanto às mudanças ocorridas em línguas Tupí-Guaraní em relação ao morfema *-a*, de caso argumentativo, já foi proposto que a queda ou o enfraquecimento deste estaria

relacionado à perda das consoantes finais da língua, como ocorreu com as línguas como o Wayampí, Guaraní Paraguaio e Guaraní antigo (cf. CABRAL, 2001b). No entanto, Cabral (*op. cit.*) observa que o Suruí do Tocantins (pertencente ao mesmo subramo que o Av.C-T – subramo IV), mesmo mantendo consoantes finais, passou a enfraquecer o uso do morfema *-a*. Monserrat (1985 *apud* CABRAL, *op. cit.*) comenta que os Suruí mais velhos mantêm o uso de *-a* tanto em temas terminados por consoante como por vogais, à exceção dos temas terminados pela vogal final /a/, contexto em que esse sufixo seria -∅. Entretanto, os mais novos não estariam utilizando *-a* após vogais e aproximantes (exemplos em (417)) e estariam fazendo o uso de um glide vocálico [ə] em flutuação com [a] em temas terminados por sons não-vocálicos (exemplos em (418)) ou diante de /r/, contexto em que é mais frequente (exemplos em (419)); ou ainda utilizando este glide para formas que, historicamente, não poderiam ter *-a* (exemplos em (420)). Reproduzimos abaixo os exemplos de Monserrat (1985 *apud* CABRAL, *op. cit.*), com nossa numeração.

- | | | |
|-----------|-------------------------------|--------------|
| (417) (a) | tatupéw | ‘tatu-peba’ |
| (b) | moj | ‘cobra’ |
| (c) | sapuhú | ‘xexéu |
| (d) | sakaré | ‘jacaré’ |
| | | |
| (418) (a) | wainóm ~ wainómə | ‘beija flor’ |
| (b) | tukán ~ tukánə | ‘tucano’ |
| (c) | wyratíə ~ wyratíŋə | ‘garça’ |
| (d) | óγ ~ óγə | ‘casa’ |
| | | |
| (419) (a) | sawár ~ sawárə ~ sawára | ‘onça’ |
| (b) | wyraʔýr ~ wyraʔýrə ~ wyraʔýra | ‘galinha’ |
| | | |
| (420) (a) | uʔárə | ‘caiu’ |
| (b) | upáwə | ‘acabou’ |
| (c) | mémə | ‘fedido’ |
| (d) | aesáyə | ‘vi’ |

Segundo Cabral (*op. cit.*), essa mudança diageracional do sufixo de caso argumentativo em Suruí sugere que “alguma mudança relativa às possibilidades predicativas e argumentais de nomes, descritivos e verbos esteja em processo nessa língua”, sendo que “a perda do morfema *-a* pode ocorrer através de duas ou três gerações”.

A mudança ocorrida em Suruí do Tocantins é esclarecedora quanto à expressão do sufixo de caso argumentativo *-a* em Av.C-T. De forma semelhante ao Suruí, o Av.C-T faz uso da inserção de sons vocálicos após temas terminados por consoantes, sendo que estes podem

passar por um processo de reinterpretação de sua forma ao longo das próximas gerações, ao incluírem-se essas vogais como forma da raiz desses temas.

Quanto ao contexto Suruí mais frequente para a inserção do glide sonoro [ə], isto é, após /r/, é interessante notar também que os fonemas /ʁ/ e /l/ do Av.C-T, de forma geral, vieram de um proto */r/ do PTG, assim como o fonema /r/ do Suruí. Muito provavelmente a inserção de vogais esteja associada à manutenção dessas consoantes, sobretudo no Av.C, uma vez que o acento se deslocou para a sílaba à esquerda do acento em PTG. Em outras línguas do subramo IV, como o Asuriní do Tocantins, alguns processos morfofonêmicos mantêm a realização de consoantes finais e em fronteira de morfema:

- 1) /w/, /r/ e /k/ mudam respectivamente em /m/, /n/, /ŋ/ diante de silêncio (-ów ‘pai’ → -óm, -poʔír ‘colar’ → -poʔín, -kotók ‘picar’ → -kotón).
- 2) /k/ muda também em /ŋ/ em fronteira de morfema diante de sufixos flexionais (e- ‘2sg.’+ -apík ‘sentar-se’+ -eme ‘proibitivo’ → e-apíŋ-eme ‘não te senta!’) e derivacionais (-apík + -eté ‘intensificador’ → -apíŋeté ‘sentar-se bem’), exceto diante do sufixo de gerúndio (-apík + -a ‘gerúndio’ → -apíka ‘sentando-se’) e os sufixos nominalizadores de agente e de circunstância (-apík- + -áw ‘nom’ + -a ‘arg’ → -apíkáwa ‘lugar de se sentar’).
- 3) /w/ e /r/ mudam respectivamente em /p/ e /t/ em fronteira de morfema diante do sufixo do gerúndio e dos nominalizadores de agente e de circunstância (-ʔár ‘cair’ + -a ‘gerúndio’ → -ʔáta ‘caindo’). (CABRAL et al., 2012, p.27)

Cabral (2001), comenta ainda que “as línguas que não apresentam reflexos do PTG *-a possuem a particularidade de terem também perdido o sufixo de ‘mesmo sujeito I’, e a maioria delas perdeu também consoantes finais”. No caso do Av.C-T, o sufixo de gerúndio passou a ter, por conta da mudança de acento, um alomorfe -∅ tanto diante de vogais quanto de consoantes (*vide* **2.2.4 Gerúndio**), o que pode indicar uma mudança em curso.

A partir do exposto, a mudança nos contextos de expressão do morfema -a de caso argumentativo está relacionada a diminuição dos contextos fonéticos de sua realização. Como estratégia para a conservação de suas consoantes finais, por conta da mudança de acento, em temas terminados por vogal nasal ou consoante não-anterior como /ʁ/ e /l/, houve a inclusão de sons vocálicos nesta língua. Esse fato faz com que os contextos de ocorrência diminuam, o que pode acarretar, ao longo das próximas gerações ou da geração dos mais jovens, a perda desse morfema na língua (cf. BORGES, 2006, p.118-119).

2.4.2. CASOS DE NATUREZA ADVERBIAL

Até o presente, somente fora descrito um sufixo de caso locativo para o Av.C-T, -pe. (cf. BORGES, 2006). Segundo Borges (*op.cit.*, p.124-125), esse sufixo possui as formas: [-p], após vogais (exemplo (399a)); [-pe], após vogais ou consoantes (exemplos (399b), (402a)

(421) a (426) abaixo), *-iw* diante de consoantes (exemplos (427) e (428) abaixo), e *-m* diante de vogais nasais (exemplo (401a) acima, de Borges (2006, p.124)).

(421) pe-pe tō mail-a awa-∅ ∅-apiti
 DÊIT-LOC FOC Branco pessoa-ARG R¹-matar
 ['pe:pe 'tō 'mai:ʒəwa:'pitʃi]
 'há tempos/lá longe Branco matou muita gente, lá longe, aqui não'
 avv(t)20130329a_as (6)_00:00:39.528

(422) ae tō i-ko pe-pe
 DÊIT FOC R²-estar.em.movimento DÊIT-LOC
 [a:e'tō: i,kupe: pe]
 elas (as mulheres) ficam (na casa/para trás)
 avv(t)20120430a_as (8)_00:03:58.745

(423) ka-pe
 mato-LOC.pont
 ['ka:pe]
 'no mato' (foi pedido "mato")
 avv(t)20140714_as (9)_00:00:52.298

(424) t a-mo kwa-pe
 PROP 1-dar DÊIT-LOC
 [,tã:mo 'q^wa:pe]
 'vou te dar aquele lá (a flauta)'
 avv(t)20140719_as (15)_00:00:16.136

(425) walew-∅ i-jioka-pe
 guariba-ARG R²-boca-LOC
 ['wa:li:,dzi:ɔqə'pɛ]
 '(segurando) na boca do guariba'
 avv(t)20130913-17a_as (69)_00:00:17.326

(426) tʃi ∅-api-w a-j-opik
 1=R¹-orelha-LOC 1-REFL-segurar
 [,tʃa:pɛ,ɤ^waɔ'piqɔ:]
 'eu estou segurando na orelha'
 avv(t)20130913-17a_as (69)_00:00:25.756

(427) itu-∅ o-ike ∅-ok-iw na
 vento-ARG 3-entrar R²-casa-LOC DÊIT
 ['u:tɔ ,oj'kɛ ɔ:'kiw nɛ]
 'o vento entrou na casa dela (alí)'
 avv(t)20130918a_ac (9)_00:00:21.110

- (428) amin Ø-ok-iw aj
 chuva R²-casa-LOC DÊIT
 ['a:mĩne 'ɔqew 'a:ɪ]
 'existe chuva na casa, esta (que está perto de nós) (está molhada por dentro)'
 avv(t)20140212t_as (1)

2.4.2.2. Sufixo de caso locativo difuso

O caso locativo difuso, em Av.C-T, apresenta as formas *-i* diante de consoantes (exemplo (429)) e *-iw* ou *-w* diante de vogais (exemplos (430) a (433)).

- (429) koj-a koem-i tō
 DÊIT-ARG manhã-LOC FOC
 ['qo:zə qo'ẽ:mitō]
 'pela (próxima) manhã (i.e., amanhã, Maria chega)'
 avv(t)20131029a_as (4)_00:00:28.210

- (430) piaji-iw
 noite/escuro-LOC
 [,pi:a'dzi:w]
 'pela a noite'
 avv(t)20140717_as (3)_00:18:57.348

- (431) t a-a ta we-ata-w piaji-w
 PROP 1-ir PROJ 1CORR-caminhar-GER madrugada-LOC
 ['t'a:tə ,b^wea:'tə ,p^hi'a:dziʊ]
 'vou (ir) caminhar de madrugada (de manhã bem cedo)'
 avv(t)20120430a_as (9)_00:00:34.068

- (432) ukũ-momew Maria t o-mo te remédio
 13-contar Maria PROP 3-dar INTENC remédio
 [,u:gõmõ'me:w ,ma:'ri:ɐ ,to:'mɔ:te ʎe'mɛ:dʒ^hjɔ]

- Pãtjio n o-kij-i tō piaji-iw
 Pãtjio NEG 3-dormir/morrer-NEG FOC noite/escuro-LOC
 [,pẽ:'tjio: ,nɔ:'ki'tjõ: ,pia:'dziə]

'nós falamos (então, para a) Maria, que era para ela ter dado o remédio (de febre para ele). Pãtjio, ele não dormiu/morreu durante a noite (pois Parazinho ficou acordado, cuidando)
 avv(t)20140717_as (3)_00:19:42.465

- (433) ka-w o-jo-w tuku-a
 mato-LOC 3-ir-IND.II grilo-ARG
 ['qa:o'zə:w 'tu:q^hɔkɐ]
 'pelo mato, elas (as galinhas) vão (para comer) grilo'
 avv(t)20140521_as (34)_00:02:21.424

2.4.2.3. Sufixo de caso locativo situacional

O caso locativo situacional indica, conforme Rodrigues (2000a), “situação em referência a uma parte de um todo (como ‘veio nos meus calcanhares’ ou ‘está em baixo do banco’)”. O Av.C-T possui a forma *-i*, diante de consoantes (exemplo (434) abaixo) e *-j* diante de vogais (exemplos (435) e (436) abaixo).

- (434) w-εκ-a awa-akãŋ-i
 3-C.C.-ir gente-cabeça-LOC
 [we'εε ,ðε:'qʰεε]
 'leva (o chapéu) na cabeça (de gente)'
 avv(t)20131028a_as (39)_00:00:07.870
- (435) ae tʃĩ l-εpuκu-∅ a-ε-a tʃĩ ∅-ai-j
 DÊIT 1=R¹-mochila/bolsa-ARG 1-C.C.-ir 1-C.C.-ir 1=R¹-costas-LOC
 [,a:'e: ,tʃile'pu:κo ,ava:'tʃ'a:j]
 aí, a minha bolsa (pochete do pesquisador) eu levo na minha cabeça'
 avv(t)20140521_as (35)_00:00:22.769
- (436) ka-kiε-a o-o ∅-ai-j
 folha-verde-ARG 3-ir R²-costas-LOC
 ['qa:qiεʔ ,o: 'a:j]
 '(a) folha vai na cabeça dela (da formiga)'
 avv(t)20140522_as (30)_00:00:14.342

2.4.2.4. Sufixo de caso translativo

Segundo Rodrigues (2000a), o caso translativo, além de marcar o estado atingido por um processo (como em ‘a mulher virou *anta*’ ou ‘desse pano eu fiz *uma saia*’), marca também os complementos predicativos (como em ‘meu tio é *o chefe*’ ou ‘nós o escolhemos *como/para chefe*’). Até o presente não dispomos de dados suficientes para uma explicação exaustiva dos contextos de uso do caso translativo. Em nossos dados, além da forma *-κamo* (exemplo (437)) encontramos também *-u* (exemplo (438)).

- (437) Pâtjio e-u-me meki-κamo eli-mano
 Pâtjio 2-comer-PROIB veneno-TRANSL 2-morrer
 [,pẽ:'tʃjo: ,e:w'mēmiki'γãmo ,e:l'mãno]
 'Pâtjio, não coma (esta planta na qualidade de) veneno, você morre'
 avv(t)20140707_as (2)_00:04:00.735
- (438) ew-a ∅-puam-u
 DÊIT-ARG R²-em.pé-TRANSL
 [,ε:wa'pũ:ẽmõ]
 'este, na qualidade de estando deitado'
 avv(t)20121015a_as (49)_00:00:17.534

2.5. Flexão Relacional

2.5.1. FLEXÃO RELACIONAL NA FAMÍLIA TUPI-GUARANÍ⁴⁰

Rodrigues (2010 [1981], p.12), com base em dados do Tupinambá, considera que os prefixos relacionais fazem ou “referência ao contexto gramatical” – prefixos 11, 14 e 15 –, ou “referência ao contexto pragmático” – prefixo 18. Para o autor, o prefixo 11, *o-*, sinaliza que o “determinante de um nome (Dn) é idêntico ao sujeito (S) (que não é o falante nem o ouvinte): Dn = S”; o prefixo 14, (*s- ~ yos-*) ∞ *t-* ∞ (*i- ~ yo-*) ∞ ∅, que “o determinante é diferente do sujeito e distinto do falante e do ouvinte: D ≠ S”; o prefixo 15, *r-* ∞ ∅-, que “o determinante é a locução nominal contígua (imediatamente precedente): D = C”; e, finalmente, o prefixo 18, *t-* ∞ *m-* ∞ ∅- (*V- → ∅*), que “o determinante é ser humano indefinido: D = H”. Apresentamos abaixo o quadro de Rodrigues (*op. cit.*, p.17-18) acerca da distribuição dos alomorfes dos referidos prefixos,:

Quadro 18 - Prefixos relacionais em Tupinambá (RODRIGUES, 2010 [1981],p.17-18)

	14	15	18	Exemplos
Ia	<i>i-</i>	∅-	∅-	<i>akáŋ</i> ‘cabeça’, <i>ʔáβ</i> ‘cabelo’, <i>kó</i> ‘roça’, <i>sí</i> ‘mãe’, <i>taté</i> ‘desviando-se de’, <i>sém</i> ‘sair’, <i>kér</i> ‘dormir’
Ib	<i>i-</i>	∅-	<i>m-</i>	<i>pó</i> ‘mão’, <i>pír</i> ‘pele’, <i>posáŋ</i> ‘remédio’, <i>poraséy</i> ‘dançar’, <i>pitá</i> ‘ficar’
IIa	<i>s-</i>	<i>r-</i>	<i>t-</i>	<i>esá</i> ‘olho’, <i>oβá</i> ‘rosto’, <i>asém</i> ‘gritar’, <i>enoné</i> ‘diante de’, <i>ekó</i> ‘estar em movimento’, <i>eʔō</i> ‘morrer’
IIb	<i>t-</i>	<i>r-</i>	<i>t-</i>	<i>úβ</i> ‘pai’, <i>aʔir</i> ‘filho (em rel. ao pai)’, <i>iβír</i> ‘irmão mais moço’, <i>úr</i> ‘vir’, <i>úβ</i> ‘estar deitado’, <i>ár</i> ‘tomar’
IIc	<i>s-</i>	<i>r-</i>	∅-	<i>ók</i> ‘casa’, <i>uʔúβ</i> ‘flecha’
IId	<i>s-</i>	<i>r-</i>	(<i>V- → ∅</i>)	<i>apé</i> ‘caminho’, <i>ekúy</i> ‘cuia’, <i>epanakū</i> ‘cesto’, <i>epotí</i> ‘defecar’, <i>epinō</i> ‘peidar’
III	--			<i>arár</i> ‘arara’, <i>ayurú</i> ‘papagaio’, <i>tapiʔir</i> ‘anta’, <i>arasá</i> ‘araçá’, <i>iβák</i> ‘céu’, <i>kwár</i> ‘sol’

Para Rodrigues (1996, p.58-60), os prefixos relacionais em Tupinambá dividem nomes, verbos e posições em duas classes, segundo a distribuição dos alomorfes do prefixo relacional de contiguidade, e marcam a dependência de um determinante (ou nome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática, isto é, assinalam contiguidade ou não contiguidade sintática do determinante.

⁴⁰ O aprofundamento da descrição do funcionamento da flexão relacional em Av.C-T foi objeto do trabalho “Flexão relacional em Avá-Canoeiro: uma perspectiva diageracional” (SILVA, 2013), apresentado no IV Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupí, realizado em dez./2013, UNIR, Ji-Paraná/RO.

	CONT	NCONT
I	∅-	i-
II	r-	s- ∞ t-

Para o autor, os prefixos relacionais sinalizam também quando o “determinante é idêntico ao sujeito da oração principal”, *o*, prefixo chamado posteriormente de “correferencial”, e quando “não há determinante expresso sintaticamente”, sinalizando a “relação de dependência com seres humanos em geral”, chamados posteriormente de “genérico humano”. Abaixo, apresentamos o quadro do autor para os referidos prefixos:

	GEN. HUM.		CORR
I	m- ~ ∅-	I	o-
II	t- ∞ V ₋ → ∅	II	o-

Cabral (2000) sintetiza a explicação de Rodrigues para os prefixos relacionais, explicando que são utilizados quando: (i) [NOM^{R1}-NÚCLEO], o determinante está imediatamente à esquerda do núcleo, formando uma unidade sintática; (ii) (NOM) [R²-NUCLEO] (NOM), o determinante se localiza fora do sintagma verbal; (iii) [R³-NÚCLEO], o determinante do núcleo é correferente com o sujeito da oração principal; e (iv) [R⁴-NÚCLEO], o determinante do núcleo é genérico e humano.

Segundo Cabral (2000, p.245), nas línguas Tupí-Guaraní os núcleos de predicados flexionados por prefixos relacionais apresentam um padrão de alinhamento absolutivo, sinalizando, em predicados intransitivos, a (não)-contiguidade do seu sujeito; e em predicados transitivos, a do seu objeto. Para a autora (*op. cit.*), o uso das construções relacionais ocorre nos seguintes contextos:

- (i) O núcleo do predicado é um nome possúvel;
- (ii) O núcleo do predicado é um verbo não-processual (verbo descritivo);
- (iii) No modo Indicativo I, ou o paciente é de primeira ou de segunda pessoa e o Agente é uma terceira pessoa, ou o Agente é de segunda pessoa e o Paciente de primeira;
- (iv) Uma oração é precedida por uma oração circunstancial [modo indicativo II];
- (v) Uma oração tem função adverbial;

Para a autora (*op. cit.*), os quatro prefixos relacionais são reconstruíveis para o proto-Tupí-Guaraní, o que reforça ainda mais o fato de formarem um único paradigma.

Apresentamos abaixo o quadro da autora, que evidencia as línguas da família Tupí-Guaraní que apresentam os quatro prefixos relacionais:

Quadro 19 - Prefixos Relacionais em PTG (CABRAL, 2000)

		1	2	3	4	Temas	Línguas
Classe I	a)	∅-	i- ~ jo-	o-	∅-	boca; cabeça; ter.comprimento; para; sair; dormir; bater; amarrar	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; Tm; Gj; Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Jo; Em; Wj; Kp
	b)	∅-	i-	o-	m-	mão; pé; dançar; ficar	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Tp; Tm; Gj; As-X; Km; Jo; Em; Wj;
Classe II	a)	r- ~ n-	ts- ~ jots-	o-	t-	olho; rosto; ser.alegre; ser.azedo; diante.de; estar.em movimento; ver	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; Tm; T-Gj; Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Jo; Em; Wj
	b)	r- ~ n-	t-	o-	t-	pai; filho (em rel. a pai); vir	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; Tm; Gj; Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Jo; Em; Wj
	c)	r- ~ n-	ts- ~ jots-	o-	t-	ser.ardido; lavar	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; T-Tm; Gj; Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Jo; Em; Wj
	d)	r- ~ n-	ts-	o-	v → ∅-	caminho; defecar; cuia; emitir.gases	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; Tm; Gj; Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Jo; Em; Wj
	e)	r- ~ n-	ts-	o-	ʔ-	casa; flecha	Tb; GA, Ch; Mb; Kw; Gu; Sr; As-T; Pr; Tp; Tm; Gj; Pt; Kj; Ar; As-X; Km; Wj

Segundo Cabral (*op. cit.*), os quatro prefixos teriam sido interpretados por alguns autores como não pertencendo a um único paradigma, como por exemplo, os prefixos 1 e 2 terem sido chamados de *linker* e de marca de terceira pessoa (JENSEN, 1997 e 1998; PAYNE, 1994); o prefixo 1 ter sido analisado como marca de objeto (DOBSON, 1988; NICHOLSON, 1976a e 1976b); e o prefixo 2 ser analisado “ora (...) como marca de posse, ora como terceira pessoa sujeito, ora como terceira pessoa objeto”. Sobre esse fato, Cabral (1997) comenta que a “análise do relacional 2 como uma marca pessoal integrando um paradigma de pronomes independentes é problemática, pois viola princípios de análise linguística e nega o comportamento de mútua exclusividade dos prefixos”.

Nesse sentido, Cabral (2000) reitera o comentário de Corrêa da Silva (1997, p.29 *apud* CABRAL, 2000) acerca de Kakumasu (1986, p.336 *apud* CABRAL, 2000) analisar os

prefixos relacionais em Ka'apor ora como prefixos pessoais em verbos transitivos, ora como pronomes possessivos. Jensen (1997 e 1998), em um viés semelhante, incluiria o prefixo relacional 2 como pertencente ao paradigma de marcas pessoais independentes reconstruídas para o PTG – čé (r) ‘1sg’; oré (r) ‘1 excl.’; jané (r) ‘1 incl’; né (r) ‘2sg.’; pé (r) ‘2pl’; i- ~ ts- ~ t- ‘3’ (Jensen, 1997).

Em relação ao prefixo relacional 4, Cabral (*op. cit.*) reforça o fato de serem “poucos os linguistas que o têm identificado como elemento morfológico”. Quanto ao prefixo relacional 2, Cabral (*op. cit.*) comenta que seu uso junto a nominalizações, sobretudo a nominalização de paciente, não pode ser interpretada como uma marca pessoal, “mas como uma marca que relaciona um núcleo ao seu determinante (alguém ou alguma coisa), o que permite que estruturas com esse relacional funcionem como predicado de orações com sujeito de primeira ou de segunda pessoa”. Abaixo reproduzimos alguns exemplos oferecidos pela autora (*op. cit.*) mantendo a numeração original, seguidos de exemplos da língua Kamaiurá⁴¹ (CABRAL et al., 2014, sem numeração):

- Kj (19) i-tým-ipy-r-ér-a
R2-enterrar-NOM-EX-ARG
‘o plantado’ (DOBSON, 1997:108)
- Tb (20) bój-a i-juka-pýr-a
cobra-ARG R2-matar-NOM-ARG
‘a cobra foi a morta’ (FIGUEIRA, 1878:8)
- GA (21) h-ayhúβ-ipy-rér-a čé
R2-amar-NOM-EX-ARG1
‘eu sou (o) amado’ (RESTIVO, 1892:158)
- Km ije i-karaĵ-pir-ét
1 R2-arranhar-NOM.PAC.-PASS.NOM.
“Eu, o que foi arranhado” (KAMAIURÁ, 2013)
- ije i-karaĵ-pir-ám
1 R2-arranhar-NOM.PAC.-FUT.NOM.
“Eu, o que estará na qualidade de arranhado” (KAMAIURÁ, 2013)

⁴¹ Esses dados foram trabalhados na ocasião em que o professor Paltú Kamaiurá – doutorando em linguística pelo PPGL/UnB e membro do LALLI/UnB – elucidou questões sobre o uso do R² em sua língua (dez./2013)

ije i-kitsikitsi-pir-ét
 1 R²-REDUP-cortar-NOM.PAC.-PASS.NOM.
 “Eu, o que foi cortado (repetidamente)” (KAMAIURÁ, 2013)

A partir dessas questões, Cabral (2000) conclui que:

A flexão relacional encontrada nas línguas Tupí-Guaraní constitui, portanto, uma estratégia para licenciar, na sintaxe, o que no léxico é relativo, ou seja, o que está fadado a ser relacionado a um determinante. Contrariamente aos elementos lexicais relativos, os elementos não-relativos (absolutos) são livres para operarem na sintaxe, porém não como elemento dependente.

2.5.2. FLEXÃO RELACIONAL EM AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS

Borges (2006, p.112-116) descreveu a expressão de prefixos relacionais em ambas as variedades diatópicas da língua Avá-Canoeiro. Para a autora (*op. cit.*, p.112), a língua Avá-Canoeiro possui os prefixos relacionais *r-* e *i-*, os quais marcariam, em nomes possuíveis, a relação entre o possuidor e o nome possuído. Segundo a autora, a análise de Seki (2000) para a língua Kamaiurá seria a que mais se aplicaria à língua Avá-Canoeiro, pois “privilegia a função anafórica dos elementos”. Os prefixos relacionais indicariam então tanto a relação entre um nome possuído e seu possuidor quanto entre verbos intransitivos e transitivos e seus argumentos, e ainda entre posposições e seus complementos.

Com isso, descreve a existência de dois prefixos relacionais, análogos aos prefixos relacionais 1 e 2 do Tupinambá. O primeiro {*r-*}, possui os alomorfes /*r-*/ e /*ʁ-*/⁴² diante de vogais e /*∅-*/ diante de consoantes, ocorreria em construções genitivas, marcando o possuidor de nomes inalienavelmente possuíveis indicando que “o nome possui um elemento dependente, que o precede” (*op. cit.*, p.113). Poderia operar na relação entre um nome e um pronome clítico ou entre um nome e um SN.

O prefixo relacional {*i-*}, para a autora (*op. cit.*, p. 115-116), possuiria um único alomorfe /*i-*/, e se expressaria tanto antes de vogais quanto de consoantes, possuindo três funções básicas. Marcaria “o possuidor de uma terceira pessoa específica e definida, que havia sido mencionada antes na fala ou que se pode recuperar pelo contexto”; indicaria “um sujeito de terceira pessoa de verbos intransitivos descritivos (So), funcionando como um pronome de terceira pessoa”; ou ainda marcaria o objeto de uma posposição. Reproduzimos abaixo o quadro dos prefixos relacionais e seus alomorfes, bem como alguns dos exemplos de Borges (*op. cit.*).

Quadro 20 - Prefixos relacionais e seus alomorfes (BORGES, 2006, p.116)

⁴² Borges (2006, p.114) considera que, por conta do alomorfe /*ʁ-*/ não ocorrer onde o alomorfe /*r-*/ ocorre, mas este último podendo ocorrer onde /*ʁ-*/ ocorre, estes estariam em flutuação na língua.

{r-} (alomorfes/ r- ~ ʁ- ~ Ø-/: possuidor expresso por meio de sintagma nominal ou pronome clítico)			
1. akaŋ ‘cabeça’	tajau-Ø porco-do-mato-cn [tʰa'ʒaw]	r-akaŋ rel-cabeça ra'kʰǎŋ]	‘cabeça do porco-do mato’
2. apitum ‘miolos’	tʃi=r-apitum-a 1poss=rel-miolo-cn [.tʃiɾapi'thũmə]		‘meus miolos’
3. ǎj ‘dente’	kurum-Ø menino-cn [kʰu'rũmə]	ʁ-ǎj rel-dente 'ʁǎj]	‘dente do menino’
4. nami ‘orelha’	ni=Ø-nami-Ø 2poss=rel-orelha-cn [ni'nǎmi]		‘tua orelha’

{i-}: 3ª pessoa especificada e definida, anteriormente mencionada			
1. akaŋ ‘cabeça’	i-akaŋ-Ø 3-cabeça-CN ['jakǎŋ]		‘cabeça dele’
2. apitum ‘miolos’	i-apitum-Ø 3-miolo-CN [.japi'thũmə]		‘miolos dele’
3. ǎj ‘dente’	i-ǎj-Ø 3-dente-CN ['jǎj]		‘dente dele’
4. nami ‘orelha’	i-nami-Ø 3-orelha-CN [i'nǎmi]		‘orelha dela’

Na língua Avá-Canoeiro do Tocantins, assim como em Tupinambá (cf. RODRIGUES, 1996, p.58-60), observamos, a partir de novos dados, que os prefixos relacionais são utilizados tanto, para assinalar a contiguidade (R¹) ou não contiguidade (R²) sintática dos elementos determinados, marcando assim a dependência de um determinante ao núcleo de uma construção sintática, quanto para assinalar que o sujeito ou objeto de uma oração dependente é correferente com o sujeito da oração principal (R³), e para, no caso de não haver um determinante sintaticamente expresso, assinalar dependência aos seres humanos em geral (R⁴).

Quanto ao prefixo relacional 3, somente foi possível até o presente trabalha-lo junto ao modo gerúndio (vide **2.2.4 Gerúndio**), o que fez com que resumíssemos a descrição nesta seção dos prefixos relacionais 1, 2 e 3. Ainda não foi possível analisar a distribuição desse

prefixo junto a nomes e posposições, bem como na sinalização de argumentos O em predicados no modo subjuntivo, como observado em outras línguas da família Tupí-Guaraní (cf. CABRAL et al., 2011).

O prefixo relacional 3, em línguas como o Tupinambá (cf. RODRIGUES 1981, 1996), sinaliza no núcleo de sintagmas nominais e posposicionais a identidade de seu referente com o sujeito da oração principal, enquanto os predicados de base verbal no modo gerúndio são marcados por um paradigma de prefixos relacionais correferenciais, reconstruídos para o PTG. Em línguas como o Zo'ê (cf. CABRAL 2007), pela não existência desse paradigma utilizado no modo gerúndio, é exclusivamente o prefixo relacional 3 que preenche as funções supracitadas para o Tupinambá. Em línguas como o Asuriní do Tocantins (cf. CABRAL, 1997 e 2010; CABRAL & RODRIGUES 2003; CABRAL et al., 2011), o paradigma de prefixos relacionais correferenciais expandiu sua distribuição, sinalizando no núcleo de sintagmas nominais e posposicionais a identidade de seu referente com o sujeito da oração principal, bem como a identidade do argumento em predicados de base verbal no modo gerúndio com o sujeito da oração principal.

Os sintagmas determinados por flexão relacional, em Av.C-T, seguem as seguintes construções sintáticas (cf. CABRAL, 2001a): (i) [NOM R¹-NÚCLEO] ; (ii) (NOM) [R²-NUCLEO] (NOM); (iii) [R³-NÚCLEO]; e (iv) [R⁴-NÚCLEO].

2.5.2.1. Os prefixos relacionais e seus alomorfes

Em Av.C-T, assim como observado por Cabral (2000) para as línguas da família Tupí-Guaraní, a flexão relacional se constitui de uma estratégia que diferencia no léxico o que é relativo ou absoluto, por meio dos prefixos relacionais (*vide* 2.1.1.1 A Categoria Nome). Com isso, ainda seguindo a autora (*op. cit.*), os elementos lexicais não relativos, ou absolutos, operam na sintaxe de forma livre, isto é, de forma não dependente, como é o caso do grupo semântico de elementos da natureza, astros, etc. Conforme visto na seção 2.1.1.1, nomes relativos são aqueles que recebem flexão relacional.

Apresentamos abaixo o quadro dos prefixos relacionais 1, 2 e 4 em Avá-Canoeiro do Tocantins, separados segundo a distribuição de seus alomorfes, seguidos de exemplos para cada classe, e, na sequência, descrevemos a função dos prefixos relacionais quanto à sinalização do determinante de verbos, nomes e posposições.

Quadro 21 - Flexão relacional no Av.C-T

		R ¹	R ²	R ⁴	
Classe I	a)	∅	i(j)-	∅	-men ‘marido’; -pupe ‘dentro’; -memiB ‘filho (ego feminino)’; -upe ‘para’; -voi ‘frio’;
	b)	∅	i-	(p→m)	-pokaw ‘arma’; -pitan ‘bebê, criança’; -poiB ‘colar’
Classe II	a)	l-	∅ ⁴³	∅	-etam ‘casa, aldeia’; -ea ‘olho’; -eni ‘luz’;
	b)	l-	t-	t-	-eB ‘nome’; -aiB ‘filho (ego masculino)’; -u ‘pai’
	c)	B-	∅	-- ⁴⁴	-ok ‘casa’; -akuté ‘muito calor’; -ape ‘caminho’
	d)	l-	∅	V ₋ → ∅	-emetaw ‘barba’; -eruku ‘bolsa, mochila’;
Classe III	sol, lua, céu, terra, chão, vento, arara, anta, mangaba				

2.5.2.1.1. Classe Ia

R ¹	R ²	R ⁴
∅	(ij-)	∅-

Prefixo relacional R¹

(439) tʃi ∅-pip-aw-a

1=R¹-pé-NOM.CIRC.-ARG

[.tʃi pi'pa:wɛ]

‘meu calçado (instrumento ou lugar do meu pé)’

avv(t)20120430a_as (10)_00:07:42.061

(440) ow-ik i-uku-w i-uku-∅ ∅-kupi

3-ir água-INTENS-LOC água-INTENS-ARG R¹-POSP(PERLAT)[ɔ:'wiβi i:w'ko: i:wβo'βup^h]

‘ele vai no rio cheio, pelo rio cheio’

avv(t)20131025a_as (7)_00:03:29.386

(441) a-juka ita-∅ ∅-po

1-matar pedra-ARG R¹-POSP(INSTRUM)

[.a:'zu: qi:'ta:po]

‘eu matei (a cobra) com a pedra (do estilingue)’

avv(t)20131025a_as (7)_00:04:48.511

⁴³ Esse prefixo é descrito para outras línguas do subramo IV, da família Tupí-Guaraní, como por exemplo o Asuriní do Tocantins (cf. CABRAL, 1997, p.8), em que é h- (PTG *ts > s > h > ∅ (subramo IV)).

⁴⁴ Prefixo não encontrado até o momento.

- (442) ae Egipson e-κ-a ko κ-upi ne Ø-kiti-j tō
 DÊIT Egipson 2-C.C.-ir DÊIT=R¹-POSP(perlativo) 2=R¹-cortar-IND.II FOC
 [ae'zj:p^hi e'βa: ,q^ho 'β^hupi ,ne 'ki:tʃi 'tʃõ]
 'Egipson, ao levar (a faca) consigo nesta (banha), ela (a faca) não te corta'
 avv(t)20131030a_as (12)_00:00:20.143

Prefixo relacional R²

- (443) i-men-a
 R²-marido-ARG
 [i:'mẽ:nɐ]
 'marido de(la)'
 avv(t)20140711_as (2)_00:05:26.865
- (444) i-memix
 r2-filho(ego.feminino)
 [i:'mẽmiʃɐ]
 'é filho de(la)'
 avv(t)20131028a_as (63).eaf
- (445) pikau-a i-pep
 pombo R²-pena
 [pi'qaw ,i:pɛp̃]
 'é asa de pombo'
 avv(t)20130913-17a_as (16)_00:00:01.333
- (446) ij-uwowo
 R²-inchar
 [i:ʎo'β^wo:wɔ^wo]
 'é o (estar) inchado de(le)'
 avv(t)20130913-17a_as (169)_00:00:14.034
- (447) na il-uκu-j
 NEG R²-grande-NEG
 [naj'ʎu:ɔj]
 'não está tão grande, inchado (a punção do soro)'
 avv(t)20140217t_as (1)
- (448) ij-owan
 R²-curar/melhorar
 [i:'ʎo:wɛŋ]
 '(meu joelho) melhorou'
 avv(t)20130913-17a_as (169)_00:00:32.804

- (449) a-mo tō ij-upe
 1-dar FOC R²-POSP(DATIV)
 [ã'mo:to i'tʃupe]
 'eu dei (o giz) para ele (Pãtʃio)'
 avv(t)20140711_as (2)_00:04:26.334

Prefixo relacional R⁴

- (450) Ø-memir-a
 R⁴-filho (ego feminino)-ARG
 ['mēmæ:yə]
 'filho (de gente)'
 avv(t)20130530a_ac (3)

2.5.2.1.2. Classe Ib

R ¹	R ²	R ⁴
Ø	i-	(p→m)

Prefixo relacional R¹

- (451) mawam-a Ø-pokaj mae
 índio-ARG R¹-dançar/cantar coisa
 ['mʷaŋŋw̃ɕmɕ pʰɔ:'ʋa:j 'ma:ɛ]
 'qual (é esta) dança/canto de índio?'
 avv(t)20131029a_as (18)_00:00:41.356
- (452) tʃi Ø-po
 1=R¹-dedo/mão
 [tʃi:'pɔ:]
 'meu dedo'
 avv(t)20131028a_as (55)_00:02:29.860
- (453) ne tō ni Ø-puma-ku ni Ø-memik pana
 2 FOC 2=R¹-barriga.cheia-INTENS 2=R¹-ter.filho FRUST
 [ne:'tō ni:'puma:ɣɔ ni'mĩ:mɛyɛ pẽ'na:]
 'você está grávida (barriga cheia, preenchida, inflada), tem filho (na barriga)'
 avv(t)20130530a_ac (1)_00:09:15.090
- (454) tʃi Ø-poiɕ-a
 1=R¹-?-ARG
 [tʃi'pɔ:iɕə]
 'meu colar'
 avv(t)20130913-17a_as (202)_00:06:18.114

Prefixo relacional R²

- (455) i-po
 R²-dedo/mão
 [ˈi:pə]
 ‘mão dele’
 avv(t)20131028a_as (55)_00:02:33.479
- (456) ae tō i-pumaɾ-u
 DÊIT FOC R²-barriga.cheia-INTENS
 [ˌa:eˈtõː ˌiˈpu:mɑɾu]
 ‘ela está com a barriga cheia mesmo, está grávida’
 avv(t)20140711_as (23)_00:15:40.253

Prefixo relacional R⁴

- (457) m-pok-aw-a
 R⁴-explodir-NOM-ARG
 [ˌmoːˈqʰawə]
 ‘a arma (instrumento de explodir, de gente)’
 avv(t)20121017a_as (4)
- (458) m-pitaŋ
 R⁴-criança/bebê
 [ˈmi:tẽŋɐ]
 ‘criança/bebê de gente’
 avv(t)20140711a_as (23)_00:12:23.193

2.5.2.1.3. Classe IIa

R ¹	R ²	R ⁴
l-	∅ ⁴⁵	∅-

Prefixo relacional R¹

- (459) awa-∅l-ea
 gente-ARG R¹-olho
 [ˌa:wəˈlɛɐ]
 ‘é olho de gente’
 avv(t)20131028a_as (82).eaf00:00:08.470

⁴⁵ Esse prefixo é descrito para outras línguas do subramo IV, da família Tupí-Guaraní, como por exemplo o Asuriní do Tocantins (cf. CABRAL, 1997, p.8), como expresso por meio de /h/. VER *j > h (subramo IV) > ∅ (em Av.C-T, e é tendência em AT, e outras)

- (460) tʃi l-etim-a
 l=R¹-perna
 [tʃi:l̥'fĩ:mə]
 'minha perna'
 avv(t)20131025a_as (7)_00:06:55.313

Prefixo relacional R²

- (461) Ø-ea-Ø
 R²-olho-ARG
 ['e:ɐ]
 'olho dele'
 avv(t)20131028a_as (82)_00:00:14.930
- (462) amaniju-a Ø-ain-a
 algodão-ARG R²-semente-ARG
 [a:'mɛdzə'sa:ĩnə]
 'semente de algodão'
 avv(t)20130913-17a_as (83)_00:00:28.883

- (463) n Ø-ai-j tō
 NEG R²-ter.dor-NEG FOC
 [na'i:tʃõŋ]
 'não tenho dor'
 avv(t)20131029a_as (16)_00:00:18.310

- (464) petiwã-Ø Ø-ata-tiŋ
 fumo-ARG R²-fogo-branco
 ['pe:tiwɐ ,a:'ta:tĩŋɐ]
 'é fumaça do cachimbo/fumo'
 avv(t)20140715_as (8)_00:01:24.390

Prefixo relacional R⁴

- (465) t-ata tō
 R⁴-fogo FOC
 [ta:te 'tõ:]
 'é (para fazer) fogo (de noite, ao esfriar)'
 avv(t)20140714_as (1)_00:00:19.401
- (466) t-ata-tiŋ-a
 R⁴-fogo-branco-ARG
 [ta'ta:tĩŋɐ]
 'fumaça (de fogo de gente)'
 avv(t)20140715_as (8)_00:03:20.022

2.5.2.1.4. Classe IIb

R ¹	R ²	R ⁴
l-	t-	t-

Prefixo relacional R¹

- (467) mo pa ne κ-u-a
 onde perg 2=R¹-pai
 ['mo:pə 'ne:ɣ^wɐ]
 'onde está teu pai?'
 avv(t)20140711_as (8)_00:06:13.941

Prefixo relacional R²

- (468) na t-uκu-j
 NEG r²-ser.grande-NEG
 [nɐ tu'βuj]
 'é pequenininho', lit.: 'não é grande'
 avv(t)20130913-17a_as (223)_00:00:17.367

- (469) ∅-nae-∅ na t-uκu-j t-aiκ
 R²-panela.de.barro-ARG NEG=R²-grande-NEG R²-filho(ego.masc.)
 ['na:j ,na:to'gu:j 'ta:iκɐ]
 'a panela não tem grandeza, é filhote'
 avv(t)20130913-17a_as (53)_00:00:43.563

Prefixo relacional R⁴

- (470) t-aiκ-a
 R⁴-filho(ego.masculino)-ARG
 ['t'a:i:βɐ]
 'filho (ego masculino) de gente'
 avv(t)20131028a_as (63)_00:00:26.990

2.5.2.1.5. Classe IIc

R ¹	R ²	R ⁴
κ-	∅	∅

Prefixo relacional R¹

- (471) tʃi κ-aku-te
 1 R¹-quente-GEN
 [tʃi'ga:qu'tɛ]
 'tenho muito calor'
 avv(t)20130912a_ac (1)

- (472) mae- \emptyset k-o
 animal/coisa-ARG R¹-carne
 [ma:ɛ 'ɔɔ:]
 'é carne de animal (de ema)'
 avv(t)20131028a_as (65)_00:00:11.126

Prefixo relacional R²

- (473) amin \emptyset -ok-iw aj
 chuva R²-casa-LOC DÊIT
 [a:mine 'ɔqɛw a:i]
 'existe chuva na casa, esta (que está perto de nós) (está molhada por dentro)'
 avv(t)20140212t_as (1)

- (474) \emptyset -ape
 R²-caminho-ARG
 [a:pɛ]
 'é caminho de (abelha)'
 avv(t)20130913-17a_as (5)_00:02:24.318

- (475) i- \emptyset \emptyset -aku-te
 água-ARG R²-quente-GEN
 [i: 'a:qɔ'tɛ:]
 'a água tem quentura de verdade'
 avv(t)20130913-17a_as (204)_00:00:17.804

2.5.2.1.6. Classe II_d

R ¹	R ²	R ⁴
l-	\emptyset	V ₋ → \emptyset -

Prefixo relacional R¹

- (476) tʃi l-epuɔu i-poi-te
 1 R¹-cesto/mochila R²-pesado-GEN
 [tʃi le'puɔu ,i:po:j'tʰɛ]
 'minha mala tem muito peso'
 avv(t)20130912a_as (5)
- (477) tʃi tō tʃi l-epuɔu- \emptyset a-itik
 1 FOC 1=R¹-bolsa/cesto-ARG 1-tirar
 [tʃi:'tō ,tʃile'pu:ɔu 'a,i:'tʰiqʰɔ]
 'eu tirei (joguei fora) meu cesto (de cotia)'
 avv(t)20130329a_as (7)_00:08:17.182

Prefixo relacional R²

(478) tʃi tō a-itik Ø-puku l-e
 1 FOC 1-tirar/arrancar R²-bolsa/cesto R¹-POSP
 [,tʃi: 'tō ,ʔa:i 'tiqʰə 'pʰu:ʔo dʒə]
 'eu tirei (a cotia) do cesto (jogando-a fora)'
 avv(t)20130329a_as (7)_00:06:46.114

(479) na Ø-emetak-a-j
 NEG R²-barba-ARG-NEG
 ['na ,e:me 'ta:gej]
 'não tem barba (a barba é pequenininha)'
 avv(t)20130913-17a_as (34)_00:00:10.528

Prefixo relacional R⁴

(480) Ø-metak-a
 R⁴-barba-ARG
 [,me: 'ta:ga:]
 '(barba de gente diz-se) *metaka*'
 avv(t)20130913-17a_as (34)_00:00:02.183

2.5.2.2. Funções dos prefixos relacionais

Os prefixos relacionais em Av.C-T, assim como em outras línguas da família Tupí-Guaraní, possuem a função de sinalizar o determinante de nomes relativos e predicados de base nominal; de objetos de verbos transitivos, respeitando-se a hierarquia de referência 1>2>3; do sujeito ou objeto no modo indicativo II; bem como o objeto de posições (cf. CABRAL, 2000). Apresentamos abaixo exemplos que ilustram a distribuição dos prefixos relacionais segundo essas funções.

2.5.2.2.1. Determinante de nomes relativos

(481) ni Ø-akaŋ-a
 2=R¹-cabeça-ARG
 ['na:kəŋə]
 'tua cabeça'
 avv(t)20130530a_ac (2)_00:03:43.355

(482) i-kwã-u
 R²-dedo-INTENS
 [,i: 'qʷẽw̃]
 'dedão do pé de(1e)'
 avv(t)20131028a_as (55)_00:02:41.820

(483) tʃi l-epuku-Ø i-poi-te
 1=R¹-mochila/saco/bolsa-ARG R²-ser.pesado-GEN

(490) kakun i-tot-i pe-pe
 tarde R²-vir-IND.II DÊIT-LOC
 ['ka:kõn i'to:t̥ 'pe:pe]
 'de tarde ele (Pãtjio) vem de lá'
 avv(t)20140711_as (6)_00:01:46.056

(491) ae t̥õ ow-eʁ-a-a i-tjõ-w a
 DÊIT FOC 3CORR-C.C.-ir-GER R²-puxar-IND.II DÊIT
 ['a:et̥õ ʊg^we'ga: i:'tjõ:wə]
 'ele, para levá-lo consigo, puxou-o, este'
 avv(t)20140711_as (6)_00:01:08.059

2.5.2.2.5. Objeto de posposições

(492) a-mo t̥õ ij-upe
 1-dar FOC R²-POSP(DATIV)
 [ã'mo:to i'tjup̥e]
 '(o giz) eu dei para ele (Pãtjio)'
 avv(t)20140711_as (2)_00:04:26.334

(493) Pãtjio i-akaŋ-ai koem-a ʁ-upi
 Pãtjio R²-cabeça-dor manhã/madrugada-ARG R¹-POSP(perlat)
 [,pãtjio: jaqẽ'ŋa:i qo'ẽm̥ə 'ʁu:pi]
 'Pãtjio teve dor de cabeça pela manhã/madrugada'
 avv(t)20140717_as (3)_00:09:22.838

(494) tato-∅ a-mapik i-pupe
 tatú-ARG 1-cozinhar R²-POSP(dentro)
 [,ta:toa'm^sa:piq̥i^hi:'pup̥e]
 'eu cozinhou o tatú dentro de(la) (da panela de barro)'
 avv(t)20130913-17a_as (51)_00:01:10.792

3. ELEMENTOS DE SINTAXE

Neste capítulo, buscamos aprofundar a descrição de elementos da sintaxe Av.C-T, levando em consideração os estudos pioneiros de Borges (2006). Iniciamos com a descrição dos tipos de ordem de constituintes encontradas em Av.C-T, para podermos, na sequência, diferenciar nessa língua, as funções de argumento sintático, de argumento marcado no núcleo do predicado, de pivô semântico (SmP), de tópico e de foco.

Os argumentos sintáticos aqui tratados equivalem a S/A e O, e sua ordem de ocorrência com respeito ao predicado é pragmaticamente motivada, sendo A O a-P a ordem menos marcada pragmaticamente e a mais utilizada, por definir a primeira posição como a do agente e a segunda como a do paciente, fundamental em enunciados que trazem informações novas. Como a maioria das línguas Tupí-Guaraní conservadoras, o Av.C-T marca no núcleo do predicado por meio de prefixos pessoais os argumentos [+ tópico], que são não apenas em torno do que gira o discurso como também correspondem ao pivô semântico (SmP) do enunciado.

Como mostraremos adiante, o SmP em Av.C-T equivale a S/A, e é inerente à semântica lexical do núcleo do predicado. Isso é observado pois, mesmo predicados no modo indicativo II, tendo S/O sinalizados no núcleo por meio de prefixos relacionais, acionam correferencialidade em orações dependentes.

Por fim, foco é expresso em Av.C-T por meio da partícula *tõ*, sendo que o constituinte marcado com essa partícula (a) ocorre precedendo o predicado se for um argumento S/A ou O; (b) se for uma circunstância pode ocorrer antes ou após o predicado; (c) e se for o próprio predicado, pode ocorrer antes ou após seu(s) argumento(s).

3.1. Ordem de constituintes em Avá-Canoeiro do Tocantins

Segundo Dietrich (2009, p.2)⁴⁶, “a ordem básica de orações afirmativas neutras independentes nas línguas Tupí-Guaraní é OV, sendo a posição do sujeito relativamente flexível” e SOV ou OVS as ordens básicas. Em Zo'é (subramo VIII), Cabral (2010, p.79) assinala que “em orações principais de início de discurso, cujos predicados trazem conteúdos informacionais novos, estando S e O sintaticamente expressos, a ordem comum é [SOV (Adv)]”.

⁴⁶ Para o Dietrich (2009) e, na sequência, Cabral (2010): S = sujeito; O = objeto; V = verbo.

Em Av.C-T, segundo Borges (2006, p.223-226)⁴⁷, a ordem de constituintes que predomina em orações transitivas é APV e em orações intransitivas é SV. A autora observa também que adjuntos, como sintagmas posposicionais, seguem normalmente o verbo.

A ordem resultante – [A O a-P (circ)] para predicados transitivos e [S s-P (circ)] para predicados intransitivos – se assemelha à ordem básica do Zo'ê, [SOV (Adv)] (cf. CABRAL, 2010). Observamos também que, em orações declarativas afirmativas independentes não-ambíguas, quando não é necessário introduzir novas informações no discurso, somente um dos argumentos sintáticos é expresso, em posição anterior.

Em Av.C-T, a marcação de S, A ou O no núcleo do predicado respeita a hierarquia referencial de pessoa, em que 1>2>3 (cf. BORGES, *op. cit.*, p.158-160; MONSERRAT & FACÓ SOARES, 1983). Em predicados de base verbal, o sujeito é marcado no núcleo do predicado por meio de prefixos pessoais quando 1(2(3)), 2(3) ou 3 agem sobre 3 ou quando 1(2(3)) age sobre 2(3); e quando 3 age sobre 1(2(3)) ou 2(3), o objeto é codificado por meio prefixos relacionais, que sinalizam a contiguidade ou não contiguidade de seu determinante. No caso dos determinantes serem pronomes pessoais dependentes, estes são relacionados ao núcleo do predicado por meio do prefixo relacional 1, de contiguidade.

Já em predicados de base nominal, o determinante é codificado por meio de uma expressão nominal ou pronominal dependente, a qual se relaciona ao núcleo do predicado por meio de prefixos relacionais. Quando o determinante é uma expressão nominal e esta não se encontra sintaticamente adjacente ao núcleo, este recebe o prefixo relacional que marca a não contiguidade do seu determinante.

Em seguida, apresentamos as ordens de constituintes encontradas em orações independentes em Av.C-T, e, na sub-seção seguinte, descrevemos as estratégias por meio das quais as categorias de pivô semântico (SmP), tópico e foco são expressas nessa língua.

⁴⁷ Para Borges (2006), A = sujeito de verbo transitivo; S = sujeito de verbo intransitivo; P = paciente (objeto de verbo transitivo); V = verbo. Neste estudo, nos referimos de forma semelhante à Borges (*op. cit.*) quanto ao A(gente) e S(ujeito); mas nos referimos ao objeto de verbo transitivo por O(bjeto); e, ao invés de V(erbo), utilizamos P(redicado), considerando que nessa língua nomes também predicam, de sorte que P inclui tanto predicados verbais quanto predicados de base nominal. Ao analisar as ordens de palavras em Av.C-T, expressaremos os argumentos marcados em P da seguinte maneira: a-P para um argumento A prefixado ao núcleo do predicado; O=R¹-P para um objeto contíguo ao núcleo do predicado, relacionado ao núcleo por meio do prefixo relacional 1; e assim por diante.

A a-P O

- (499) **A** **a-P** **O**
 Ariel- \emptyset **o-miyitiw** caneta- \emptyset
 Ariel 3-dar/emprestar caneta-ARG
 [,a:ri'ɛ:w ,umiyi'tʃe:w ka'ne:tʃ]
 'Ariel me deu/emprestou a caneta'
 avv(t)20140711_as (2)_00:05:11.246

A O=R¹-P

- (500) **A** **O=R¹-P**
 tʃi tō tʃi ʋ-apaʋ-a **iŋwa-mili- \emptyset \emptyset -juka**
 ,tʃi:'tō tʃi'ɣa:pɛɣɛ^h 'ĩ.ŋ^wa,mi:xi:'zu:kɛ
 1 FOC 1=R¹-arco-ARG esp.de.pássaro-ATEN-ARG R¹-matar
 'eu, meu arco matou (o) passarinho'
 avv(t)20130530a_ac (1)_00:05:43.016

- (501) **A** **O=R¹-P**
 jawal-et-oʋo- \emptyset **tʃi \emptyset -juka**
 onça-GEN-INTENS-ARG 1=R¹-matar
 [,dʒaɣ^wali'to:ɣo tʃi'zʊkɛ]
 'a onça me mata'
 avv(t)20120430a_as (9)_00:01:28.473

O=R¹-P A

- (502) **O=R¹-P** **A**
tʃi \emptyset -kiti ekoj-a
 1=R¹-cortar DÊIT-ARG
 [,tʃi'qitʃj ,e:'qoɾɐ]
 'este (o facão) me corta'
 avv(t)20131030a_as (11)_00:02:26.453

A a-P

- (503) **A** **a-P**
 tʃi tō **a-juka**
 1 FOC 1-matar
 [tʃi'tō a'zʊ:kɛ]
 'eu (o) matei'
 avv(t)20130530a_ac (2)_00:01:09.367

O a-P

- (504) **O** **a-P**
 Ø-epoj-Ø **a-itik**
 R²-tripa-ARG 1-tirar
 [,e: 'po:j ,a:j 'tiq^hɔ]
 'as tripas dele eu tirei'
 avv(t)20130918a_ac (8)_00:00:03.333
- (505) **O** **a-P** **SAdv**
 tʃi 1-epuku-Ø **a-mo** iwate
 1=R¹-mochila/bolsa-ARG 1-deixar alto
 [,tʃile 'pu:ʋɔ ,a.mi 'wa:te]
 'eu deixei minha bolsa no alto (em cima da mesa)'
 avv(t)20140521_as (36)_00:00:15.735
- (506) **O** **a-P** **SP**
 tato-Ø **a-mapik** i-pupe
 tatú-ARG 1-cozinhar R²-POSP(dentro)
 [,ta:to a 'm^sa:piq^h i: 'pupe]
 'eu cozinho o tatú dentro de(la) (da panela de barro)'
 avv(t)20130913-17a_as (51)_00:01:10.792
- (507) **O** **a-P** **SAdv**
 ae tʃi 1-epuku-Ø **a-ɣ-a** tʃi Ø-ai-j
 DÊIT 1=R¹-mochila/bolsa-ARG 1-C.C.-ir 1=R¹-redondo(cabeça)-LOC
 [a: 'e: ,tʃile 'pu:ʋɔ ,aɣa: 'tʃ^sa:j]
 'assim, a minha bolsa (pochete) eu levo na minha cabeça'
 avv(t)20140521_as (35)_00:00:22.769
- a-P O
- (508) **a-P** **O**
o-pok takwal-e-Ø
 3-quebrar/torcer bambú-doce-ARG
 [,o: 'pɔ:qɛ ,ta:q^wa 'dɫɛ]
 'cana-de-açúcar, ele torceu/quebrou'
 avv(t)20140714_as (6)_00:01:01.572
- (509) **a-P** **O**
t a-noem paka-Ø Ø-epoj
 PROP 1-tirar paca-ARG R¹-tripa
 [,ta:nõ 'ëm 'pa:kɛ i 'po:j]
 'eu vou tirar as tripas da paca'
 avv(t)20130804a_as (3)_00:00:26.436

(510) **a-P** **O**
a-ε̃-u t̃õ manga
 1-C.C.-ir FOC manga
 [a:'eyotõ 'm:a:gɐ]
 'vou buscar manga'
 avv(t)20140714_as (9)_00:05:21.079

a-P

(511) **a-P** **SP**
a-manɨ tʃi ʃ-akaŋ l-e
 1-pregar 1=R¹-cabeça-ARG R¹-POSP(ORIGEM)
 [,ã:'mẽɨ 'tʃa:qʰẽŋɐ 'ʎɛ]
 'eu prego (prendo) (a lanterna) na cabeça'
 avv(t)20140711_as (15)_00:00:05.482

(512) **a-P** **SP**
a-mo t̃õ ij-upe
 1-dar FOC R²-POSP(DATIV)
 [ã'mo:to i'tʃupe]
 'dei (o giz) para ele (o Pãtʃio)'
 avv(t)20140711_as (2)_00:04:26.334

(513) **a-P**
a-u-pai
 1-comer-ASP(COMPL)
 [,a:w'pɛ:i]
 '(já) comi tudo'
 avv(t)20140711_as (14)_00:04:11.310

O=R¹-P

(514) **O=R¹-P**
tʃi ʃ-m-aku-te
 1=R¹-CAUS-calor-GEN
 [tsi ma:kutɛ]
 'me fez ficar com muito calor'
 avv(t)20131029a_as (6)_00:00:02.344

o-P

(515) **o-P**
ũku-kutuk
 2O-furar
 [o'ʋo:qotʊqəʰ]

‘(eu) te furei’
 avv(t)20130918a_ac (3)_00:00:59.792

S s-P

(516) S	s-P	SAdv
ka-kiɤ-a	o-o	∅-ai-j
folha-verde-ARG	3-ir	R ² -redondo(cabeça)-LOC
[ˈqa:qiɤ]	,o:	ˈa:j]

‘a folha vai na cabeça dela (da formiga)’
 avv(t)20140522_as (30)_00:00:14.342

(517) S	s-P
aɤ-a	o-ike
Sol-ARG	3-entrar
[ˈa:ge	ˈo:jkɛ]

‘(o) Sol entrou (se pôs)’
 avv(t)20140712_as (2)_00:00:20.539

(518) S	s-P
kalinanũ	o-ji-pilok
caninana	3-REFL-descascar
[.qalĩˈnẽ,nɔ:ʒiˈpi:lɔqʰ]	

‘(a) cobra caninana se descascou (tirou a pele)’
 avv(t)20140716_as (9)_00:00:11.499

s-P S

(519) s-P	S
o-o tõ	aɤ-a
3-ir FOC	Sol-ARG
[ˈo:tõ	ˈa:ge]

‘foi, o Sol’
 avv(t)20140712_as (2)_00:00:40.700

s-P

(520) s-P	SP
o-o	tʃi ∅-enone
3-ir	1=R ¹ -frente
[ˈo:	tʃiˈnõ:nɪ]

‘ele foi na minha frente’
 avv(t)20130913-17a_as (103)_00:00:18.068

- (521) **s-P** **SP**
o-mae awa l-e
 3-olhar gente=R¹-REL
 [õ'ma:ɪ a'wa:dʒe]
 'ele olhou com respeito à gente'
 avv(t)20130918a_ac (11)_00:00:00.379

Predicados estativos

S s-P

- (522) **S** **s-P** **SAdj** **R²-P**
 tato-we **o-in** ij-a j-ape
 tatu-? 3-estar.sentado terra-ARG R² -casco
 [,ta:'tu:ye 'wĩni ,i:ʒa'ʒa:pe]
 '(o) tatu galinha, sentado na terra, tem casco'
 avv(t)20130530a_ac (1)_00:07:50.885

s-P

- (523) **s-P** **SAdv**
t ele-iko mepeno
 PROP 2-ser/estar.em.mov um/sozinho
 [te'le:jko me'pẽnɔ]
 'é para você ficar sozinho'
 avv(t)20140707_as (2)_00:25:49.703

- (524) **s-P** **SAdj**
o-iko pe
 3-estar.em.mov. DÊIT
 [,o:j'ko: 'pə:h]
 'ele está ali (sentado)'
 avv(t)20140711_as (5)_00:00:30.849

- (525) **s-P**
a-iko-te
 1-estar.em.mov-GEN
 [,ai:qo'te:]
 'eu sinto muita saudade (dele/dela)'
 avv(t)20140716_as (13)_00:02:28.114

S=R¹-P(530) S=R¹-P**tʃi ʋ-aku-te**1=R¹-calor-GEN

[tʃi, ʋa:qo'te:]

'tenho muito calor'

avv(t)20130804a_as (7)_00:04:34.826

P

(531) P

aniɪ

morcego-∅

['ẽniɪ]

'(alí) tem/há morcego'

avv(t)20140215t_as (1)

*Predicados no modo Indicativo II**Predicados processuais*R²-P

(532) **SAdv** **R²-P** **SAdv**
 kaɪun **i-tot-i** pe-pe
 tarde R²-ir-IND.II DÊIT-LOC
 ['ka:ɪõn i'to:tɪ 'pe:pe]
 'de tarde ele (Pãt[io] vai(vem?))'
 avv(t)20140711_as (6)_00:01:46.056

R²-P O

(533) **A** **a-P** **R²-P** **O**
 ae tõ ow-eɪ-a **i-t[ɔ]-w** a
 DÊIT FOC 3CORR-C.C.-ir+GER R²-puxar-IND.II DÊIT
 ['a:etõ ɔgwe'ga: i:'t[ɔ:wɛ]
 'ele, para levá-lo consigo, puxou-o, este'
 avv(t)20140711_as (6)_00:01:08.059

A O=R¹-P

(534) **SAdv** **A** **O=R¹-P**
 pe-pe mail-a **awa-∅ ∅-piti-i**
 DÊIT-LOC Branco gente-ARG R¹-matar-IND.II
 [pe:p̄ 'mai:lɔ:wa'p̄i:tse]
 'há tempos/lá longe Branco matou muita gente'
 avv(t)20130329a_as (6)_00:00:43.343

O=R¹-P

(535)	A	a-P	SP	O=R¹-P	
	ae	Egipson	e-ɤ-a	ko ɤ-upi	ne Ø-kiti-j tō
	DÊIT	Egipson	2-C.C.-ir+GER	DÊIT=R ¹ -POSP(PERLAT)	2=R ¹ -cortar-IND.II FOC
	[a'e	'zj:pʰɪ	e'ɤa:	,qʰɔ 'ɤʰupi ,ne 'ki:tʃɪ 'tʃõ]	
	'Egipson, ao levar (a faca) consigo nesta (bainha), ela (a faca) não te corta'				
	avv(t)20131030a_as (12)_00:00:20.143				

*Orações declarativas negativas**Predicados processuais*

A a-P O

(646a)	A	a-P	O
	ni=tō	n=ere-u-ite	pira-Ø
	pron.pess.=part	NEG=2sg.-comer-NEG	peixe-CN
	['nitō	,nere'ujte	'pʰilə]
	'você não come peixe' (BORGES, 2006, p.228, grifo nosso)		

A a-P

(536)	A	a-P	s-P
	tʃi	n a-mae-u-j	a-jikij ne
	1	NEG=1-coisa-comer-NEG	1-morrer INTENC
	['tʃi:	na,ma:e'u:j	,adzɪ'qijne]
	'(se) eu não como nada, vou morrer'		
	avv(t)20120430a_as (9)_00:05:14.256		

a-P O

(537)	(vocat)	a-P	O
	Ariel	n ele-u-j pana	mae
	Ariel	NEG 2-comer-NEG FRUST	coisa
	[ari'ɛ:w	,ne:le'u:j ,pẽnɐ	'ma:j]
	'Ariel, você não tem comido (por vontade própria) nada'		
	avv(t)20140707_as (1)_00:02:29.164		

(538)	O	a-P	SAdv	
	ekoj	Ø-aw-a	n o-mo-puku-j	a l-e
	DÊIT	R ² -roupa-ARG	NEG 3-caus-comprido-NEG	DÊIT R ¹ -POSP
	[e:'qɔj	'sawɐ	,nomo'puquj	a:tɪ]
	'quanto a isto, a roupa dela (a bainha da faca), eles não (a) fizeram comprida (o suficiente), em			

relação a esta (a roupa da faca)'
 avv(t)20131030a_as (11)_00:00:06.350

O a-P

- (539) **O** **a-P**
 ae ko **na pe-mo-puku-j** a
 DÊIT DÊIT NEG 23-CAUS-comprido-NEG DÊIT
 [,ae: 'qõ 'na ,p^he:'mɔ: ,p^hu'q^huj ɐ]
 'assim, este aqui, vocês não vão fazer mais comprido, esta (bainha)'
 avv(t)20131030a_as (11)_00:01:46.945

a-P

- (540) **a-P**
n a-u-j tõ
 NEG 1-comer-NEG FOC
 [,n^sa^su:'tʃo:]
 'não comi (a rapadura)' (quando perguntado se a rapadura estava gostosa)
 avv(t)20131029a_as (6)_00:00:19.746

O=R¹-P

- (541) **O =R¹-P**
na awa-∅ ∅-juka-j tõ
 NEG gente-ARG R¹-matar-PROIB FOC
 [,na:wa'zʊki'tʃõ]
 '(esta planta) não mata gente'
 avv(t)20140707_as (2)_00:06:59.448

S s-P

- (542) **S** **s-P**
 jawax-a **n o-mae-u-j**
 cachorro-ARG NEG 3-coisa/animal-comer-NEG
 ['ʒa:wæ ,nomae'u:j]
 'o cachorro não comeu nada'
 avv(t)20130913-17a_as (201)_00:00:01.459

s-P

(543) s-P

n a-puka-j

NEG 1-gritar/rir-NEG

[,na:'pu:kəj]

'eu não estou gritando/rindo'

avv(t)20140714_as (6)_00:12:00.735

Predicados estativos

(544) a-P

n a-l-eko-j

NEG 1-C.C.-estar.em.mov-NEG

[,na:ʎe'ko:i]

'eu não faço estar comigo', 'não tenho (bicicleta)'

avv(t)20130913-17a_as (196)_00:04:40.539

(545) a-P

n a-l-eko-j

NEG 1-C.C.-estar.em.mov-NEG

[,na:le'ko:j]

'não faço ele estar comigo', 'não sou esposa (dele)'

avv(t)20130918a_ac (4)_00:00:29.677

*Predicados existenciais e possessivos*S=R¹-P(546) S=R¹-P**na tʃi ʋ-oi-j**NEG 1=R¹-frio-NEG

[,na:tʃi'ʋo:wi]

'não tenho frio'

avv(t)20130804a_as (7)_00:04:43.875

S R²-P

(547) S

R²-P

tʃi tō

na i-katu-ete-j tō

1 FOC

NEG R²-bom/bem-GEN-NEG FOC

[,tʃi:to ,na:jkatue'te:tʃō]

'eu, não há o estar bem de (mim)', 'eu não estou bem mesmo'

avv(t)20140711_as (23)_00:40:24.927

- (548) **S** **R²-P**
 tʃi Ø-kaw-a **n Ø-ati-j**
 1=R¹-gordura/banha-ARG NEG=R²-existir-em.abundância-NEG
 [tʃi: 'qʰɐ:wɐ 'na:tɛj]
 'não tenho muita gordura'
 avv(t)20140714_as (4)_00:00:33.229
- (549) **S** **R²-P** **R²-P**
 Ø-nae-Ø **na t-uɔu-j** t-aiɪ
 R²-panela.de.barro-ARG NEG=R²-grande-NEG R²-filho(ego.masc.)
 ['na:j ,na:tʊ'gu:j 'ta:iɪɪ]
 'a panela não tem grandeza, é filhote'
 avv(t)20130913-17a_as (53)_00:00:43.563

R²-P

- (550) **R²-P**
na i-katu-ete-j tō
 NEG R²-bom/bem-NEG FOC
 [,na:jka:tue'te:jtʃō]
 'não está bem mesmo'
 avv(t)20140711_as (23)_00:40:13.866
- (551) **R²-P** **SAdj**
n Ø-ai-te-j tō ko
 NEG R²-ter.dor-GEN-NEG FOC DÊIT
 [na'i:te: 'tʃōŋ qo]
 'não dói muito aqui'
 avv(t)20131029a_as (4)_00:00:34.893

Orações interrogativas

Perguntas informacionais

- (552) **SN** **SN**
mae pa ekoj-a
 coisa/animal perg DÊIT-ARG
 [,ma:e'pe:koʒɐ]
 'o que é isto?'
 avv(t)20140711_as (9)_00:00:50.665
- (553) **Sadv** **SN**
mo pa ne ɤ-u-a
 onde perg 2=R¹-pai
 ['mo:pɐ 'ne:ɣwɐ]

'onde está teu pai?' (foi pedido 'meu pai', 'tenho pai')
avv(t)20140711_as (8)_00:06:13.941

Perguntas polares

- (554) **O** **a-P**
ae pa n ele-u-pai
DÊIT interr INTENC 2-comer-ASP(COMPL)
[a'ɛ: pa ne:'le:w'pɛi]
'aquele, você comeu completamente?'
avv(t)20131029a_as (17)_00:00:32.957

S s-P

- (555) (**vocat**) **S** **s-P**
Ariel ne ele-moj-a-katu pana
Ariel 2 2-estar.de.barriga.cheia-inten FRUST
[a:rjɪ'ɛw ,ne:le'mo:zɐ 'ka:tɔ pɛna]
Ariel, você está de barriga cheia/satisfeito?
avv(t)20140707_as (1)_00:01:23.417

S=R¹-P

- (556) (**vocat**) **S=R¹-P**
matʃa na ne Ø-ai-te-j tō
Matʃa NEG 2=R¹-ter.dor-GEN-NEG FOC
['ma:tʃɪ na ,n'ai'te: tʃõ]
'Matʃa, você não tem dor?'
avv(t)20131029a_as (4)_00:00:47.574

- (557) **S=R¹-P**
na ne ɤ-oi-te-j
NEG 2=R¹-frio-GEN-NEG
[,na:negoi'te:j]
'você não ficou com frio (de noite)?'
avv(t)20140715_as (2)_00:00:37.999

Orações imperativas

Predicados processuais

a-P O

- | | | | |
|------------------------|-------------------|---------------|-------------|
| (558) (vocat) | a-P | O | s-P |
| Pâtʃio | e-u-me | meki-ɤamo | eli-mano |
| Pâtʃio | 2-comer-PROIB | veneno-TRANSL | 2-morrer |
| [,pɛ: 'tʃjo: | ,e:w'mēmikiɾ'yãmu | | ,e:li'mãnu] |

Quadro 22 - Ordens de palavras em Av.C-T

Tipos de oração	Tipos de predicado		Ordem de palavras	Exemplos
Orações declarativas afirmativas	Predicado no modo Indicativo I	Predicados processuais	A O a-P;	(495); (496); (497); (498); (637c); (638a)
			A a-P O;	(499)
			A O=R ¹ -P;	(500); (501)
			O=R ¹ -P A;	(502)
			A a-P;	(503)
			O a-P;	(504); (505); (506); (507)
			a-P O;	(508); (509); (510)
			a-P;	(511); (512); (513)
			O=R ¹ -P;	(514)
			o-P;	(515)
			S s-P;	(516); (517); (518)
			s-P S;	(519)
			s-P;	(520); (521)
			Predicados estativos	S s-P;
	s-P;	(523); (524); (525)		
	A a-P;	(526)		
	Predicados existenciais e possessivos	S R ² -P;	(527); (528)	
		R ² -P S;	(529)	
		S=R ¹ -P;	(530)	
		P	(531)	
Predicados no modo Indicativo II	Predicados processuais	R ² -P	(532)	
		R ² -P O;	(533)	
		A O=R ¹ -P;	(534)	
		O=R ¹ -P	(535)	
Orações declarativas negativas	Predicado no modo Indicativo I	Predicados processuais	A a-P O	(646a)
			A a-P	(536)
			a-P O	(537); (538)
			O a-P	(539)
			a-P	(540)
			O=R ¹ -P	(541)
			S s-P	(542)
			s-P	(543)

		Predicados estativos	a-P;	(544); (545)
		Predicados existenciais e possessivos	S=R ¹ -P;	(546)
			S R ² -P;	(547); (548); (549)
			R ² -P;	(550); (551)
Orações interrogativas	Perguntas informacionais		SN SN;	(552)
			SAdv SN;	(553)
	Perguntas polares		O a-P;	(554)
			S s-P;	(555)
			S=R ¹ -P;	(556); (557)
Orações imperativas	Predicados no modo Imperativo	Predicados processuais	a-P O;	(558); (559)
			s-P;	(560); (652b)
Orações equativas			SN SN;	(561); (562)

A partir da observação dos dados, notamos que os argumentos sintáticos das orações declarativas com predicado de base verbal no modo Indicativo I, em Av.C-T, não têm sua ordem condicionada por fatores estritamente sintáticos, uma vez que (a) sua função sintática não diz respeito à uma posição na ordem linear da sentença e (b) por estes poderem não ser expressos. Quanto a isso, é importante atentar para o fato de que não há em Av.C-T o uso de marcas distintivas para S, A e O, e que que posições sentencias não são necessariamente distintivas de funções sintáticas dos argumentos nessa língua, os quais recebem apenas o caso geral ‘caso argumentativo’ (vide 2.1.1.3 Argumento e predicado em Av.C-T).

Todavia, a ordem A O a-P parece ser, até o presente, uma exceção, pois é utilizada tanto para desambiguar os papéis de A e de O, uma vez que A figura sempre na primeira posição da sentença (exemplos (485) a (683a)); quanto para se iniciar um discurso ou uma fala, introduzindo-se A e O como informações novas (exemplos (485) e (488)). Segundo Borges (2006, p.224), “a inversão na ordem dos sintagmas nominais do exemplo (637c) implica mudança semântica” com relação ao exemplo (679a). Sendo assim, o Av.C-T se distingue de outras línguas Tupí-Guaraní do subramo IV, como o Asuriní do Tocantins, em que a ordem O A a-P é uma ordem possível (cf. VIEIRA, 1993 e 2015).

Em orações declarativas em que uma circunstância é topicalizada, o modo Indicativo II é acionado no predicado, permitindo que os argumentos S, A e O sejam expressos

apenas sintaticamente, mas apenas S/O são relacionados ao núcleo do predicado por meio de prefixos relacionais. Com predicados neste modo, a ordem de constituintes se restringe às ordens possíveis nas seguintes estruturas relacionais: (S) [R2-P] (S), (O) [R2-P] (O), [S=R1-P] ou [O=R1-P].

Em orações declarativas com predicados existenciais ou possessivos, estes têm como determinante um nome ou um pronome dependente relacionados ao núcleo por meio de prefixos relacionais, no caso o prefixo relacional 1. Nas orações dessa natureza, os predicados são todos intransitivos, e apresentam as seguintes ordens de constituintes: (S) [R²-P] (S) ou [S=R¹-P].

Em orações interrogativas, a ordem de constituintes varia segundo o tipo de pergunta realizada. Em perguntas informacionais, é o primeiro constituinte da sentença, marcado com a partícula interrogativa *pa*, que é posto em relevo e sobre o qual recai o interesse do falante em obter informação. Conforme Borges (2006, p.228-229), em perguntas desse tipo os sintagmas nominais compostos pelos nomes genéricos *awã* ‘gente’ e *mae* ‘animal/coisa’ podem ser utilizados significando ‘quem’ e ‘o que’. No exemplo (553), a palavra *mo* é um termo genérico para lugar, análogo a ‘onde’. Nas perguntas polares, que se caracterizam por tom ascendente ao final do enunciado, a ordem de constituintes é semelhante às das orações declarativas.

Em orações no modo imperativo, conforme já observado por Borges (2006, p.230), o predicado vem em primeira posição na sentença, podendo ser seguido de O, no caso de predicados transitivos, ou de uma circunstância.

Em orações equativas, conforme observado por Rodrigues (2001a, p.112-113), há “uma equação entre dois argumentos, [que] têm por núcleo um nome no caso argumentativo, o qual normalmente precede o sujeito (igualmente no argumentativo)”. Com isso, a ordem expressa é SN SN, uma vez que ambos os nomes estão em função argumental.

A partir das ordens de constituintes encontradas, sobretudo em orações declarativas, e do papel fundamental do predicado na comunicação das informações essenciais no discurso Av.C-T, argumentamos que a ordem dos argumentos sintáticos e de circunstâncias bem como a expressão ou não expressão destes é condicionada principalmente por fatores sintático-pragmáticos, ao invés de fatores exclusivamente sintáticos. Em trabalhos futuros, buscaremos compreender, por meio de um corpus textual mais amplo, os tipos de papéis pragmáticos relativos às diversas ordens de constituintes do Av.C-T.

Ao observarmos alguns tipos de orações complexas em Av.C-T, notamos que os argumentos sintáticos podem não ser expressos. Borges (2006, p.232-235) comenta, quanto às orações coordenadas, que “o sujeito e o objeto da segunda [oração] são apagados, por serem idênticos ao da primeira”, o que pode ser visto no exemplo abaixo (mantemos a numeração original da autora):

(656a)	A1	P1	V1]	[V2]
	mojtini-∅	akuti-∅	o-u	o-mokon
	cascavel-cn	cotia-cn	3sg-comer	3-engolir
	[moj'tʃĩni	a'kʰutʃi	'ow	o'moqõni]
	'A cascavel comeu a cotia e a engoliu' (BORGES, 2006, p.232-235)			

Observamos, no entanto, que não somente em orações coordenadas justapostas, mas também em orações com o predicado no modo gerúndio, os argumentos sintáticos podem não ser expressos. Contrastem-se os exemplos seguintes com os exemplos contidos na seção **2.2.4 Gerúndio**.

(563)	a-P	SP	a-P	O
	t a-mapik	avakale-∅	t a-u	avakale-∅
	PROP 1-cozinhar	galinha-ARG	R ¹ -REL	PROP 1-comer
	galinha-ARG			galinha-ARG
	[tẽ'ma:piy	eʔe'ka:lɪyɔ	'ta:w	,aʔe'ka:li]
	'eu vou cozinhar com respeito a galinha, e vou comer a galinha'			
	avv(t)20140707_as (2)_00:18:18.683			

(564)	a-P	s-P
	t a-u ne	n a-mae-u-j
	PROP 1-comer	INTENC
	NEG 1-coisa-comer-NEG	
	['ta:w ne	ne,ma:e'u:j]
	'vou comer (algo), (pois) não comi nada'	
	avv(t)20120430a_as (9)_00:04:55.698	

(565)	s-P	s-P	SAdv
	t a-apik	t a-momew	pe-wi
	PROP 1-sentar	PROP 1-contar	DÊIT-DAT
	['ta:pikə	tamo'me:w	'pewə]
	'vou me sentar para contar (algo) para vocês'		
	avv(t)20120430a_as (9)_00:05:37.631		

(566)	s-P	SP	s-P
	a-juɤ	itapina-∅	wi
	1-voltar	anzol/pescaria-ARG	ABLAT
	PROP 1-dormir		
	['a:ɖʒoʔɪ,ta:a'pĩ:ne	,ɣʷi:'ta:kiyə]	
	'eu cheguei da pescaria e vou dormir (um pouco)'		
	avv(t)20120430a_as (10)_00:00:38.503		

sintagma preposicional. Em Dyrbal, A é o sujeito do verbo de orações ativas e S em orações antipassivas, ficando nestas o O como um argumento externo, expresso por meio de um sintagma preposicional.

(4.4) (a) The boy hit the ball
‘o garoto chutou/bateu na bola’

(b) The ball was hit by the boy
‘a bola foi chutada/batida pelo garoto’

(4.10) (a) Balan ḍugumbil baŋul yaɾa-ŋgu buɾa-n
mulher-ABS(U) homem-ERG(A) ver-TNS
‘O homem viu a mulher’

(b) Bayi yaɾa baɣun ḍugumbil-gu buɾal-ŋa-ŋu
homem-ABS(A) mulher-DAT(U) ver-ANTI-TNS
‘o homem viu a mulher’

Para os autores (*op. cit.*, p.114), a escolha do argumento para funcionar como pivô não é determinada por bases semânticas, uma vez que na maioria dos verbos transitivos em Inglês e em Dyrbal tanto o *actor* (agente) quanto o *undergoer* (paciente) podem ser o pivô. Com isso, a escolha seria influenciada ou por fatores discursivos, como referência alternada (exemplos (4.9) e (4.13)) ou por topicalidade (exemplos (4.7) e (4.8))⁴⁹.

(4.9) (a) Oscar went to the store and spoke to Bill.
‘Oscar foi a loja e chamou Bill’

(b) *Oscar went to the store and Bill spoke to (him)
‘Oscar foi a loja e Bill chamou (o)’

(c) Oscar went to the store and was spoken to by Bill.
‘Oscar foi a loja e foi chamado por Bill’

(4.13) (a) Balan ḍugumbil bani-ŋu baŋul yaɾa-ŋgu buɾa-n
mulher-ABS(A) vir-TNS homem-ERG(A) ver-TNS
‘A mulher veio e o homem (a) viu’

(b) *Bayi yaɾa bani-ŋu baɣun ḍugumbil buɾa-n
homem-ABS(A) vir-TNS mulher-ABS(U) ver-TNS
‘o homem veio e viu a mulher’

⁴⁹ Tomamos a liberdade de traduzir as glosas para o português bem como adaptar os exemplos encontrados em (4.9), substituindo ‘falar’ por ‘chamar’. Em (4.7) e (4.8), fornecemos a tradução para os exemplos originais em inglês.

(c) Bayi yaça	bani-ɲu	bagun ɖugumbil-gu	buɽal-ɲa-ɲu
homem-ABS(A)	vir-TNS	mulher-DAT(U)	ver-ANTI-TNS

‘O homem veio e viu a mulher’

- (4.7) (a) It seems that Paul caught the wombat (“Parece que Paulo pegou o wombate”).
 (b) Paul seems to have caught the wombat (“Paule parece ter pego o wombate”).
 (c) *The wombat seems Paul to have caught (*“O wombate parece Paulo ter pego”).
 (d) The wombat seems to have been caught by Paul (“O wombate parece ter sido pego por Paulo”).
- (4.8) (a) John expects that Paul will catch the wombat (“João espera que Paulo pegará o wombate”).
 (b) John expects Paul to catch the wombat (“João espera Paulo para pegar o wombate”).
 (c) *John expects the wombat Paul catch (*“João espera que o wombate Paulo pegue”).
 (d) John expects the wombat to be caught by Paul (“João espera que o wombate seja pego por Paulo”).

O segundo tipo de pivô trabalhado pelos autores (*op. cit.*) é chamado de pivô semântico (SmP) e se caracteriza, em línguas como o Choctaw, pelas “considerações acerca de topicalidade e discurso não interferirem na seleção do pivô, que é realizada inteiramente no nível semântico-lexical” (FOLEY & VAN VALIN, 1984, p.117). Em Choctaw, há uma hierarquia semântica (agente>paciente>dativo) que determina a escolha do argumento a ser marcado com *at* ‘pivô’, conforme observado nos exemplos em (4.14):

(4.14)(a) Hattak at Ø-iy-a-h
 homem PVT 3A-ir-PRES
 ‘O homem vai’ (FOLEY & VAN VALIN, 1984, p.117)

(b) Hattak at Ø-abi:ka-h
 homem PVT 3U-doente-PRES
 ‘O homem está doente’ (FOLEY & VAN VALIN, 1984, p.117)

(c) Hattak at oho:yoh (ã:) Ø-Ø-pi:sa-h
 homem PVT mulher OBL 3A-3U-ver-PRES
 ‘O homem vê a mulher’ (FOLEY & VAN VALIN, 1984, p.117)

(d) Hattak at oho:yoh (ã:) i:Ø-nokšo:pa-h
 homem PVT mulher OBL 3DAT-3U-medo-PRES
 ‘O homem está com medo da mulher’ (FOLEY & VAN VALIN, 1984, p.117)

Segundo os autores (*op. cit.*), o status do SmP é aparente no monitoramento do sistema de referência alternada existente na língua, conforme ilustrado pelos exemplos contidos em (4.15), que reproduzimos abaixo:

(4.15) (a) \emptyset - \emptyset -pi:sa-ča: \emptyset -iya-h
 3A-3U-ver-MESMO.PVT 3A-ir-PRES
 ‘Ele_i vê ele_j e ele_i vai’ (FOLEY & VAN VALIN, 1984, p.117)

(b) \emptyset - \emptyset -pi:sa-na: \emptyset -iya-h
 3A-3U-ver-DIFF.PVT 3A-ir-PRES
 ‘Ele_i vê ele_j e ele_{j/k} vai’ (FOLEY & VAN VALIN, 1984, p.117)

Para Foley e Van Valin (*op. cit.*, p.117), o tipo mais comum de SmP nas línguas do mundo é aquele que agrupa o argumento Agente de verbos transitivos com o único argumento de verbos intransitivos, isto é, agrupando A e S.

A partir da distinção estabelecida pelos autores (*op. cit.*), observamos que o Av.C-T se diferencia das línguas que possuem pivô pragmático (PrP), como o Inglês e o Dyirbal, por não possuir estruturas como passiva e antipassiva (cf. FOLEY & VAN VALIN, *op. cit.*); e se aproxima das línguas que possuem SmP, pois o argumento que aciona marcação de correferencialidade não precisa estar expresso sintaticamente ou marcado no núcleo do predicado.

Para Cabral et al. (2010), o pivô nas línguas Tupí-Guaraní é o sujeito S/A da oração principal, e aciona marcação de correferencialidade em orações dependentes. Neste sentido, “a orientação da correferência em Tupí-Guaraní é o *actor* (que corresponde ao sujeito de verbos transitivos e sujeito de verbos intransitivos), enquanto que o alvo é o *undergoer* (que corresponde ao objeto e ao sujeito de construções dependentes)”.

Argumentamos, na sequência, que em línguas Tupí-Guaraní como o Av.C-T e o Asuriní do Tocantins (subramo IV) o pivô não diz respeito (a) aos argumentos expressos sintaticamente; (b) ao argumento marcado no núcleo do predicado; nem (b) ao tópico ou foco da oração (o que será tratado nas seções seguintes). Neste sentido, o pivô nestas línguas seria expresso pela semântica do predicado, mas não em nível lexical (*vide 2.1 Nome e verbo, argumento e predicado em Avá-Canoeiro do Tocantins*).

Apresentamos abaixo alguns exemplos para ilustrar a diferença entre os argumentos S ou A marcados no núcleo do predicado e a expressão de SmP. No exemplo seguinte o S é marcado no núcleo do predicado ‘ir’ de base verbal, no modo indicativo I, e é correferente com o S (R³) do predicado do verbo ‘caminhar’, no modo gerúndio. Em uma primeira leitura, poderia-se interpretar o prefixo pessoal da Série I, em ‘ir’, como a expressão do pivô nesta língua, acionando a marcação de correferencialidade na oração dependente.

(570) **s-P** **R³-P**
 t a-a we-ata-w
 PROP 1-ir 1CORR-caminhar-GER
 ['ta:wɐ'we'a:taw]
 vou caminhando (no mato)
 avv(t)20120430a_as (8)_00:02:47.319

No entanto, as orações no modo indicativo II mostram que, mesmo com S/O não codificados no núcleo verbal por meio de prefixos pessoais, o pivô contido na semântica do predicado aciona a marcação de correferencialidade em uma oração dependente. No exemplo (571), a oração no modo gerúndio, por possuir também valor adverbial, aciona o modo indicativo II na oração seguinte, que é a oração principal da sentença. Neste caso, 'puxar' é um predicado transitivo de base verbal e sinaliza a não contiguidade sintática do O em seu núcleo por meio de prefixo relacional 2. O SmP, neste sentido, não se refere a uma marcação no núcleo do predicado da oração principal no modo indicativo II.

(571) **R³-P** **R²-P** **O**
 ae tō ow-eɐ-a-a i-tʃo-w a
 DÊIT FOC 3CORR-C.C.-ir+GER R²-puxar-IND.II DÊIT
 ['a:etō ʊg'we'ga:
 'ele, para levá-lo consigo, puxou-o, este'
 avv(t)20140711_as (6)_00:01:08.059

No exemplo (572) abaixo do Asuriní do Tocantins, temos um contexto semelhante ao que ocorre no exemplo (570) do Av.C-T. O argumento S de 'dançar' marcado no núcleo do predicado da oração principal no modo indicativo I, é correferente com o S em 'vir'.

(572) **o-P** **R³-P**
 oro-poraháj oro-ót-a
 13-dançar 13CORR-vir-GER
 'Nós_i viemos para (nós_i) dançar' (CABRAL & RODRIGUES, 2003)

No entanto, conforme observado no exemplo (573) abaixo, um predicado no modo indicativo II, sem a marcação de prefixos pessoais, aciona marcação de correferencialidade em 'pegar'. Nesse exemplo, o A do predicado 'pegar' é correferente com o S de 'ir'. Por se tratar de um verbo intransitivo, somente o argumento O é sinalizado núcleo do predicado no modo gerúndio, por meio do prefixo relacional 2.

(573) **SP** **R²-P** **O** **R²-P**
 Paranó-a r-opí i-há-j ipirá-∅ i-pyhýk-a
 rio-ARG R¹-com R²-ir-IND.II peixe-ARG R²-pegar-GER
 'ele foi pelo rio para pegar peixe' (CABRAL & RODRIGUES, 2003)

É importante observar, com respeito ao prefixo pessoal utilizado quando 1(2(3)) age sobre 2(3), que, mesmo correspondendo a um argumento objeto, este não se refere ao pivô SmP, que, em línguas Tupí-Guaraní como o Asuriní do Tocantins, é exclusivamente S/A⁵⁰. No exemplo (574) abaixo, do Asuriní do Tocantins, o O 2^ap. é marcado no núcleo do predicado do verbo *-owaesãng* ‘olhar na face’, ‘encarar’. No entanto, o SmP A, não expresso sintaticamente ou na morfologia do verbo, aciona correferencialidade na oração dependente com o verbo estativo ‘estar sentado’, conforme observado no exemplo abaixo.

(574) o-P	R³-P
oro-owaesãng	wet-oín-a
2O-olhar.na.face/encarar	1CORR-estar.sentado-GER
‘eu estou de frente para você’ (CABRAL & RODRIGUES, 2003)	

Na subseção seguinte descrevemos a expressão de tópico em línguas como o Av.C-T e Asuriní do Tocantins, em contraste com os conceitos de argumento sintático e SmP⁵¹.

3.3. Tópico em Avá Canoeiro do Tocantins

Vieira (2015, p.669), referindo-se às línguas Tupí-Guaraní, ressalta que “identificar tópico e foco em línguas com ordem livre não é uma tarefa das mais simples, uma vez que parece impossível determinar a localização dos constituintes na arquitetura funcional da oração”.

Payne (1994, p.316) comenta acerca da hierarquia de pessoa (1>2>3) encontrada em línguas Tupí-Guaraní e a relação dessa hierarquia com topicalidade (cf. PAYNE, *op. cit.*; MONSERRAT & FACÓ SOARES, 1983):

“Because 1st and 2nd person participants are already, simply by the pragmatics of the speech act, individuated from the world of things « out there » to be talked about, they are inherently more topical than 3rd persons. The speech act participants are also always available in memory; by definition, if a hearer is attending to a speaker, the hearer must Always have an “open file” for the speaker. There is also natural sense in which speech act participants are generally taken for granted as “more important” or the “natural center of interest”, over 3rd persons. Thus, regardless of any particular discourse context, the hierarchy (...) can be taken as an inherent topicality hierarchy”.⁵²

50 Na continuidade da pesquisa com as duas variedades diatópicas da língua Av.C, buscaremos trabalhar dados a partir prioritariamente de textos advindos de relatos e narrativas, para poder analisar melhor as construções de orações complexas nesta língua.

⁵¹ Para uma diferenciação entre a expressão dos conceitos de pivô pragmático (PrP) e tópico nas línguas do mundo, *vide* Foley e Van Valin (1984, p.124-134).

⁵² “Por conta das 1^{as} e 2^{as} pessoas participantes serem, simplesmente por conta do ato pragmático, individuídas do mundo das coisas “de fora” acerca do qual se fala, elas são inerentemente mais tópicos do que as 3^{as} pessoas. Os participantes do ato de fala são também mais disponíveis na memória; por definição, se um ouvinte está à

Em Av.C-T, observamos que, são os argumentos marcados no núcleo do predicado por meio de prefixos pessoais que correspondem à noção de tópico. Consideramos, com isto, consoante Payne (*op. cit.*), que 1(2(3)), 2(3) e 3 são mais tópicos quando agem sobre 3 (exemplos (575) a (577) abaixo); e 2(3) quando 1 age sobre ele(s) (exemplo (581) abaixo). Quando 3 age sobre 1(2(3)) e 2(3) consideramos que não há expressão de tópico uma vez que o determinante é sinalizado no núcleo por meio de prefixo relacional (exemplos (578) a (580) abaixo). A partir dessas considerações, notamos que a 3ªp. é normalmente menos tópica, e, conforme veremos na próxima subseção, é a única pessoa do discurso que pode ser destopicalizada quando um circunstante precede o predicado.

1(2(3)), 2(3) ou 3 agindo sobre 3

(575) **S** **s-P**
 tʃi tō a-juka
 1 FOC 1-matar
 [tʃi'tō a'zʉ:kə]
 'eu, eu matei (ele)'
 avv(t)20130530a_ac (2)_00:01:09.367

(576) **A** **O** **s-P**
 ne tō ne l-etam-a ele-japo tale
 2 FOC 2=R¹-casa/aldeia-ARG 2-fazer PROJ
 ['ne:tō ,ne:'letəmə ,le:'za:pʉ tale]
 '(...) tu vai fazer tua casa'
 avv(t)20130530a_ac (1)_00:06:31.815

(577) **S** **s-P**
 moj-a o-tʃu
 cobra-ARG 3-morder
 [,mo'ʃo:tʃʉ]
 'a cobra mordeu (o rato)'
 avv(t)20131028a_as (54)_00:00:20.891

3 agindo sobre 1(2(3)) ou 2(3)

(578) **A** **O=R¹-P**
 Maria tʃi Ø-kutuk-a
 Maria 1=R¹-furar-ARG
 [,ma:'dʒi:ɐ tʃi'qu:toqɐ]

espera de um falante, o ouvinte deve ter um 'espaço aberto' para o falante. Existe um senso natural no qual os participantes de um ato de fala são geralmente tidos como 'mais importantes' ou o 'centro natural de interesse' em relação a uma 3ªp. Então, sem observar qualquer contexto discursivo particular, a hierarquia pode ser tomada como uma hierarquia de topicalidade inerente" (Tradução nossa)

'Maria me furou (a agulha da injeção)'
avv(t)20131029a_as (10)_00:00:06.297

- (579) **O=R¹-P A**
tʃi Ø-kiti ekoj-a
1=R¹-cortar DÊIT-ARG
[.tʃi 'qitsj ,e:'qoɾɐ]
'este (o facão) me corta'
avv(t)20131030a_as (11)_00:02:26.453

- (580) **O=R¹-P**
tʃi Ø-juca-ema
1=R¹-matar-PROIB
Ti juca ema! "(Não me mate!)" (GRANADO, 2005)

I(2(3)) agindo sobre 2(3)

- (581) **o-P**
uɕu-kutuk
2O-furar
[o'ɸo:qotɔqə^h]
'(eu) te furei'
avv(t)20130918a_ac (3)_00:00:59.792

Um outro tipo de tópico ocorre quando um circunstante precede o predicado, o que aciona o modo Indicativo II. Em Av.C-T, esse modo verbal somente ao se destopicalizar uma 3^a.p.. Com isso, o argumento é sinalizado no núcleo do predicado por meio de prefixo relacional ao invés de prefixos pessoais. A 3^ap., que é [+ tópica] em orações no modo indicativo I, quando age sobre outra 3^ap., se torna [- tópica] no modo Indicativo II. Nessas orações, o tópico corresponde ao circunstante anteposto ao predicado. Apresentamos abaixo orações no modo Indicativo I (exemplos (582), (584) e (586)) em contraste com orações no modo Indicativo II (exemplos (583), (585) e (587)).

- (582) **S s-P SP**
Ariel o-juɕ kwa l-e
Ariel 3-vir longe R¹-POSP
[.a:'dɕje:w o'dzɔ:wɕ 'q^wadlɐ]
'Ariel veio com respeito à longe'
avv(t)20140719_as (15)_00:00:07.873

- (583) **SAdv R²-P SAdv**
kaɸun i-tot-i pe-pe
tarde R²-ir-IND.II DÊIT-LOC
['ka:ɸõn i'to:tɿ 'pe:pe]

'de tarde ele (o Pãtjio) vai naquele lugar'
avv(t)20140711_as (6)_00:01:46.056

- (584) **S** **s-P** **SAdv**
ae tõ **o-o** pe-pe
DÊIT tóp 3-ir DÊIT-LOC
[.a:e'tõ 'o: 'pe:pe]
'ele foi para lá'
avv(t)20140711_as (6)_00:01:29.672

- (585) **SAdv** **A** **O=R¹-P**
pe-pe mail-a awa-∅ ∅-apiti-i
DÊIT-LOC FOC Branco pessoa-ARG R¹-matar-IND.II
[pe:p̄ 'mai:ʒɐ:wa'p^{hi}:tʃɛ]
'há tempos/lá longe Branco matou muita gente'
avv(t)20130329a_as (6)_00:00:43.343

- (586) **A** **a-P**
tjĩ tõ **a-tfo**
1 FOC 1-puxar
[.tjĩ:'tõ ,a:'tʃɔ:]
'eu puxei (o saco de arroz)'
avv(t)20140711_as (6)_00:00:57.032

- (587) **A** **a-P** **R²-P** **O**
ae tõ **ow-ɛɛ-a** i-tfo-w a
DÊIT FOC 3CORR-C.C.-ir+GER R²-puxar-IND.II DÊIT
['a:etõ ʊg^we'ga: i:'tfo:wɛ]
'ele, para levá-lo consigo, puxou-o, este'
avv(t)20140711_as (6)_00:01:08.059

3.4. Foco em Avá Canoeiro do Tocantins e a partícula *tõ*

Toral (1984/5, p.5), foi o primeiro pesquisador a descrever parte do funcionamento da partícula *tõ* em Av.C-T. O autor (*op. cit.*) comenta que essa partícula possui diversos alomorfes – [-tõ-], [-otõ-], [-tõkõ-], etc. – e aparece, em seus dados, entre o prefixo de pessoa e a raiz do verbo. Para o autor, essa partícula “talvez funcione como enfatizador”, sendo para os falantes de Avá-Canoeiro “provavelmente um recurso a dar mais ênfase às suas declarações para um ouvinte não familiarizado com a língua”, uma vez que não foi observada a sua ocorrência na fala coloquial. De forma ilustrativa, o autor fornece os seguintes exemplos⁵³:

⁵³ Mantemos a descrição fonética do autor com a adaptação para os símbolos do IPA mais recentes, bem como fornecemos a escrita fonológica com glosa e separação morfológica.

(588) **A** **a-P** **SP**
 tʃi tō a-u i-∅ ∅-pupe
 1 FOC 1-comer água-ARG R¹-POSP(dentro)
 [ʃi tō ɐw i'p^hupe]
 'eu bebo [a água que está dentro]' (TORAL, 1984/5, p.5)

(589) **S** **SAdj** **s-P**
 tʃi tō ko a-wa-wak-i
 1 FOC DÊIT 1-REDUP-correr-IND.II
 [ʃi tōkō ɐwɛ'wɛk^hi]
 'eu, aqui, eu corro muito' (TORAL, 1984/5, p.5)

(590) **S** **s-P**
 ne tō n ele-wa-wak-i
 [ne tō neɫewɛwɛkí]
 2 FOC NEG 2-REDUP-correr-NEG
 'tu não corres' (TORAL, 1984/5, p.5)

(591) **O** **a-P**
 aw tō a-mae-u
 [ɐ'otō ɐmɛiú]
 DÊIT FOC 1-coisa/animal-comer
 'eu como [este]' (TORAL, 1984/5, p.5)

Borges (2006, p.204-206) tece mais considerações acerca da distribuição e função desta partícula, considerada como uma marca de intensidade, 'intensivo' ('muito, mesmo'). Para a autora, esta marca ocorre em "final de enunciados ou em posição medial, após verbos intransitivos ativos e descritivos e também com verbos transitivos, bem como com a cópula *eko* ~ *iko* 'ser, estar'". Ocorre também "após os clíticos *tʃi=* e *ni=* e o demonstrativo *ae=*, na formação dos pronomes pessoais de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do singular *tʃi=tō*, *ni=tō* e *ae=tō*", o que, para a autora, seria um processo de gramaticalização. Pode ainda também ocorrer após nomes em primeira posição de enunciado, em função de sujeito, após a partícula *ete* ou *uku* em "verbos descritivos". Abaixo, reproduzimos alguns exemplos fornecidos pela autora para os contextos supracitados (mantemos a numeração original bem como a glosa da autora).

Verbos intransitivos ativos

(590a) **Vintrans.**
 na=tʃi=i-u-ej-i=tō
 NEG-1SG=beber água-querer-NEG=PART.
 [na,tʃiweji't^hō]
 'não estou com muita sede' (BORGES, 2006, p.204)

Verbos intransitivos descritivos

- (591b) **So** **Vdescr.**
 akaj-∅ i-ete=tõ
 canção-CN 3-ser, estar gostoso=PART.
 [a'kʰaj je'tʰetõ]
 'O canção é muito gostoso' (BORGES, 2006, p.204)

Verbos transitivos

- (593a) **A** **Vtrans** **P**
 jawaxa-∅ o-εkur=tõ mirun-∅
 cachorro-CN 3SG-trazer=PART. lagartixa-CN
 [ˈʒaɣʷəxə o'εkʊtõ mi'lũni]
 'O cachorro trouxe a lagartixa' (BORGES, 2006, p.204)

Cópula eko ~ iko 'ser, estar'

- (594a) **Sa** **cópula** **V**
 tapira-∅=ete o-iko=tõ o-in
 anta-CN=PART 3SG-cópula=PART. 3-estar sentado
 [tʰa.pɪɾi'tʰe o,iko'tʰõ o'ĩni]
 'A vaca está sentada mesmo' (BORGES, 2006, p.204)

Clíticos nos pronomes pessoais tʃi= e ni= e no demonstrativo ae

- (555) tʃi=tõ a-kir
 PRON.PESS.=PART. 1SG-dormir
 [ˈtʃitõ 'akirə]
 'Eu dormi' (BORGES, 2006, p.190)
- (556) ni=tõ ne=poij
 PRON.PESS.=PART. 2SG=ser, estar gordo
 [ˈnitõ ne'poizə]
 'Você é gordo' (BORGES, 2006, p.190)
- (558) ae=tõ tʃi=∅-pikir-a
 DEM=PART. 1POSS.SG=rel-irmã-CN
 [a'etõ ,tʃipi'kʰirə]
 'Ela é minha irmã' (BORGES, 2006, p.190)

S nome em primeira posição

- (595a) **Sa** **V**
 amana-∅=tõ o-kʷiɣ
 chuva-CN-PART. 3SG-cair (chuva)

[ʒ' mǎnətō 'ɔkikə]
 'Choveu demais' (BORGES, 2006, p.205)

Após partícula “ete” e “uru”

(596b)So V
 maira-∅ i-potʃĩ=ete=tō
 não-indígena-CN 3-ser bravo, nervoso=PART=PART
 [,majlə ɪ ,potʃie' tʰetō]
 'O não-indígena é muito bravo' (BORGES, 2006, p.205)

(596c)na-i-puku-uku=tō
 NEG-3-grande, comprido-AUM=PART.
 [,najpɔ' kʰuwɔtō]
 'Não é muito comprido não' (BORGES, 2006, p.205)

A autora, por fim, propõe que essa partícula “se relacione a aspectos prosódicos e pragmáticos, como foco, enfatizando verbos, nomes e pronomes com os quais co-ocorre”. Concorda, nesse sentido, com a suspeita inicial de Toral (1984/5), quanto a essa partícula ser enfática.

A partir de novos dados, trazemos mais argumentos em favor da ideia de que essa partícula marca foco em Avá-Canoeiro do Tocantins, isto é, marca o elemento da sentença enfatizado, podendo o foco ser de natureza contrastiva. Até o momento não sabemos com precisão a origem dessa partícula, mas, muito provavelmente se deve a um desenvolvimento recente, anterior à migração de parte dos Avá-Canoeiro no início de XIX em direção à Ilha do Bananal, entre os rios Araguaia e Tocantins, uma vez que não é encontrada na língua Avá-Canoeiro do Araguaia (cf. TORAL, 1984/5, p.5; BORGES, 2006, p.204).

Os novos dados mostram que essa partícula pode ser empregada tanto para focalizar argumentos (exemplos (592) a (598))⁵⁴ quanto predicados de base nominais ou verbais (exemplos (599) a (604)) e expressões adverbiais (exemplos (605) a (608)), podendo ainda funcionar como foco contrastivo (exemplos (609) e (610)). Enquanto os argumentos focalizados com *tō* ocorrem antes do predicado, os circunstanciais e predicados focalizados não apresentam uma ordem preferencial.

Focalização de argumentos (pro)nominais

⁵⁴ Até o momento não dispomos de dados em que O é focalizado por meio de *tō*. Conforme veremos mais adiante, o Araweté, outra língua Tupí-Guaraní que dispõe de uma partícula de foco, *ku*, pode focalizar argumentos em função de objeto.

'o marido dela (é) esse'
avv(t)20140711_as (23)_00:04:09.826

Focalização de argumentos de base verbal

- (598) **S=R¹-P**
na tʃĩ Ø-u-i tō
NEG 1=R¹-comer-NEG FOC
[na: 'tʃiwi 'tʃõ:]
'não tenho (mais) fome'
avv(t)20130913-17a_as (194)_00:02:15.948

Focalização de predicados de base verbal

- (599) **O=R¹-P**
na awa-Ø Ø-juka-j tō
NEG pessoa-ARG R¹-matar-NEG FOC
[.na:wa'zʊki'tʃõ]
'(esta planta) não mata gente' (em contraste com o fumo)
avv(t)20140707_as (2)_00:06:59.448

- (600) **a-P**
n a-u-j tō
NEG 1-comer-NEG foc
[.nʃa'ʃu:'tʃo:]
'não comi (a rapadura)' (quando perguntado se a rapadura estava gostosa)
avv(t)20131029a_as (6)_00:00:19.746

- | | | | |
|---|------------------|------------------|---------------|
| (601) a-P | S | s-P | O |
| uɔu-momew | Maria | t o-mo te | remédio |
| 13-contar | Maria | PROP 3-dar | LUSIV remédio |
| [.u:gõmõ'me:w | ,ma:'ri:ɐ | ,to:'mõ:te | ʒe'me:dʒjo] |
| S | s-P | SAdv | |
| Pãtʃio | n o-kij-i tō | piaji-iw | |
| Pãtʃio NEG | 3-morrer-NEG FOC | noite/escuro-LOC | |
| [.pẽ:'tʃio: ,nõ:'ki'tʃõ: ,pia:'dʒiə] | | | |
| 'nós falamos (então, para a) Maria, que era para ela ter dado o remédio (para a febre dele).
Pãtʃio, ele não morreu durante a noite (pois Parazinho ficou acordado, cuidando dele).' | | | |
| avv(t)20140717_as (3)_00:19:42.465 | | | |

- | | | |
|------------------------------------|------------|-----------------|
| (602) [s-P | S]O | a-P |
| o-iɛ-a tō | Sebastião | n a-kwa-j |
| 3- vir -ARG FOC | Sebastião | NEG=1-saber-NEG |
| [.o:'iɛɐ tō | 'ma:tʃjẽw | na'kwa:j] |
| '(o) vir do Sebastião, eu não sei' | | |
| avv(t)20140715_as (5)_00:00:05.068 | | |

Focalização de predicados de base nominal

- (603) **(vocat) S=R¹-P**
 matʃa na ne Ø-ai-te-j tō
 Matʃa NEG 2=R¹-ter.dor-GEN-NEG FOC
 [ˈma:tʃɪ na ,nʰaiˈte: tʃō]
 'Matʃa, você não está sentindo dor?'
 avv(t)20131029a_as (4)_00:00:47.574

- (604) **R²-P O=R¹-P**
 não Ø-aime-te tō e tʃi Ø-kiti ne
 não R²-ser.afiado-GEN-FOC DÊIT 1=R¹-cortar INTENC
 [ˈnẽw̃ a,i:meˈte:ˈtō ˈe: ,tʃi ˈqitʃi ne]
 'Não, (a lâmina) é muito afiada, assim (a faca) vai me cortar'
 avv(t)20131030a_as (11)_00:00:17.016

Focalização de circunstâncias

- (605) **SAdv S SP**
 ko tō na i-pupe
 DÊIT FOC DÊIT R²-POSP(dentro)
 [ˈkɔ:tō ,na i:ˈpu:pe]
 'aqui, este (a bainha) dentro de(la)' (com referência à faca que não entrava completamente na bainha)
 avv(t)20131030a_as (11)_00:01:00.631

- (606) **SN SAdv**
 koj-a koem-i tō
 DÊIT-ARG manhã-LOC FOC
 [ˈqo:za qoˈẽ:mitō]
 'esta manhã (Maria vem)'
 avv(t)20131029a_as (4)_00:00:28.210

- (607) **SAdv A O=R¹-P**
 pe-pe tō mail-a awa-Ø Ø-apiti-j
 DÊIT-LOC FOC Branco-ARG pessoa-matar.muito-IND.II
 [ˌpe:peˈtō ,mai:lɔpˈwa:pitʃi]
 'há tempos/lá longe Branco matou muita gente'
 avv(t)20130329a_as (6)_00:00:39.528

- (608) **S s-P SP SAdv**
 awa-Ø t o-pukai pe Ø-pupe ekwe tō
 gente-ARG PROP 3-cantar DÊIT R¹-POSP DÊIT FOC
 [ˌa:ˈwa: tu ,pu:ˈya:j ,pe:ˈpo:pe ,e:kweˈtō]
 'eles, eles cantam (indo) dentro de lá (no poço onde se pesca) lá longe'
 avv(t)20120430a_as (9)_00:06:41.396

‘23 23-vir R²-comer-ARG
 [‘pe pe‘zɥ:ɐ ,i:‘u:ɐ]
 ‘vocês, vocês venham para o comer (de arroz)’
 avv(t)20140711_as (14)_00:05:33.557

Dêíticos

(614) **S** **O=R¹-P**
 ae awa-∅ ∅-juka
 DÊIT pessoa-ARG R¹-matar
 [‘ae: ,a:wɐ‘dzɥ:qɐ]
 ‘aquele (o peixe elétrico) mata gente’
 avv(t)20130913-17a_as (102)_00:03:01.988

(615) **S** **s-P**
 ae o-api-pai
 DÊIT 3-queimar-ASP(COMPL)
 [‘a:e ɣ^wa‘pi:pɐi]
 ‘aquele, ele se queimou todo, completamente’
 avv(t)20140711_as (23)-00:16:12.507

(616) **SN** **SAdv**
 ew-a ∅-puam-u
 DÊIT-ARG R²-em.pé-TRANSL
 [,ɛ:wa‘pũ:ẽmõ]
 ‘este, na qualidade de estando deitado’ (foi pedido: ele está de pé’, logo após dizer que ele estava sentado)
 avv(t)20121015a_as (49)_00:00:17.534

Na família Tupí-Guaraní há somente outra língua descrita que marca foco de maneira análoga à marcação do Av.C-T, a língua Araweté (subramo V), por meio da partícula de foco *ku* (cf. VIEIRA & LEITE, 1998; SOLANO, 2009). Segundo Solano (2009, p.379-386), *ku* “delimita qual escopo da proposição deve ser tomado pelo ouvinte como relevante do ponto de vista do falante”. Com isso, pode ser focalizado tanto o predicado, quanto o sujeito ou objeto da oração, bem como elementos circunstanciais (como sintagmas posposicionais, advérbios lexicais e orações no modo gerúndio), que, no caso, acionam o modo indicativo II se precedem o predicado.

Para a autora, quando *ku* co-ocorre com elementos topicalizados, este “acentua o escopo do que é topicalizado”. Nesse sentido, a autora sugere que, sendo o sujeito em orações SOV naturalmente mais tópico e podendo este ser focalizado por meio de *ku*, o uso desta partícula seria então “pragmaticamente condicionado, e que o fato de seguir também

constituintes sujeito em primeira posição, pode significar que este também está em posição de tópico extra-sentencial”. Segundo a autora, essa partícula de tópico em Araweté pode também marcar foco contrastivo. Reproduzimos abaixo alguns exemplos da autora para os contextos supracitados do Araweté, mantendo a numeração original.

Argumento sujeito

- (1136) **A** **O=R¹-P**
kumeʔe ku he Ø-pi-ika
 homem foc1 R¹-pé-cortar
 ‘o homem (enfermeiro) cortou o meu pé’ (SOLANO, 2009, p.381)
- (1137) **A** **O=R¹-P**
he ku ne Ø-uʔu
 1 foc 2 R¹-morder
 ‘Eu mordi você’ (SOLANO, 2009, p.381)

Argumento objeto

- (1140) **O** **A** **a-P** **R³-P** **SAdv**
pehi ku he a-mujĩ te-ʔẽ kaʔarume aʔi
 cesto foc 1 1-fazer 1CORR-estar.sentado ontem reit
 ‘cesto eu estava fazendo ontem’ (SOLANO, 2009, p.382)
- (1143) **O** **A** **a-P**
arapuha ku he a-ʔu
 veado foc 1 1-comer
 ‘veado eu comi’ (SOLANO, 2009, p.382)

Predicado

- (1133) **O=R¹-P**
he Ø-nupĩ ku
 1 R¹-bater foc
 ‘ele me bateu’ (SOLANO, 2009, p.381)
- (1135) **a-P** **O**
u-pẽ ku he Ø-jiete
 3-quebrar foc 1 R¹-machado
 ‘ele quebrou meu machado’ (SOLANO, 2009, p.381)

Circunstâncias

- (1146) **SAdv** **S=R¹-P**
kaʔa Ø-iwe ku he Ø-tʃe

mato R¹-CI FOC 1 R¹-dormir
 ‘dentro do mato, eu dormi’ (SOLANO, 2009, p.383)

- (1148) **SAdv** **O** **a-P**
haʔiwe ku akaju u-tĩ
 amanhã foc caju 3-plantar
 ‘amanhã, eu plantarei caju’ (SOLANO, 2009, p.383)

- (1149) **SAdv** **S=R¹-P**
pẽ n-etfa ku he r-uji
 23 R¹-ver foc 1 R¹-voltar
 ‘eu voltei para ver vocês’ (SOLANO, 2009, p.384)

Foco contrastivo

- (1155) **A** **O** **a-P** **a-P** **A**
Neura ku atfaʔi u-tfai u-tfai ja Eliete
 Neura foc açai 3-amassar 3-amassar NEG Eliete
 ‘foi a Neura que amassou o açai, não foi a Eliete’ (SOLANO, 2009, p.385)

- (1156) **A** **O** **a-P** **a-P** **A**
Kamarati ku iwahu u-ʔu u-ʔu já Ajajuru
 Kamarati FOC mel 3-comer 3-comer NEG Ajajuru
 ‘foi a Kamarati que comeu o mel, não foi o Ajajuru’ (SOLANO, 2009 p.386)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação de mestrado apresentamos um aprofundamento da descrição acerca de aspectos da fonologia, morfologia e sintaxe da língua Avá-Canoeiro do Tocantins.

Descrevemos a fonologia segmental e processos fonológicos e morfofonológicos desta língua tomando como ponto de partida os estudos de Toral (1984/5) e de Borges (2006). Mostramos que o Av.C-T distingue 12 fonemas consonantais e 12 fonemas vocálicos, sendo estes últimos 6 orais e 6 nasais. Dentre os processos fonológicos e morfofonológicos ocorridos em Av.C-T, é importante destacar aqueles que operam na atualidade para a manutenção das consoantes finais da língua. Esse é o caso, principalmente, da inserção vocálica, que engendra mudanças na expressão de sufixos com alomorfes vocálicos ocorrendo após temas terminados por consoantes, como o caso argumentativo, casos locativos e sufixo de modo gerúndio. Buscamos, ainda na parte referente à fonologia, descrever algumas variações de natureza diageracional na alofonia de alguns fonemas do Avá-Canoeiro do Tocantins. Quanto a isso, é interessante notar que as modificações ocorridas na variedade dos mais jovens muito provavelmente sejam fruto de um contato mais intenso com o português.

Descrevemos, no capítulo relativo à morfossintaxe, a diferença entre nomes relativos e absolutos e entre nomes e verbos na língua, bem como a diferença entre argumentos e predicados. No que diz respeito à morfologia verbal, aprofundamos a descrição dos modos verbais do Av.C-T, trabalhando acerca dos modos indicativo I, indicativo II, imperativo e gerúndio. Na sequência, aprofundamos a descrição de aspectos da morfologia flexional, sobretudo no que tange à marcas de pessoa, flexão casual e flexão relacional. A língua Avá-Canoeiro possui, assim como outras línguas Tupí-Guaraní, um paradigma de sufixos casuais composto por um sufixo que marca os argumentos sintáticos de uma oração, em contraste com quatro casos de natureza locativa. Quanto à flexão relacional, o Av.C-T possui quatro prefixos relacionais: (a) o prefixo relacional 1, sinalizando a contiguidade sintática do determinante em relação ao determinado e compondo com ele um sintagma; (b) o prefixo relacional 2, sinalizando a não contiguidade sintática entre o determinado e o determinante; (c) o prefixo 3, sinalizando a identidade do determinante (não contíguo) com o sujeito da oração principal; e (d) o prefixo relacional 4, que sinaliza quando o determinante é um ser humano genérico.

No capítulo referente a aspectos da sintaxe do Av.C-T, estabelecemos a distinção entre argumento sintático, argumento marcado no núcleo do predicado, pivô semântico, tópico

e foco. A distinção inicial entre argumento sintático e argumento marcado no núcleo do predicado é fundamental para compreender tanto o fato dos primeiros não serem obrigatoriamente expressos e de suas ordens não serem condicionadas por fatores estritamente sintático, mas também pragmáticos; quanto dos argumentos marcados no núcleo do predicado por meio de prefixos pessoais expressarem tópico. A distinção dos dois tipos de argumento e de tópico é fundamental para entender a expressão do pivô em línguas como o Av.C-T e o Asuriní do Tocantins, uma vez que um predicado sem a expressão de argumentos sintáticos e marcas S/A em seu núcleo pode acionar correferencialidade em orações dependentes. Argumentamos, a partir de Foley e Van Valin (1984), que o pivô nestas línguas encontra-se na semântica dos predicados. Trabalhamos, em último lugar, com a expressão de foco em Av.C-T a partir da marcação de constituintes por meio da partícula *tõ*. Vimos que esta, além de marcar argumentos S/A e O, pode marcar também predicados e circunstâncias.

Na continuidade da pesquisa com a língua Avá-Canoeiro, buscaremos aprofundar a descrição já iniciada do Av.C-T e aprofundar a descrição da língua Av.C-A. Este estudo inicial de natureza descritiva será fundamental para, posteriormente, podermos nos debruçar sobre as diferenças entre essas variedades e outras línguas Tupí-Guaraní, com o fim de podermos colaborar junto à pesquisa de cunho histórico-comparativo das línguas Tupí-Guaraní setentrionais, sobretudo no que tange às migrações de falantes dos proto-subramos-IV-V-VI até os Av.C na atualidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (Org.). **The Amazon languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 107-124.

Anchieta, J. de, 1595. **Arte de grammatica da lingua mais usada na Costa do Brasil**. Coimbra. (Diversas reedições facsimilares: Leipzig: Teubner, 1876; Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, 1933; São Paulo: Anchieta, 1946; Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1980 e 1981; São Paulo: Loyola, 1990.)

ARAGON, Carolina C.. **Fonologia e aspectos morfológicos e sintáticos da língua Akuntsú**. (Tese de Doutorado) Brasília: UnB/LIP/PPGL, 2008

ASURINÍ, Poraké. **Arawawá**. In: *Livros de Relatos Asuriní 2*. ASURINÍ, Morosopía; RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suely A. C. (ORG). FALE/UFMG; SECAD/MEC, 2007, p.9.

BARBOSA, A. Lemos. **Curso de Tupí Antigo: gramática, exercícios, textos**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Gallimard, 1976 [1966].
_____. **Problèmes de linguistique générale II**. Paris: Gallimard, 1974.

BETTS, L. D.. **Dicionário Parintintin - Português, Português - Parintintin**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

BLEVINS, Juliette. **The Syllable in Phonological Theory**. In: _____. GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.

BORGES, Mônica Veloso. **O estudo do Avá: relato e reflexões sobre a análise de uma língua ameaçada de extinção**. In: _____. *LIAMES (Línguas Indígenas Americanas)*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2002, n° 2. 85-104pp.
_____. **Fonologia segmental do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**. Campinas: UNICAMP/IEL, (mimeo), 2003a.
_____. **Evidências fonológicas de parentesco genético entre Avá-Canoeiro e Tupi-Guarani**. Campinas: Unicamp/IEL (mimeo), 2003b.
_____. **Aspectos Fonológicos e Morfosintáticos da Língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**. Tese de Doutorado em Linguística. IEL-UNICAMP, 2006.

BORGES, Mônica Veloso & LEITÃO, Rosani Moreira. **O papel da Etnografia e da Linguística em projetos de educação indígena: o caso Avá-Canoeiro**. Comunicação apresentada no Seminário do Grupo de Estudos sobre Relações Interétnicas, realizado na Universidade de Brasília, no Departamento de Antropologia, em 17 de janeiro de 2003. (mimeo).

BROSELOW, Ellen. **Skeletal Positions and Moras**. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.

CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. **Prefixos relacionais em Asuriní do Tocantins**. *Moara*, Belém, v. 8, p. 7-24, jul./dez. 1997.
_____. **Flexão relacional na família Tupi-Guarani**. *Boletim da Abralín*, Fortaleza, n. 25, p. 233-262, dez. 2000.
_____. **O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupi-Guarani**. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall' Igna. *Estudos sobre línguas*

índigenas I. Belém: UFPA, 2001a. p. 117-145.

_____. **Observações sobre a história do morfema -a da família Tupi-Guarani.** In: F. Queixalós. (Org.). *Des noms et des verbs en tupi-guarani: état de la question.* 1ed. Muenchen: LIMCOM EUROPA, 2001b, v. 1, p. 133-162.

_____. **As Categorias Nome e Verbo em Zo'é.** In: Cabral, Ana Suelly A. C.; Rodrigues, Aryon D.. (Org.). *Línguas e Culturas Tupí.* Campinas: Curt Nimuendajú, 2007, v. I, p. 241-257.

_____. **Coesão discursiva e variabilidade dos constituintes oracionais na língua Zo'é vistos através de um relato de Jirusihú.** In: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall'igna Rodrigues; Fábio Bonfim Duarte. (Org.). *Línguas e Culturas Tupí 2.* 1ed. Campinas: Curt Nimuendajú, 2010, v. 1, p. 75-84.

CABRAL, Ana Suelly A. C. ; LOPES, Jorge D. ; SILVA, Ariel P. C.; SOUSA, Suseile A. **Esboço gramatical do Asunini do Trocará.** In: CABRAL, Ana Suelly et al. (Orgs.). *Contribuições para o Inventário da Língua Asuriní do Tocantins: Projeto Piloto para a Metodologia Geral do Inventário Nacional da Diversidade Linguística.* Brasília, DF: Laboratório de Línguas Índigenas/UnB, 2012.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; MAGALHÃES, Marina M. S.; OLIVEIRA, Sanderson de C. S. de.; ARAGON, Carolina C.. **Pesquisa linguística junto a grupos indígenas brasileiros de contato recente.** *Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UnB)*, v. 1, p. 1-12, 2008.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; MARTINS, Andrébio M.; CARRETA, Beatriz; OLIVEIRA, Sanderson, C. S. de.. **A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, por Aryon Dall'igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados.** In: *D.E.L.T.A*, n. 30 (especial), 2015, p.513-542. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502014000300513&lng=en&tlng=pt >, última visualização em mar./2015.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Dicionário Asuriní do Tocantins-Português.** Belém: UFPA/IFNOPAP; Brasília: UnB/IL/LALI, 2003.

_____. **O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupi-Guaraní.** Em: *Novos estudos sobre línguas indígenas*, org. por A. D. Rodrigues e A. S. A. C. Cabral, p. 47-58. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; SILVA, Ariel P. do C. e; SOUSA, Suseile A.. **Expressão do caso argumentativo em três línguas Tupi-Guaraní: Asuriní do Tocantins, Avá-Canoeiro e Zo'é.** In: *Anais do SILEL*, v.3, n.1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em < http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1900.pdf >, última visualização em mar./2015.

_____. **Esclarecendo o que são prefixos relacionais em Tupí e Macro-Jê. Tributo a Aryon Dall'igna Rodrigues.** Trabalho apresentado no I Encontro Internacional e VII Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO). Cidade de Goiás: UEG, 2014.

CALDAS, Raimunda B. C.. **Uma proposta de dicionário para a lí-ngua Ka'apór.** (Tese de Doutorado). Brasília: UnB/IL/LIP/PPGL, 2009.

CAMPBELL, L. R. **Language classification: history and method** (Lyle Campbell and William J. Poser). Cambridge: Cambridge U Press, 2008.

_____. **Glossary of historical linguistics.** Edinburgh: Edinburgh U Press; Salt Lake City: University of Utah Press. (L. Campbell and Mauricio Mixco), 2007.

_____. **Grammar from the Human Perspective: Case, Space, and Person in Finnish.** (Current Issues in Linguistic Theory, 277) Amsterdam: Benjamins. (Marja-Liisa Helasvuo and L. Campbell, eds.), 2006.

_____. **Grammaticalization: a critical assessment**, ed. by Lyle Campbell. (Special issue of *Language Sciences*, vol. 23, numbers 2-3.), 2001.

- _____. **Historical Linguistics: an Introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press. (396pp.), 1998.
- _____. **American Indian languages: the historical linguistics of Native America**. Oxford: Oxford University Press, 1997a.
- _____. **The Life of Language: Papers in Linguistics in Honor of William Bright**, ed. by Jane Hill, P.J. Mistry, and L. Campbell. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b.
- _____. **The Languages of Native America: An Historical and Comparative Assessment**. Austin: University of Texas Press. (L. Campbell and Marianne Mithun, editors), 1979.
- CHRIST, Catarina Lourdes. **Grupos de indígenas isolados no Mato Grosso**. In: *Relatório 2009: violência contra os povos indígenas no Brasil*: 132-141. Brasília: CIMI, 2009.
- CLEMEN, G. N. & HUME, Elizabeth V. **The Internal Organization of Speech Sounds**. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.
- COMRIE, B.. **Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems**(Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- _____. **Tense**. (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- _____. **Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology**. Oxford: Blackwell and Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- COSERIU, Eugène. **Sobre las Categorías Verbales (“partes de la oración”)**. Chile: Universidade de Tubinga, Revista de linguística teórica y aplicada - RLA, n.10, 1972, p.7-26.
- Psicologia e povos indígenas**. Conselho Regional de Psicologia (CRP) da 6ª Região (org). São Paulo: CRSPS, 2010.
- COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaya. 31 décembre mai 1897**. Paris, 1897.
- COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. **Viagem ao Araguaya**. Edição definitiva: São Paulo, 1902 [1863].
- CUNHA MATTOS, Raimundo José da.. **Chorographia historica da provincia de Goyaz**. Revista trimensal do Instituto histórico, geographico e ethnographico do Brasil. Rio de Janeiro, t. XXXVII, 1874, 1^{ère} partie, p.213-398; t. XXXVIII, 1875, 1^{ère} partie, p. 5-150.
- DIETRICH, Wolf. **El problema de la categoría del adjetivo en las lenguas tupí-guaraníes**. Hein van der Voort & Simon van de Kerke (eds.), *Indigenous Languages of Lowland South America* [Indigenous Languages of Latin America, 1], p. 255-263. Leiden: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), 2000.
- _____. **Cambio del orden de palabras em lenguas tupí-guaraníes**. In. *Cadernos de Etnolingüística*, v.1, n. 3, dez.2009. Disponível em < <http://www.etnolingüística.org/vol1:3> >, última visualização em mar./2015.
- DOBSON, Rose M.. **Aspectos da Língua Kayabí**. Série Lingüística N. 12. Brasília : Summer Institute of Linguistics, 1988.
- EVANS-PRITCHARD E. E.. **Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo**. In: _____. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p.243-255.
- EVERETT, Daniel. Don't sleep. There are snakes. New York : Pantheon Books, 2008.
- _____. **Language: the cultural tool**. New York : Pantheon Books, 2012.
- Figueira, L. [1687]. **Arte de grammatica da lingua brasilica** (2ª edição). Lisboa. Reprodução facsimilar: Leipzig: Teubner, 1878.

FOLEY, William A. e VAN VALIN Jr, Robert D.. **Functional syntax and universal grammar**. Cambridge University Press, Cambridge, 1984.

GOLDSMITH, John A. **Phonological Theory**. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.

GRANADO, Eliana. **Fronteiras étnicas e fronteiras éticas furnas e a gestão da questão indígena**. (Dissertação de mestrado). RJ: Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do brasil/ Programa de Pós graduação em História Política e Bens Culturais (PPHBC/CPDOC), 2005.

HARRISON, Carl. **Relatório Avá-Canoeiro**. Brasília: SIL, 1974. (Arquivo Linguístico n° 020).

JAKOBSON, Roman. **Princípios de Fonologia Histórica**. Tradução de Wilmar da Rocha D'Angelis. Campinas, SP: Curt Nimuendaju, 2008.

JENSEN, Cheryl. **Coreferential marking in Tupí-Guaraní languages**. Artigo apresentado na XIII Conferência Internacional de Linguística Histórica. Alemanha, Summer Institute of Linguistics: Belém, Brasil, 1997.

_____. **The use of coreferential and reflexive markers in Tupí-Guaraní languages**. *Journal of Amazonian Linguistics* 1(2): 1-49, 1998.

JOURDAN, Christine & TUIITE, Kevin. **Language, Culture and Society**. New York: Cambridge University Press, 2006.

LADEFOGED, Peter & MADDIESON, Iam. **The Sounds of the World's Languages**. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.

_____. **Vowels and Consonan: an Introduction to the Sounds of Languages**. Malden/MA, USA: Blackwell, 2001.

_____. **Phonetic Data Analysis: An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques**. Malden/MA, USA: Blackwell, 2003.

LAPLANTINE, François. **L'Anthropologie de la maladie**. Paris: Payot, 1993.

LEITÃO, Rosani Moreira. **A etnografia no projeto de educação Avá-Canoeiro**. Trabalho apresentado na 54ª Reunião Anual da SBPC, realizada em Goiânia-Goiás, em julho de 2002a.

_____. **Relato de experiências de pesquisa entre os Avá-Canoeiro: alternativas de registros etnográficos para um projeto de educação**. Comunicação apresentada no 5º Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul). Curitiba: UFPR, 2002b.

MAGALHÃES, Marina S.. **Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (família Tupí-Guaraní)**. (Tese de Doutorado em Linguística). Brasília: UnB/LIP/PPGL, 2007

MALINOWSKY, Bronislaw. **Introdução: Tema, método e objetivo desta pesquisa**. In: *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores) ZH, 2003 [1984].

MENDES, Adelino de L.; SANTOS, Marcelo. **Akuntsu**. In: Povos Indígenas no Brasil (PIB)/ Instituto Sócio-ambiental (ISA), 2005. Disponível em < <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/akuntsu/13> >. Última visualização em fev./2015.

MILLER, Eurico T.. **A cultura Cerâmica do Tronco Tupí no alto Ji-Paraná, Rondônia, Brasil: Algumas Reflexões Teóricas, Hipotéticas e Conclusivas**. In: *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, n. 1, p. 1-97, jul. 2009.

MINDLIN, Betty. **Antologia de mitos dos povos Ajuru, Arara, Arikapu, Aruá, Kanoe, Jabuti e Makurap**. São Paulo : Iamá, 1995.

- MISTIERY, Fernanda Regina. **Acento em línguas Tupí-Guaraní: uma análise comparada.** (Tese de Doutorado). Araraquara/SP: Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, 2013.
- MONSERRAT, R. M. F., SOARES, M. F. **Hierarquia referencial em línguas Tupí.** *Ensaio de Lingüística*, 9:164-187, Belo Horizonte, 1983.
- NATHAN, Tobie. La fabrication culturelle des humains. Centre Georges Devreux, 1999. Disponível em < <http://www.ethnopsychiatrie.net/fabr.htm> >. Última visualização em fev./2015.
- NICHOLSON, Velda. **Ordem Frasal de Cláusulas na Língua Asurini.** SIL, 1976a. _____ **Asurini Possessive Pronouns: Preliminary Version.** SIL, 1976b.
- NIMUENDAJU, Curt. **Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní.** In. *Zeitschrift für Ethnologie* n.46, 1914, p.284-403.
- OLSON, Roberta. **Dicionário por tópicos nas línguas oiampi (wajapĩ) – Português.** Brasil: Sociedade Internacional de linguística, 1978. Disponível em < <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/WPDict.pdf> >, última visualização em mar./2015.
- PAIVA, Anivaldo. **Elementos de fonologia Avá-Canoeiro.** (Dissertação de Mestrado). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1996.
- PAYNE, D.. **The Tupí-Guaraní inverse.** In FOX, B.; HOPPER, P.. *Voice, form and function.* Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994, p. 313:340
- PEDROSO, Dulce Madalena Rios. **Avá-Canoeiro: a história do povo invisível (século XVIII e XIX).** (Dissertação de Mestrado). Goiânia: Universidade Federal de Goiás/ICHL, 1992. _____ **Avá-Canoeiro: O Povo Invisível.** Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás/FURNAS Centrais Elétricas, 1994. _____ *et alii.* **Avá-Canoeiro: a terra, o homem, a luta.** Goiânia: Editora da UCG, 1990.
- PIKE, Kenneth. **Phonetics a Critical Account of Phonetic Theory and a Technique for the Pratical Description of Sounds.** Ann Arbor. The University of Michigan Press, 1943. _____ **Phonemics a Technique for Reducing to Writing.** Ann Arbor. The Universite or Michigan Press, 1947.
- RESTIVO, P. [1724]. **Arte de la lengua guaraní.** Pueblo de Sta. María la Mayor. Reprodução: Stuttgart, 1892.
- RIVET, Paul.. **Les Indiens Canoeiros.** Journal de la Société des Américanistes de Paris, 1924, n. s., tome XVI, p. 169-181.
- RODRIGUES, Aryon D.. **A composição em Tupi.** Separata de *Logos*, ano VI, n. 14. Curitiba, 1951. _____ **Morfologia do Verbo Tupi.** Letras, Curitiba, v. 1, p. 121-152, 1953. (Republicado na Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 3, n. 2, p. 63-86, jul. 2011). _____ **As Línguas 'Impuras' da Família Tupi-Guarani.** In: Congresso internacional de americanistas, 31, 1955. Anais. São Paulo. p. 1055-1071. (Republicado na *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 3, n. 1, p. 153-165, jul. 2012). _____ **Classification of Tupi-Guarani.** International Journal Of American Linguistics, BALTIMORE, v. 24, p. 231-234, 1958. _____ **A classificação do tronco linguístico Tupí.** *Revista de Antropologia*, v. 12, p. 99-104, jun./dez. 1964. (Republicado na *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 3, n. 2, p. 197-203, jul. 2012). _____ **Tarefas da linguística no Brasil.** *Estudos Lingüísticos – Revista Brasileira de Linguística*

- Teórica e Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 4-15, 1966.
- _____. **A estrutura do Tupinambá**. A estrutura do Tupinambá [1981]. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (Org.). *Línguas e Culturas Tupí* 2. Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília, DF: LALI/UnB, 2010. p. 167-203.
- _____. **Relações Internas na Família Linguística Tupi-Guarani**. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 27, p. 33-53, 1985.
- _____. **Argumento e Predicado Em Tupinambá**. Boletim da Associação Brasileira de Linguística, v. 19, p. 57-66, 1996.
- _____. **Sobre a natureza do caso argumentativo**. In: F. Queixalós. (Org.). *Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question*. 1ed.Munich: LINCOM Europa, 2001a, v. , p. 103-114.
- _____. **Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupí-Guaraní**. In: Ana Suely Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall'Igna Rodrigues. (Org.). *Estudos sobre Línguas Indígenas I*. 1ed.Belém, PA: Gráfica da UFPA, 2001b, v. , p. 87-100.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. **Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní**. In: CABRAL, A. S. A. C., RODRIGUES, A. D. (Orgs.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Tomo I. Belém: UFPA, 2002. p. 327-337.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna & CABRAL, Ana Suely A C . **Pronomes e marcas pessoais em línguas do tronco Tupí** . In: _____. I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, 2002, Belém, PA. *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história - Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém, PA: EDUFPA, 2001. v. 1.
- _____. **Investigando a Origem e o Desenvolvimento de Orações Dependentes nas Famílias do Tronco Linguístico Tupí**. Revista da ABRALIN, v. V, p. 11-32, 2006.
- _____. **Considerations on the concepts of language and dialect: a look on the case of Asuriní of Tocantins and Parakanã**. ReVEL. Special edition n. 3, 2009. [www.revel.inf.br/eng].
- _____. **Tupían**. In: _____. Lyle Campbell and Verónica Grondona. (Org.). *The Indigenous Languages of South America*. 1ed.Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2012, v. 2, p. 495-574.
- RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suely A. C. & CORRÊA DA SILVA, Beatriz Carretta.. **Evidências linguísticas para a reconstrução de um nominalizador de objeto *-mi- em Proto-Tupí**. In. *Estudos da Língua(gem)*, v. 4, n. 2, 2006, p. 21-39.
- RODRIGUES, Patrícia de M. **Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Taego Æwa**. 2012 (não publicado).
- _____. **Os Avá-Canoeiro do Araguaia e o tempo de cativoiro**. In: Anuário Antropológico/2012-I, 2013, p. 83-137. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202012_I/Os_Ava-Canoeiros_do_Araguaia_e_o_tempo_de_cativoiro_%20Patricia.pdf>. Último acesso em nov. 2014.
- SAKEL, Jeanette & EVERETT, Daniel. **Linguistic Fieldwork: A Student Guide**. New York: Cambridge University Press, 2012.
- SAPIR, Edward. **Culture, Language and Personality**. (selected essays edited by David G. Mandelbaum). Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1949.
- SEKI, Lucy. **Gramática do Kamayurá, língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- SILVA, A. P. C. e. **Relatório Anual (2012/2013) do projeto Assessoria Linguística Junto aos Avá-Canoeiro**. Brasília, 2014a, m/s.
- _____. **Relatório de Viagem**. Brasília, 2014b, m/s.
- _____. **Flexão casual em Avá-Canoeiro do Tocantins**. Apresentação de Comunicação no 29º

Encontro Nacional da ANPOLL. Florianópolis/SC, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014c. _____. **Flexão relacional em Avá-Canoeiro: uma perspectiva diageracional**. Apresentação de Comunicação no IV Encontro Internacional Tupí. Ji-Parana/RO, Universidade Federal de Rondônia, 2013.

SILVA, Auristéa C. S.. **Correferencialidade em Parakanã**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belém/UFPA, 1999.

SILVA, Carmem Lúcia da. **Em busca da sociedade perdida – o trabalho da memória Xetá**. (Tese de Doutorado em Antropologia). Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

SILVA, Cristhian Teófilo da. **Cativando Maira: a sobrevivência Avá-Canoeiro no alto Rio Tocantins**. (Tese de Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília/ DAN, 2005.

SILVA, Lorrane Gomes da. **Avá-Canoeiro: conflitos no cerrado do norte goiano – a resistência dos bravos**. (dissertação de mestrado). Goiânia, Universidade Federal de Goiás/IESA, 2010. _____. **Avá-Canoeiro: guardiões do Cerrado do Norte Goiano**. In: __ Ateliê Gráfico Revista Eletrônica. Goiânia: UFG/IESA, 2010a, v.4, n.1, pp. 116-138. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/16685>>, último acesso em dez. 2013.

SILVA, Tabita Fernandes da. **História da Língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família linguística Tupi-Guarani do Tronco Tupi**. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2010.

SOLANO, Eliete de Jesus Bararua. **Descrição Gramatical da Língua Araweté**. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2009.

STORTO, Luciana R.; DEMOLIM, Didier. **The phonetics and phonology of South American Languages**. In: __ CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). *The indigenous languages of South America: A comprehensive Guide*. Berlin/Boston: Lyle Campbell e Verónica Grondona, 2012. p. 331-390.

TESNIÈRE, Lucien. **Éléments de syntaxe structurale**. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.

TORAL, André Amaral. **Os índios negros ou os Carijó de Goiás: a história dos Avá-Canoeiro**. Revista de Antropologia. Volumes XXVII/XXVIII. São Paulo: USP, 1984/5. 287-325pp. _____. **Vocabulário Avá-Canoeiro**. s/d. (mimeo).

TOSTA, Lena. **“Homi matou papai meu”: uma situação histórica dos Avá-Canoeiro**. (Monografia de Final de Curso). Brasília: UnB, 1997.

TRUBETZKOY, N. S. **Principles of Phonology**. Tradução de Christiane A. M. Baltaxe. Los Angeles: University of California Press, 1969.

VIEIRA, Márcia M. D.. **A Manifestação de Tópico e Foco em Línguas da Família Tupi-Guaraní**. In. *D.E.L.T.A.*, n.30 (especial), 2015 p.659-683. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502014000300659&lng=en&tlng=pt>, última visualização em mar./2015.

VIEIRA & LEITE, Yonne F.. **Observações Preliminares sobre a Língua Araweté**. In. *Moara – Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras*. Belém: UFPA, n.9, 1998, p.7-31.

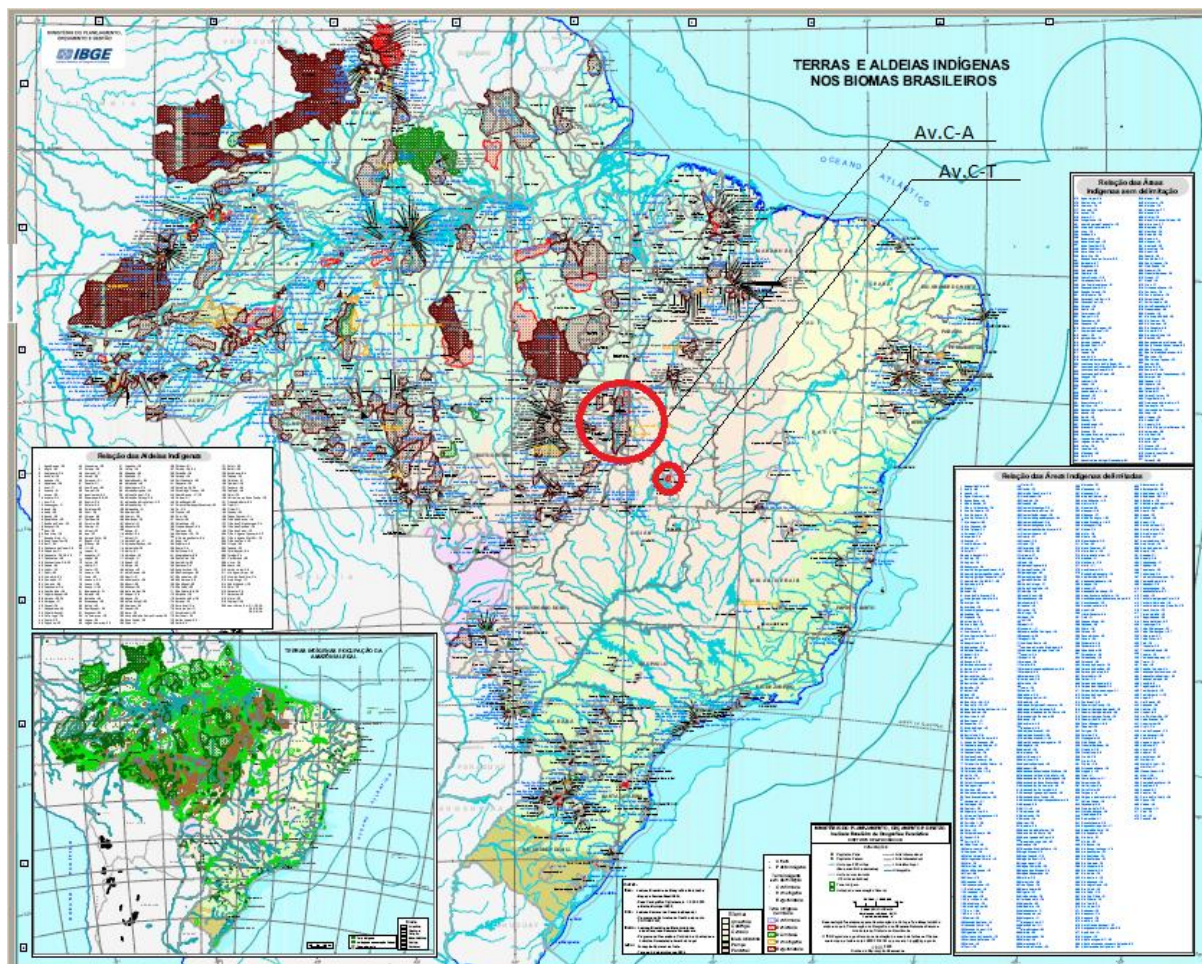
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena**.

In. *O que nos faz pensar*, 2004, p. 225-253. Disponível em <http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/perspectivismo_e_multipluralismo_na_america_indigena/n18EduardoViveiros.pdf> última visualização em mar./2015.

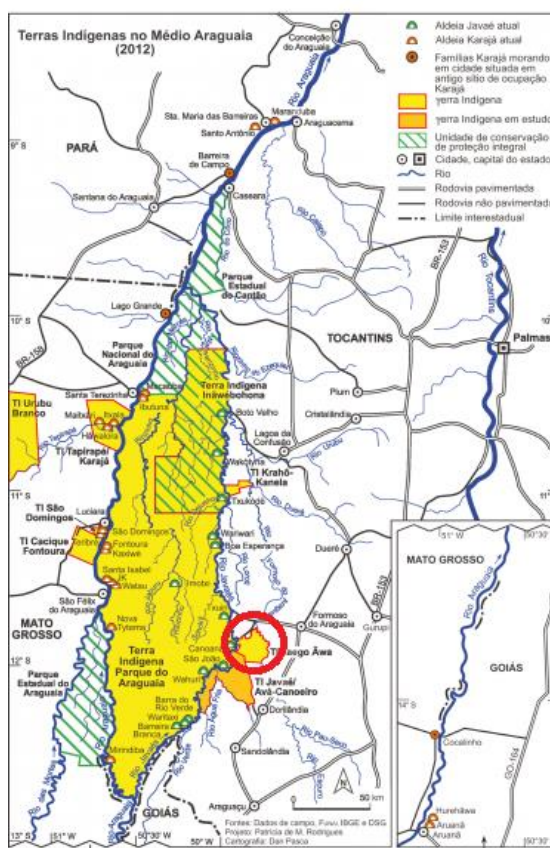
6. ANEXOS

6.1. ANEXO A – MAPAS

Mapa 1 - Localização dos Av.C-T e Av.C-A⁵⁵



⁵⁵ Fonte: FUNAI/IBGE, disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/servicos/geoprocessamento>> última visualização em fev./2015

Mapa 2 - Localização da Terra Indígena Avá-Canoeiro (Av.C-T)⁵⁶Mapa 3 - Localização da Terra Indígena Taego Æwa (AV.C-A)⁵⁷

56

Fonte:

FUNAI/IBGE

(seleção),

disponível

em:

<<http://www.funai.gov.br/index.php/servicos/geoprocessamento>> última visualização em fev./2015

57 Fonte: (RODRIGUES, 2012, p.xxiv)

6.2. ANEXO B – FOTOS

6.2.1. 1ª Ida a campo



Foto 1 - Casa anterior dos Av.C-T (Autor: Egipson Correia)



Foto 2 - Conversa com Iawi Avá-Canoeiro (Autor: Egipson Correia)

6.2.2. 2ª Ida a campo



Foto 3 - Tuia Avá-Canoeiro fazendo um trançado com linhas de algodão



Foto 4 - Iawi colhendo mel



Foto 5 - Iawi colhendo mel de marimbondo



Foto 6 - Tuia levando o mel de marimbondo recém colhido



Foto 7 - Iawi fabricando um cabo de machado



Foto 8 - Iawi mostrando a cobra que havia matado duas de suas galinhas na madrugada anterior



Foto 9 - Nakwatxa indo fechar o galinheiro ao final da tarde



Foto 10 - Matxa tocando uma flauta adaptada por Iawi



Foto 11 - Iawi explicando a ação contida em imagens de revistas e livros



Foto 12 - Iawi lendo as imagens contidas em um livro didático, Tuia está atrás, descansando

6.2.3. 3ª Ida a campo



Foto 13 – Trumak selecionando os melhores *takwali* para fazer flechas



Foto 14 - Trumak acertando o tamanho ideal para a futura flecha



Foto 15 - Marinho Tapirapé (Parazinho), Pãtxiô e Niawtima Avá-Canoeiro

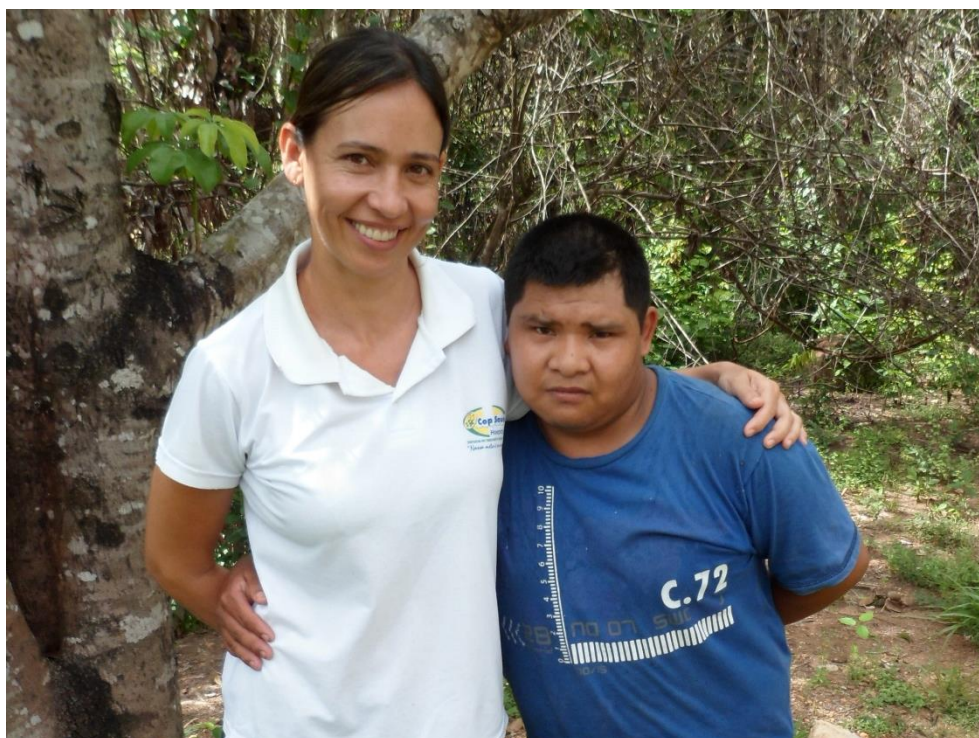


Foto 16 - Maria Antônia (enfermeira da SESAI) e Trumak Avá-Canoeiro

6.2.4. 4ª Ida a campo



Foto 17 - Iawi e Tuia Avá-Canoeiro



Foto 18 - Iawi e Tuia indo caçar paca



Foto 19 - Iawi montando sua rede em um pequizeiro para esperar pela paca



Foto 20 – O resultado da caçada de Iawi



Foto 21 - Iawi, em uma das idas a casa anterior, mostrando o bico de um tucano



Foto 22 - Iawi fritando bananas



Foto 23 - Matxa cultivando fumo atrás de casa



Foto 24 - Iawi descascando mandioca

6.2.5. 5ª Ida a campo



Foto 25 - Iawi fabricando velas mais finas a partir de outras que os haviam entregado

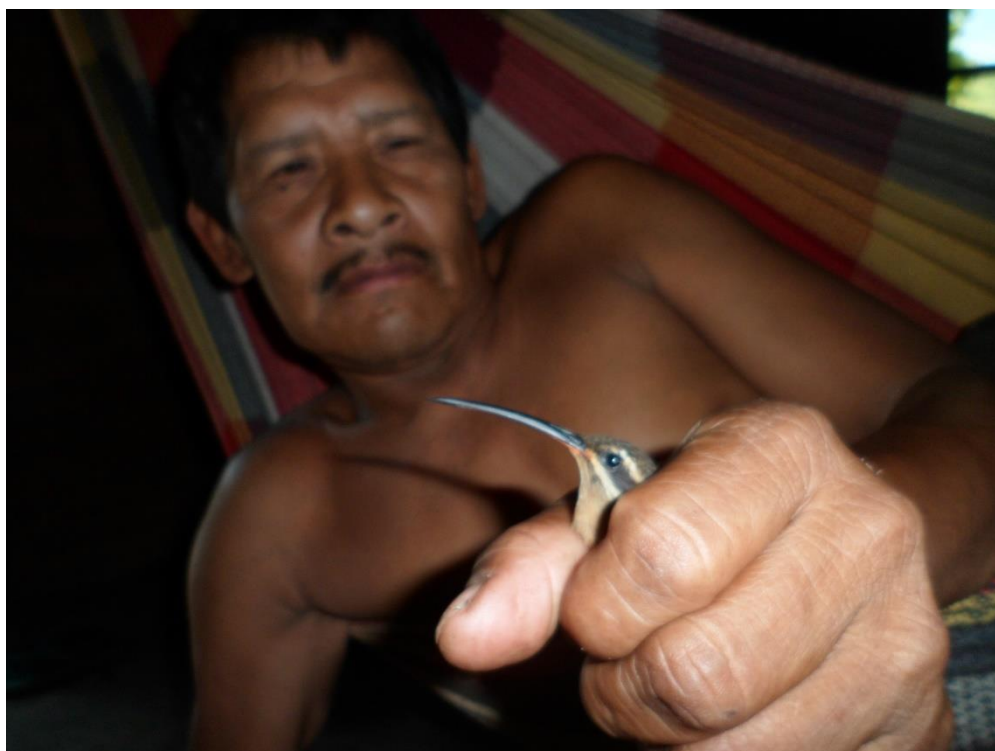


Foto 26 - Iawi com um beija-flor, cuja carne é muito apreciada por Tuia

6.2.6. 6ª Ida a campo



Foto 27 - Iawi e Tuia colhendo limões na casa anterior



Foto 28 - Iawi separando os feijões para cozinhar

6.2.7. 7ª Ida a campo



Foto 29 - Aula de elaboração e aprendizagem do alfabeto da língua Av,C-T



Foto 30 - Aula de elaboração e aprendizagem do alfabeto da língua Av,C-T



Foto 31 - Ariel (linguista), Niwatima, Marinho e Pãtxio, Sebastião (auxiliar de serviços gerais), Trumak e Iawi



Foto 32 - Iawi Avá-Canoeiro e Ariel (linguista)